

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAEd- CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

CORINA BASTOS BITU

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA ANÁLISE DA ESCOLA ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA**

JUIZ DE FORA

2014

CORINA BASTOS BITU

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA ANÁLISE DA ESCOLA ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à conclusão do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert

JUIZ DE FORA

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

CORINA BASTOS BITU

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA ANÁLISE DA ESCOLA ESTADUAL
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora designada pela Equipe de
Dissertação do Mestrado Profissional CAEd / FAGED / UFJF, aprovada em
___/___/___.

Prof. Dr. Luiz Flávio Neubert - Orientador

Membro da banca

Membro da banca

Juiz de Fora, de .agosto de 2014

Agradecimentos

Realmente esta não foi uma caminhada fácil e, sim, um percurso que, por muitas vezes, parecia infinito. Conciliar trabalho, família, vida pessoal e, principalmente, as leituras, os fóruns, os trabalhos individuais, as wikis e a escrita da dissertação foi um grande desafio. Entretanto, graças a Deus, aos professores, tutores e amigos dessa longa jornada, esses desafios só aumentaram a certeza de que somos capazes quando queremos.

São muitos os agradecimentos que eu gostaria de fazer:

DEUS vem em primeiro lugar, sem Ele estou certa de que hoje não estaria comemorando mais essa vitória na minha vida.

À equipe da escola pesquisada, núcleo gestor, professores, alunos, funcionários e pais, pela contribuição com seus saberes teóricos e práticos, por serem pioneiros na missão de implementar, nas suas práticas pedagógicas, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula.

Ao meu Orientador, Professor Dr. Luiz Flávio Neubert, profissional competente, obrigada pelo compromisso assumido e pelo constante incentivo e confiança depositados na minha capacidade de pesquisadora.

À Ana Paula Lima e ao Vitor Fonseca Figueiredo que, da primeira à última página desse trabalho, foram incansáveis na orientação, motivação, acompanhando, ouvindo e corrigindo didaticamente - nos famosos balõezinhos - as dicas importantes que iriam facilitar o desenvolvimento do trabalho. Vocês são conhecidos como “asas” e penso que esse seja um nome perfeito ao trabalho que realizam, pois vocês deram asas à minha imaginação.

Aos meus colegas de trabalho, Isabela Bitu de Moraes Lima, Marta Verônica Correia Ribeiro, Paulo Fragoso e, principalmente, Gecilvone Passos Gonçalves, que foi companheira e anjo da guarda, inclusive nas viagens até Pentecoste.

Às amigas do curso, especialmente à companheira fiel de quarto, Silvana Ribeiro Dias Vieira, que sempre esteve ao meu lado, dividindo comigo as preocupações e somando as alegrias dessa conquista.

Ao meu filho, Milton Bitu Pinheiro, por entender tantas ausências, até mesmo quando estávamos juntos.

Todos vocês são coautores deste trabalho.

“O meu sonho é que a gente possa ser forte o suficiente para influenciar o desenvolvimento das escolas públicas. Minha vontade era que, daqui a dez anos, dissesse que o PRECE foi feito por um grupo de pessoas que sonhou, mas que hoje a gente não precisa mais dele, porque a escola é muito boa, ensina” (ANDRADE NETO, entrevista em 07/05/2014)

RESUMO

Esta dissertação analisa a aplicação da Metodologia da Aprendizagem Cooperativa em uma escola estadual de Educação Profissional do estado do Ceará. O objetivo é saber de que forma a aplicação dessa metodologia se desenvolve na prática cotidiana da sala de aula de uma escola formal, haja vista que a utilização da metodologia na região está associada a iniciativas autônomas e informais de grupos de jovens como o Programa de Células Cooperativas-PRECE. A realização deste trabalho foi fundamentada em autores que desenvolvem estudos sobre a metodologia cooperativa, tais como: Lopes & Silva (2009), que desenvolvem reflexões sobre como se desenvolve a prática do método em sala de aula; os irmãos David W. Johnson e Rogers T. Johnson (1998), que apresentam os cinco elementos da Aprendizagem Cooperativa; Casassus, que desenvolve estudos sobre a educação emocional e Andrade Neto e Mazzetto (2007), que analisam a Aprendizagem Cooperativa do PRECE. Como instrumentos metodológicos foram utilizados entrevistas e questionários aplicados aos profissionais e alunos da escola analisada. Ademais, foram analisados os documentos internos da instituição, tais como o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar. As pesquisas empreendidas apontaram que existem dificuldades na implementação do método da Aprendizagem Cooperativa as quais são enfrentadas pelos professores da Base Nacional Comum e, principalmente, pelos professores da base técnica. Assim, propõe-se um Plano de Ação Educacional com o objetivo de contribuir com ações concretas para a melhoria da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na sala de aula. A Proposta de Intervenção consta de três ações. A primeira ação consiste em promover capacitações constantes sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa com os docentes da escola. A segunda ação pretende criar na escola uma coordenação para efetivar a articulação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada pelos professores da base comum com os professores da base técnica. A terceira ação tem como meta criar, junto à Secretaria de Educação Municipal, uma equipe de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas municipais. Todas essas ações foram apresentadas tendo como foco a atuação do professor e do aluno como protagonistas do processo de implementação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa.

Palavras-chave: Aprendizagem Cooperativa; PRECE, Educação em tempo integral.

ABSTRACT

This dissertation analyses the development of the Cooperative Learning Methodology in a professional education public school in the state of Ceará. The objective is to know how the Cooperative Learning Methodology is put into practice in a formal classroom, considering that its use in this region is associated with autonomous and informal initiatives of youth groups such as the Cooperative Cells Program - PRECE. The researches undertaken for this dissertation have showed that there are difficulties in implementing of this methodology faced by common national basis teachers and, mainly by technical base teachers. This work was based on authors who develop studies on cooperative methodology, such as: Lopes & Silva (2009) who developed reflections about the application of this method in classrooms. The brothers David W. Johnson and Rogers T. Johnson (1998), presenting the five elements of Cooperative Learning; Casassus, which conducts studies on emotional education and Andrade Neto and Mazzetto (2007) which examine the PRECE Cooperative Learning PRAYER. This study has involved the use of sources such as interviews and questionnaires applied to professionals and students in the selected school. Moreover, the internal documents of the institution, such as the Pedagogical and Political Project and School Rules were analyzed. At work we highlight the development of an Education Action Plan aiming to contribute with concrete actions to improve the Cooperative Learning Methodology in the classroom. The intervention proposal consists of three actions. The first action is to promote constant training on this methodology with the school teachers. The second action intends to create a coordinating school to effect articulation of Cooperative Learning Methodology implemented by common national basis and technical base teachers. And the third action aims to establish with the Secretary of Municipal Education a team of Cooperative Learning Methodology dissemination in municipal schools. All these actions were presented focusing on the role of teacher and student as actors in the process of implementing the Cooperative Learning Methodology in Professional Education Public School Alan Pine Tabosa.

Key-words: Cooperative Learning; PRECE, Full time education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Percepção dos alunos sobre Aprendizagem Cooperativa.....	54
Gráfico 02- Dificuldade dos alunos com a aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa.....	55
Gráfico 03- Aprendizagem Cooperativa X Aprendizagem tradicional.....	56
Gráfico 04- O que os alunos gostam e o que não gostam na Aprendizagem Cooperativa.....	57
Gráfico 05- O que os alunos não gostam na Aprendizagem Cooperativa...	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Classificação dos Grupos Cooperativos.....	79
Quadro 02 – Roteiro de aulas de Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa.....	97
Quadro 03 – Plano de Ação Escolar- Ação 1- Promover capacitações da Metodologia da Aprendizagem Cooperativa com docentes da escola.....	121
Quadro 04 – Plano de Ação Escolar- Ação 2- Criar uma comissão de articulação da Metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada pelos professores da Base Nacional Comum e pelos professores da base técnica.....	125
Quadro 05 - Plano de Ação escolar- Ação 3- Criar junto à Secretaria de Educação Municipal uma equipe de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas municipais.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS

CAEd – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CEB- Câmara de Educação Básica
CEJA- Centro de Educação de Jovens e Adultos
CENTEC- Instituto Centro de Ensino Tecnológico
CNE- Conselho Nacional de Educação
COFAC- Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa
CVT- Centro Vocacional Tecnológico
CREDE- Centro Educacional de Desenvolvimento da Educação
DNOCS- Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EEEP- Escola Estadual de Educação Profissional
EPC- Escolas Populares Cooperativas
ICE- Instituto de Corresponsabilidade pela Educação
LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC- Ministério da Educação
PAE- Plano de Ação Educacional
PPDT- Projeto Professor Diretor de Turma
PRECE- Programa de Educação em Células Cooperativas
PROCENTRO- Centros de Ensino Experimental de Pernambuco
SEDUC-CE- Secretariada Educação do Estado do Ceará
TEO- Tecnologia Empresarial Odebrecht
TESE- Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional
UFC- Universidade Federal do Ceará
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A APRENDIZAGEM COOPERATIVA DA EEEP ALAN PINHO TABOSA: UMA PERSPECTIVA DIFERENTE DE EDUCAR PARA A CIDADANIA.....	20
1.1 Programa de Educação em Células Cooperativas PRECE: origem e desafios.....	23
1.2 Contexto de surgimento da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa.....	26
1.3 A infraestrutura e a organização pedagógica da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa.....	34
1.4 A implementação do Método da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.....	39
1.5 A percepção dos sujeitos envolvidos na metodologia da Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa.....	42
1.6 A percepção dos gestores sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa.....	43
1.7 A percepção dos alunos sobre a metodologia Aprendizagem Cooperativa.....	53
2. OS MODELOS QUE FUNDAMENTAM A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA: METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA DO PRECE E A METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA NORTE-AMERICANA.....	64
2.1 Metodologia da Aprendizagem Cooperativa do PRECE.....	65
2.1.1 Diretrizes do PRECE.....	68
2.2 Metodologia da Aprendizagem Cooperativa Norte-Americana sistematizada pelos irmãos Johnson & Johnson.....	75
2.2.1 Diretrizes da Aprendizagem Cooperativa Norte-Americana sistematizada pelos irmãos Johnson & Johnson.....	80
2.2.2 O papel do professor na fase da pré-implementação.....	85

2.2.3 O papel do professor na fase da implementação.....	87
2.2.4 O papel do professor na fase da pós-implementação.....	88
2.2.5 O papel dos alunos nas fases da pré-implementação, implementação e pós-implementação.....	89
2.3 Metodologia da aprendizagem cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa.....	91
2.4 Análises dos dados.....	105
3. PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: BUSCANDO CAMINHOS PARA A MELHORIA DO MODELO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA EEEP ALAN PINHO TABOSA.....	114
3.1. Ação 1.....	116
3.1.1 Objetivos específicos da ação.....	117
3.2. Ação 2.....	122
3.2.1 Objetivos específicos da ação.....	122
3.3 Ação 3.....	126
3.3.1 Objetivos específicos da ação.....	126
3.3.2 Metodologia.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
LISTA DE ENTREVISTADOS.....	133
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXOS.....	138

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa possui como problema a seguinte questão: como a metodologia da Aprendizagem Cooperativa está sendo aplicada na Escola de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa? O questionamento parte da constatação de que, até o momento, o modelo de ensino e aprendizagem adotado na escola, baseado nas teorias norte-americanas de aprendizagem cooperativa e na experiência cearense do Programa de Educação em Células Cooperativas/PRECE, não foi submetido a um processo de análise capaz de inferir os seus desafios e as suas potencialidades.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é saber de que forma a aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa se desenvolve na prática cotidiana da sala de aula de uma escola formal, haja vista que a origem do PRECE está associada às iniciativas autônomas e informais de grupos de jovens.

A EEEP Alan Pinho Tabosa, localizada no município de Pentecoste, é a primeira instituição formal do Ceará a implantar o modelo da Aprendizagem Cooperativa. A cidade de Pentecoste está localizada na região que pode ser considerada como o berço da Aprendizagem Cooperativa no Estado, estando a escolha dessa escola para análise relacionada à estreita ligação da comunidade com a história dessa metodologia.

A Aprendizagem Cooperativa surgiu de uma experiência na comunidade rural de Cipó, quando sete estudantes resolveram se reunir para estudar em grupo com o objetivo de concluírem o Ensino Fundamental e Médio. Para tal, esses estudantes contaram com a ajuda do professor Manoel Andrade Neto, professor da Universidade Federal do Ceará – UFC, nascido naquele município (MIRANDA, 2011).

O principal articulador desse movimento foi e continua sendo o professor Manoel Andrade Neto. Para ele, o seu papel pode ser resumido assim:

Eu me considero um estimulador devido a uma paixão pela minha comunidade e a um senso de responsabilidade. Eu me envolvi com essa ação. O que eu fiz e ainda hoje faço, eu estimo as pessoas, eu coloco a minha energia para estimular as pessoas. Desde o início eu tenho um envolvimento histórico muito forte e posso dizer que liderei um movimento com as

peessoas que não tinham professores e nem tinham escolas. Eu estimei eles a compartilhar o pouco conhecimento que eles tinham. Eu fiz isso na minha vida estudantil. Obviamente por ser eu a pessoa mais adiantada, a que tinha mais formação, eu estava sempre na frente e aprendendo muito e ganhando confiança e credibilidade das outras pessoas. (ANDRADE NETO, 2014¹).

Essa experiência informal passou a chamar a atenção quando seis dos sete estudantes conseguiram ser aprovados no vestibular da Universidade Federal do Ceará- UFC, em 1996, nos cursos de Licenciatura em Química, Teologia, Agronomia, História e Pedagogia. Segundo o professor Manoel, eles conseguiram vencer suas dificuldades de aprendizagem, suas limitações e seus obstáculos cooperando entre si. O seu exemplo de cooperação e solidariedade foi muito importante. As pessoas vinham de outras comunidades e começaram a imitar esses jovens.

O sucesso das aprovações ganhou destaque, espalhando-se logo para outros municípios, o que motivou e contribuiu para a formação de outros grupos de estudo, visto que entrar na universidade pública era um privilégio somente para os filhos de famílias ricas. Todavia, os grupos de estudo mostraram que filhos de agricultores e vaqueiros também possuíam potencial para obter bons resultados no campo educacional e, assim, conseguirem o ingresso na universidade (MIRANDA, BARBOSA & MOISES, 2011).

A partir de então, a história desses sete estudantes começou a ser conhecida como o Programa de Educação em Células Cooperativas - PRECE. Atualmente, já se contabilizam mais de 700 estudantes² aprovados na Universidade Federal do Ceará que passaram por esse programa (MIRANDA, BARBOSA & MOISES, 2011).

Esse comportamento egocêntrico dos estudantes é vigente nas escolas atuais e dá destaque a uma aprendizagem individual e competitiva, reforçando o individualismo, a exclusão e também um sentimento de inadaptação dos educandos que não conseguem um melhor aproveitamento, uma vez que o

¹ A lista de todos os entrevistados com as respectivas datas das entrevistas encontra-se ao final deste trabalho.

² Os estudantes foram sendo aprovados a cada ano. O ano de início dessas aprovações foi 1996 e até hoje o PRECE comemora aprovações de seus alunos nas universidades públicas.

sucesso de cada aluno, não raro, depende do fracasso dos outros (LOPES & SILVA, 2009).

Nesse sentido, uma nova cultura de aprendizagem propõe que esta seja também uma atividade social e não apenas uma atividade individual e particular. Tendo em conta a importância da dimensão social na aprendizagem, surgiu a metodologia Aprendizagem Cooperativa, que utiliza a interação com o outro – educador/aluno, aluno/aluno, entre outros – como um recurso para facilitar e promover a aprendizagem (LOPES & SILVA, 2009).

A Aprendizagem Cooperativa (AC) não é uma metodologia nova. Sua origem remonta ao início dos processos de aprendizagem na história humana e, atualmente, configura-se como uma possibilidade de minimizar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, ao passo que harmoniza, humaniza e compartilha saberes. Os estudantes trabalham juntos, em grupos heterogêneos para resolver um problema, concluir um projeto ou algum outro objetivo pedagógico (LOPES & SILVA, 2009).

No Renascimento, Johann Amos Comenius acreditava que os alunos eram beneficiados com essa troca de conhecimento e que aprendiam quando ensinavam e eram ensinados por outros. Esse pensamento está na sua obra *Didactica Magna* de 1592 (LOPES & SILVA, 2009).

As definições sobre a Aprendizagem Cooperativa sugerem a ideia de cooperação mútua. Para Johnson e Johnson (1993, *apud* LOPES & SILVA, 2009), ela deve ser entendida como um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos, de tal modo que os alunos trabalhem em conjunto para maximizar a aprendizagem. Para Falthman e Klessner (1993, p.128, *apud* LOPES & SILVA, 2009), Aprendizagem Cooperativa é o trabalho em grupo que se estrutura de forma cuidadosa, em que todos os alunos possam interagir, trocar informações e, ainda, serem avaliados de forma individual pelo seu trabalho.

A Aprendizagem Cooperativa é definida por Balckom (1992, *apud* LOPES & SILVA, 2009) como sendo uma estratégia de ensino em pequenos grupos de alunos com níveis diferentes de aprendizado que utilizam atividades variadas com o propósito de melhorar a compreensão do assunto em pauta. Desse modo, os membros do grupo são responsáveis não somente em aprender o que é ensinado, mas também de ajudar os colegas a se

apropriarem do conhecimento. Portanto, o estudo em grupo cria uma atmosfera de aprendizagem.

O sentido da metodologia da Aprendizagem Cooperativa é o de que se estabeleça o espírito da parceria entre os alunos. Assim, eles podem se ajudar no processo ensino-aprendizagem. A aprendizagem, utilizando-se dos métodos cooperativos, pode produzir ganhos mais significativos que a aprendizagem solitária. O benefício pode se estender ainda a situações futuras de trabalho, visto que, cada vez mais, as atividades exigem pessoas que estejam aptas ao trabalho cooperativo.

Nomeia-se esse modelo de Aprendizagem Cooperativa devido às influências metodológicas da teoria norte-americana de aprendizagem dos irmãos David W. Johnson e Rogers T. Johnson (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1987)³, embora se diferencie em alguns aspectos, dentre eles, a estrutura no processo ensino-aprendizagem e a não informalidade como acontecia nas experiências desses primeiros estudantes do sítio Cipó.

Segundo Miranda, Barbosa & Moises (2011), a Aprendizagem Cooperativa do PRECE iniciou-se com uma experiência informal em educação, que ganhou força como um movimento social, permeando os espaços formais de educação através de parcerias com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) e com a Universidade Federal do Ceará - UFC.

Para analisarmos a Aprendizagem Cooperativa desenvolvida no interior do Ceará, a pesquisa de campo deste trabalho foi desenvolvida por meio da observação do cotidiano da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, por meio de entrevistas semiestruturadas e de questionários. As entrevistas foram realizadas com cinco membros que compõem a equipe gestora da unidade e com coordenadores da área técnica. Estes possuem uma carga horária distribuída, de forma que 20 horas são de efetivo exercício em sala de aula e as outras 20 horas são destinadas à função de coordenação do curso. Já os questionários foram aplicados a três professores de cada área do conhecimento, totalizando 09 docentes.

³ A aprendizagem cooperativa sistematizada pelos irmãos americanos Johnson & Johnson é considerada "[...] um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos de tal modo que os alunos trabalhem em conjunto para maximizarem a sua própria aprendizagem e a dos outros colegas" (LOPES & SILVA, 2009, p.3).

O corpo discente foi contemplado com um número maior de participantes, tendo participado, no total, 50 alunos, representantes de todas as salas de aula. Os pais entrevistados foram os que compõem o conselho escolar e a unidade executora da escola. Para a amostra, foi utilizada, intencionalmente, a variação máxima com o objetivo de coletar as percepções e visões mais distintas entre os atores pesquisados.

A observação *in loco* realizada não apenas permitiu conhecer a realidade da proposta metodológica da Aprendizagem Cooperativa, mas ajudou a problematizar as dificuldades, as divergências e os ruídos que, por vezes, impedem e dificultam o estabelecimento de uma aprendizagem dinâmica, democrática e, efetivamente, cooperativa.

Numerosos estudos apontam que a Aprendizagem Cooperativa apresenta vantagens quando comparada a outras metodologias que são mais centradas no professor e que valorizam os conteúdos, contribuindo para um aprendizado competitivo e individualista. As investigações demonstram que o método cooperativo contribui para que se estabeleça uma relação positiva entre os alunos e os professores. Essa atitude fomenta entre eles a solidariedade e o respeito mútuo, desperta o sentido de responsabilidade, de ajuda, reforçando a coesão dentro do grupo.

Além disso, os elementos do grupo cooperativo conseguem obter melhores resultados no rendimento acadêmico. Esses resultados são reflexos do bom desempenho e da motivação na realização das tarefas. Portanto, verifica-se que os benefícios dessa metodologia não desenvolve somente o lado cognitivo dos alunos, mas promove também efeitos positivos no desenvolvimento de competências sociais, ou seja, a capacidade de comunicação, o espírito de equipe, a flexibilidade e a adaptação à mudança, o bem-estar psicológico, contribuindo para elevar a autoestima e a estabilidade emocional.

Fundamentalmente, o estudo da metodologia da Aprendizagem Cooperativa aplicada na EEEP Alan Pinho Tabosa baseou-se nas experiências do PRECE e na metodologia norte-americana sistematizada pelos irmãos Johnson & Johnson (1998), segundo os quais o trabalho cooperativo permite aos alunos compartilharem e construir conhecimentos além do que conseguiriam individualmente. Para esses autores, a Aprendizagem

Cooperativa se desenvolve em pequenos grupos cuidadosamente estruturados para garantir a participação de todos os alunos e, nesse sentido, contribuir para o sucesso do grupo, com a finalidade de atingir objetivos comuns.

Para Elton Lopes Luz, o diretor da escola (2013), a Aprendizagem Cooperativa é uma metodologia que se baseia em tirar proveito da interação positiva entre os estudantes e entre os estudantes e professores. A interação pode ser positiva, negativa ou inexistente. Quando não há interação, trabalha-se com o individualismo. Quando há interação negativa, ocorre a competição, que é o que o mundo prega atualmente. Nesse caso, a competição é uma interação negativa, porque um ganha e o outro perde. A interação positiva, que é o que a AC utiliza, é parecida com o que, na biologia, denomina-se simbiose, uma relação em que todos os envolvidos ganham.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma síntese da origem do Programa de Educação em Células Cooperativas-PRECE. Em seguida, será apresentado o contexto do surgimento da EEEP Alan Pinho Tabosa, sua estrutura física e a implementação do método da Aprendizagem Cooperativa- AC. Por fim, serão apresentados os dados coletados sobre a escola em que constam a percepção de todos os sujeitos envolvidos com a metodologia de ensino: diretores, professores e alunos.

No segundo capítulo, serão analisados dois modelos de ensino: o Programa de Educação em Células Cooperativas – PRECE e a metodologia norte-americana. Ambos têm influenciado a constituição de um terceiro, isto é, o que vem sendo implementado pela EEEP Alan Pinho Tabosa.

O terceiro capítulo constará de um Plano de Ação Escolar – PAE, no qual se apresentam algumas ações a serem empreendidas na escola para consecução dos seus objetivos. Nesse sentido, a ação 1 consiste na criação de uma coordenação na escola, formada com uma representação dos diversos segmentos: núcleo gestor, professores, coordenador da área técnica, conselho escolar, grêmio estudantil, com o objetivo de promover a articulação do trabalho que vem sendo realizado na escola, com a perspectiva de incluir nesse contexto os professores das disciplinas técnicas na aplicação do método da Aprendizagem Cooperativa. A ação 2 consta da formação continuada dos professores na metodologia da Aprendizagem Cooperativa com a meta de

inclusão dos professores que lecionam as disciplinas técnicas. O que se propõe é, conjugando os preceitos do PRECE e da Aprendizagem Cooperativa, possa construir-se um modelo metodológico para ser utilizado na EEEP Alan Pinho Tabosa, que leve em consideração o contexto no qual a escola se insere.

1. A APRENDIZAGEM COOPERATIVA DA EEEP ALAN PINHO TABOSA: UMA PERSPECTIVA DIFERENTE DE EDUCAR PARA A CIDADANIA

A história da implementação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa- AC na EEEP Alan Pinho Tabosa, descrita neste primeiro capítulo, tem a inspiração no Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE). O PRECE é uma organização sem fins lucrativos, formada por estudantes de comunidades rurais do interior do Ceará que, através do estudo em grupo, ingressaram na universidade e que retornaram para ajudar outros jovens através das associações estudantis chamadas de Escolas Populares Cooperativas (EPC's).

Nesse sentido, analisar-se-á a Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, como escola modelo em que o método vem sendo aplicado como uma estratégia de construção de um projeto metodológico inovador de educação de qualidade, dentro de uma perspectiva de formação mais humanista e menos competitiva.

Para os alunos dessa escola, está claro o perfil de dois tipos de professores, ou seja, o professor denominado por eles professor tradicional, cuja prática se baseia em um ensino centrado na figura do docente, sendo ele o detentor do saber, e o professor que aplica a metodologia da AC, que trabalha na perspectiva da construção do conhecimento, com um planejamento diferente, participativo.

A linha tradicional de ensino, que remonta ao século XVIII, a partir do Iluminismo, tinha como objetivo universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento. Essa linha, conhecida como um modelo firme, não deixa muito espaço para a participação dos discentes, tendo muita resistência em aceitar inovações. Isso lhe rendeu muitas críticas, sendo, por isso, considerada ultrapassada nas décadas de 1960 e 1970. Este é um método em que não há muitas oportunidades para o aluno atuar de forma proativa na construção do seu conhecimento. Normalmente, as aulas são expositivas, com excesso de teoria e muitos exercícios para reforçar a memorização. Na metodologia tradicional, o professor atua como o guia do processo educativo e exerce um grande poder sobre os alunos, que assumem, em sala de aula, o papel de elementos passivos.

A relação professor-aluno nesse modelo tradicional é vertical e tem como consequência a submissão. O aluno tem medo de se expor perante o público, em uma atitude submissa, apática. Portanto, é considerado como o receptor da tradição cultural, como aquele que nada sabe e que depende do professor para absorver a informação vinda desse profissional. As propostas educacionais não são discutidas, sendo os docentes encarregados de determinar os modelos que devem ser acolhidos pacificamente pela comunidade escolar.

A escola tradicional, além de centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos, valoriza o desenvolvimento do conhecimento determinado pelo currículo escolar. No final do ano letivo, o professor deve prestar contas em relação ao ensino de todo o conteúdo determinado por esse currículo. Esse modelo, também denominado por Paulo Freire de ensino bancário, é um modelo que deforma a necessária criatividade do educando e do educador (FREIRE, 2013). Sobre o ensino bancário, o autor salienta que é possível o educando dar “[...] a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do bancarismo” (FREIRE, 2013, p. 27). Para Freire, o necessário é que

[...] subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o imuniza contra o poder apassivador do bancarismo. [...] É a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar (FREIRE 2013, p. 27).

Segundo Saviani (1991), o método tradicional é ainda o mais utilizado nas escolas, principalmente naquelas onde estão matriculados os filhos das classes populares. O que Saviani constata sobre o método tradicional e a sua utilização é que ele continua muito presente no nosso atual cenário e que é, de fato, o que ainda se vivencia nas escolas na grande maioria das práticas educativas da rotina escolar. A tentativa de romper com esse modelo, carregado de referências que o colocam no patamar de melhor, porque é disciplinado, constitui-se um desafio para os professores das escolas.

A proposta do método da Aprendizagem Cooperativa, ao contrário do método tradicional, coloca o professor como um mediador do conhecimento. O

aluno passa a ser sujeito do processo ensino-aprendizagem, participando da aula, interagindo com os colegas, tornando-se corresponsável pela sua aprendizagem e pela aprendizagem dos colegas. Ele é estimulado pelo professor a socializar o saber.

No convívio escolar, os valores ensinados pela metodologia da AC são bem diferentes dos da metodologia tradicional. Nesse processo, os educandos e educadores estão sempre aprendendo a colocar em prática os quatro pilares da educação previstos no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. São estes os pilares: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver. A intenção desses pilares é a transformação do aluno em um indivíduo mais informado e autônomo.

O novo modelo, baseado na metodologia da AC, requer que o docente substitua o papel de transmissor de conteúdos para se tornar mediador do processo ensino-aprendizagem. O docente necessita do conhecimento teórico para saber como lidar com as adversidades nos limites da comunidade escolar, da própria escola e da sala de aula, além de definir métodos e técnicas de ensino mais apropriadas a cada turma. Esse conhecimento se constitui como o sustentáculo do fazer pedagógico. Para os alunos da EEEP Alan Pinho Tabosa, essa relação que se estabelece entre alunos e professores influencia muito para o sucesso da aprendizagem. O professor, para trabalhar o modelo metodológico da AC, precisa ser alguém que forme, com os seus alunos, um grupo de trabalho com objetivos comuns. Um professor que incentive a aprendizagem de uns com os outros, que estimule o trabalho em equipe, a busca de solução para problemas que surgirem e, finalmente, um professor que acredite que os seus alunos aprendem com os colegas, podendo essa relação de compartilhar saberes funcionar melhor do que com o próprio professor.

Com o intuito de compreender melhor a educação de base cooperativa, neste primeiro capítulo, será apresentada uma síntese da origem do Programa de Educação em Células Cooperativas – PRECE. Faz parte também desse capítulo o contexto do surgimento da EEEP Alan Pinho Tabosa, sua estrutura física e a implementação do método da Aprendizagem Cooperativa- AC na referida escola. Por fim, serão apresentados os resultados dos dados coletados

sobre a pesquisa realizada na escola com a percepção dos sujeitos envolvidos, acompanhados de uma análise acerca de sua participação nesse novo processo de ensino-aprendizagem.

1.1 Programa de Educação em Células Cooperativas PRECE: origem e desafios

A história do Programa de Educação em Células Cooperativas - PRECE começou em 1994, no município de Pentecoste - Ceará, na comunidade rural chamada Cipó, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de jovens com pouca ou nenhuma perspectiva de escolaridade, com uma faixa etária diferente à da maioria dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, mas com motivação e vontade de aprender. Essa situação ocorria em função de a maioria dos jovens da região não ter como dar continuidade aos estudos, uma vez que, na comunidade, não havia escolas de Ensino Médio. Assim, os que conseguiam concluir o Ensino Fundamental se viam sem possibilidade de prosseguimento de seus estudos, visto que a maioria não tinha condições para se deslocar até a sede do município ou a capital do estado (Fortaleza) para completarem o ciclo básico.

Nesse contexto de falta de perspectiva para esses jovens continuarem os seus estudos, nasceu o PRECE, a partir da iniciativa de sete jovens, todos fora da faixa etária escolar, que começaram a se reunir em uma casa de farinha para compartilhar conhecimentos e partilhar suas histórias de vida. O grupo tinha seu próprio método de estudo em que, “[...] estudando em grupo, compartilhando conhecimentos e socializando conteúdos, protagonizaram a educação para as comunidades da região” (ANDRADE NETO, MAZZETTO, 2006, p. 1-2).

As dificuldades desses jovens, que eram muitas, iam desde a infraestrutura do local, da alimentação precária, até mesmo à falta de apoio da família. Porém, apesar de todas as dificuldades enfrentadas por esses jovens, havia algo que não faltava em nenhum deles: a vontade de aprender. Segundo Manoel Andrade Neto, esse era o único requisito exigido para poder fazer parte do grupo. A vontade de aprender aliada a descoberta de compartilharem

conhecimento eram necessárias até para vencer a desconfiança que existia no meio familiar e da comunidade.

Para algumas pessoas da comunidade, aquela iniciativa parecia absurda. Usavam como principal argumento para sua crítica os seguintes questionamentos: como jovens que sabiam ler e escrever precariamente poderiam sonhar em ingressar na universidade? Aos poucos, o grupo foi vencendo as dificuldades com o apoio do professor Manoel Andrade Neto que, aos finais de semana, trazia não apenas informações da universidade, mas, principalmente, o estímulo para que continuassem juntos.

A primeira denominação do grupo de estudantes foi inspirada em uma música de Milton Nascimento, “Coração de Estudante”, surgindo, em 2004, o nome: Projeto Educacional Coração de Estudante. Mais tarde, a sigla PRECE passou a significar Programa de Educação em Células Cooperativas.

Dois anos depois, em 2006, um dos sete estudantes prestou vestibular e foi aprovado em 1º lugar na Universidade Federal do Ceará, no curso de Pedagogia. O fato gerou grande repercussão na região e cravou um marco na história educacional do município. Para o professor Manoel Andrade Neto (1996), “[...] esse momento foi um divisor de águas na história do programa. O resultado encheu de orgulho a humilde comunidade de Cipó e tornou-se grande motivação para que novos estudantes se integrassem ao programa” (ANDRADE NETO, MAZZETTO, 2006, p. 6).

A cada ano que passava, mais estudantes ingressavam na universidade por meio do PRECE. Assim, o exemplo dos meninos do sertão que cooperavam entre si saía dos limites de Cipó, ganhando outras comunidades e municípios. Os grupos, agora chamados células de estudo, multiplicaram-se e passaram a se chamar “Escolas Populares Cooperativas”. Atualmente, mais de 700 estudantes de origem humilde já tiveram acesso ao Ensino Superior e retornam para colaborar com o desenvolvimento local de suas comunidades, buscando manter esse ciclo de solidariedade do projeto. Para o professor Manoel Andrade Neto:

O mais importante é que a maioria conseguiu entender a lição de cooperação e solidariedade e continuam voluntariamente engajados no Programa, dando continuidade e sustentabilidade aos iniciantes. A colaboração dos estudantes aliada à eficácia

da metodologia aplicada tem permitido a multiplicação do programa (ANDRADE NETO & MAZZETTO, 2006, p. 9).

Negar a importância dessas aprovações em universidades públicas, como a Universidade Federal do Ceará- UFC é impossível. Porém, para o professor Manoel Andrade Neto, a conquista é bem maior. Em suas palavras:

Um ponto importante desde o início do Programa vai muito além do ingresso no vestibular. A iniciativa maior advém da transformação da comunidade resgatando a melhoria da qualidade de vida de quem nada tem além de coragem, esperança e força para mudar. [...] O Programa busca mais dois grandes desafios na sua região de atuação: o de transformar o conhecimento obtido na educação superior em sustentabilidade, com o desenvolvimento local, propiciando a inclusão social através da educação, com geração de renda e aumento do poder aquisitivo das comunidades atendidas e catalisar transformações políticas inerentes à nova realidade educacional. Na visão do PRECE, cada cidadão passa a ser um protagonista autônomo e cada comunidade um espaço de cooperação e desenvolvimento igualitário (ANDRADE NETO, MAZZETTO, 2007, p. 10).

O professor se constituiu como um referencial na metodologia da Aprendizagem Cooperativa no Ceará. Para ele, sua ligação com o PRECE está ligada à sua história de vida e à sua relação com a comunidade onde viveu:

[...] tenho uma ligação muito forte. É mais forte do que uma vontade de ajudar – está relacionado com memória da infância. Outra coisa importante que eu considero é que, durante a minha vida, eu desenvolvi certo sentimento de responsabilidade, responsabilidade pelas coisas que eu estava aprendendo e que estava conseguindo na vida, por causa de uma visão mais espiritual da vida, de entender que a gente recebe de Deus e temos que compartilhar (ANDRADE NETO, 2014).

Sendo filho de agricultores, sua condição de vida por si só não o facilitaria para chegar onde chegou: ao pós-doutorado em Química. A partir de suas próprias vivências, soube conduzir o caminho da transformação de muitos outros estudantes da comunidade de Pentecoste. Com o PRECE, criou possibilidades e estimulou a criação de outras escolas com esse modelo em outras áreas do país. Segundo Manoel Andrade Neto:

O que eu sonho não é que o PRECE cresça. O meu sonho é que a gente possa ser forte o suficiente para influenciar o desenvolvimento das escolas públicas. Minha vontade era que, daqui a dez anos, dissesse que o PRECE foi feito por um grupo de pessoas que sonhou, mas que hoje a gente não precise mais dele, porque a escola é muito boa”, ensina (ANDRADE NETO, 2014).

A metodologia do PRECE foi difundida na Universidade Federal do Ceará, em 2008, com a criação da Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa (COFAC), um programa da Pró-Reitoria de Graduação da UFC que incentiva os estudantes a organizarem grupos de estudos cooperativos nos diversos ambientes e unidades acadêmicas. Além disso, o PRECE, como reconhecimento da relevância de seu trabalho, teve a sua metodologia implementada na Secretaria de Educação do Estado do Ceará SEDUC-Ce, em 2008, com o desafio de promover a articulação do currículo do Ensino Médio com a formação para o Projeto Estudante Cooperativo da Coordenadoria de Protagonismo Estudantil (PROJETO ESTUDANTE COOPERATIVO, 2011).

A experiência inspiradora do PRECE e o envolvimento do seu maior defensor, Andrade Neto, com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, através da Coordenadoria de Protagonismo Estudantil, levaram ao planejamento de ações mais audaciosas do que as que até então haviam sido implementadas. Diante dessa realidade e com a criação da EEEP Alan Pinho Tabosa, surge a perspectiva de implementar o referido método, dessa vez em uma escola formal.

1.2 Contexto de surgimento da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa

O Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria da Educação - SEDUC, atendendo às disposições da Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008, que altera a lei de diretrizes e bases da educação, propondo que a Educação Profissional integre-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, das ciências e da tecnologia, a partir do ano de 2008,

passou a adotar uma política de oferta do Ensino Médio integrado à Educação Profissional, implementando o modelo de escola pública em tempo integral nas Escolas Estaduais de Educação Profissional – EEEP's (CEARÁ, 2010).

Para a Secretária de Educação do Estado do Ceará, essas escolas que começavam a se desenhar no estado teriam o objetivo de

[...] Diversificar a oferta do Ensino Médio, visando sua articulação com a Educação Profissional e com a continuidade dos estudos, está entre os objetivos da Secretaria de Educação do Ceará para os anos de 2007 a 2010 (O POVO, 2008).

A criação das escolas profissionais no Ceará se configura como uma proposta diferente para o Ensino Médio, tendo a missão de integrar a formação escolar de nível médio com uma habilitação profissional técnica, através de educação acadêmica de excelência e de formação para o mundo do trabalho e de práticas e vivências em protagonismo juvenil. O propósito seria dar uma “nova cara” ao Ensino Médio, etapa essa sempre cercada de muitos desafios para os gestores educacionais.

De acordo com o documento Referencial para a oferta do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará,

[...] A essencialidade do projeto de escola pública integral, centra-se exatamente na garantia de novo conceito e de uma nova proposta curricular para a escola pública do Ceará. Um conceito que agrega de modo articulado as categorias de ‘Escola’ como espaço social de aprendizagem; de ‘Pública’ como direito inalienável e intransferível de todos e de ‘Currículo integrado’ como prática articuladora de múltiplas dimensões da formação humana (CEARÁ, 2010, p.5).

No Estado do Ceará, em 2008, foram implementadas vinte e cinco escolas de Educação Profissional, seis localizadas na cidade de Fortaleza e dezenove, no interior do estado. Somente no ano de 2011, o município de Pentecoste inaugurou a 75ª Escola Estadual de Ensino Profissionalizante, que recebeu o nome de Alan Pinho Tabosa.

No ano de 2011, foram inauguradas 18 escolas padrão MEC, totalizando 77 escolas. Em 2012, foram inauguradas mais 15 escolas. Em 2013, 100 (cem) escolas já tinham sido inauguradas e, até o final do ano de 2014, a meta é chegar a um total de 140 (cento e quarenta) escolas, contemplando mais municípios cearenses e atendendo a um maior número de estudantes.

O município de Pentecoste faz parte do Vale do Curu, uma das regiões do Estado que atualmente mais se desenvolve devido à instalação de projetos estruturantes no Complexo Industrial e Portuário do Pecém, justificando-se, portanto, a necessidade de implementar naquele município uma Escola Profissionalizante, para capacitar os jovens da própria região e garantir que eles tenham acesso ao mercado de trabalho. Até 2007, quando o Ceará não contava com nenhuma escola profissionalizante, existia o receio de trazer indústrias como a siderúrgica e a de refinaria e não haver pessoas capacitadas para trabalhar nesses empreendimentos.

Pentecoste, de acordo com os dados apresentados pelo IBGE, é um município com uma população de cerca de 35.400 habitantes em uma área territorial de 1.378.311 km². Chamou-se primeiramente Conceição da Barra e, depois, por sugestão de um padre que celebrou a missa inaugural no Domingo de Pentecoste, recebeu a denominação de Pentecoste.

O município é sede do Centro de Pesquisas em Aquicultura e de um escritório do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas- DNOCS. O centro é um dos maiores da América do sul, de onde são exportados alevinos de várias espécies e tecnologia de desenvolvimento de criatórios e reprodução de peixes para todo o estado e regiões norte e nordeste do país.

No município também fica localizada a fazenda experimental da Universidade Federal do Ceará- UFC. A preocupação com a qualificação da mão de obra se fez presente também com a implementação do Centro Vocacional Tecnológico- CVT e da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa.

A escolha do município para sediar a escola de Educação Profissional foi um marco para a educação dos pentecostenses, não só pelo histórico que a cidade apresenta sobre os bons resultados advindos da aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa, mas por se tratar de uma escola diferente das escolas de Ensino Médio do município, vez que agrega valores àqueles jovens da cidade, ao mesmo tempo em que os qualifica para atender à demanda de empregos surgidos naquela região.

Na ocasião da inauguração da Escola, foi assinado um convênio entre o Governo do Estado, através da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), e a Universidade Federal do Ceará (UFC), para que a Universidade fosse

cogestora da EEEP de Pentecoste. Como tal, caberia à UFC oferecer suporte para viabilizar a implantação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.

A intermediação entre Escola e UFC foi feita por meio da Coordenadoria de Articulação Escola-Universidade, integrada pelos professores Manuel Andrade Neto, Ana Célia Clementino Moura e Francisco Audísio Dias Filho. O Prof. Manuel Andrade Neto é coordenador do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e do Programa Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa, da Pró-Reitoria de Graduação. A professora Ana Célia Clementino Moura é do Departamento de Letras Vernáculas e Francisco Audísio Dias Filho, do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica.

Na EEEP os alunos têm a possibilidade de cursar o Ensino Médio e fazer um curso profissionalizante. São ofertados os cursos de Informática, Agroindústria, Agricultura e Comércio.

O Governo do Estado, em parceria com o Governo Federal, através do Ministério da Educação (MEC), investiu R\$ 8,3 milhões na instituição. O montante foi destinado à construção do prédio, que tem 4,5 mil metros quadrados, contando com 12 salas de aula. Assim como as outras unidades já inauguradas, a Escola é composta também por Laboratórios Tecnológicos, de Línguas, Informática, Química, Física, Biologia e Matemática, Ginásio Poliesportivo e Teatro de Arena.

O processo de seleção para o ingresso dos alunos nas escolas profissionais tem sido difícil, principalmente nas cidades do interior onde esse espaço de aprendizagem se configura como a grande chance de os pais matricularem seus filhos em uma escola de qualidade. É importante o entendimento que, se a escola profissional já é um projeto de grande relevância nas cidades metropolitanas, configura-se de maior relevo ainda no interior, onde, na maioria das vezes, a construção mais significativa para o município, não raro, é a escola dentro dos padrões MEC, com uma estrutura bastante diferenciada das escolas então existentes.

O ingresso do aluno na escola é pautado por Portaria da Secretária de Educação do Estado, que estabelece, entre outros requisitos, o critério de se calcular a média do resultado referente ao 9º ano do aluno concorrente a uma vaga. Outros detalhes são observados, como se o aluno pertence à

comunidade na qual a escola está inserida. Um ponto importante é que somente 20% das vagas são destinadas aos alunos da rede particular, ficando para os alunos da escola pública 80% das vagas, o que possibilita uma chance maior de ingresso no novo modelo de escola.

Os professores, que também precisam fazer adesão para trabalhar na escola, passam por um treinamento sobre o modelo de gestão- TESE e, em seguida, por uma entrevista. A preferência é para os professores que já são contratados pela Secretaria de Educação através de concursos e, somente na carência, é que são convocados os que fazem parte do processo de seleção temporária. Atualmente, um dos desafios desse projeto é encontrar professores que se disponibilizem a dedicar a carga horária de trabalho de 40 horas aulas semanais nessas escolas que só funcionam nos turnos da manhã e da tarde. Os gestores, para atuarem nessas escolas, passam por um processo seletivo de prova escrita e de títulos, além de uma avaliação comportamental. Ao longo da trajetória no cargo, os diretores são mensalmente capacitados no processo de formação de liderança, realizado pela Secretaria de Educação do estado do Ceará- SEDUC, através da Coordenação de Educação Profissional.

O processo de escolha para o ingresso de qualquer funcionário interessado em trabalhar na escola é feito pelo núcleo gestor, que é composto por um diretor geral, três coordenadores pedagógicos. Desde agosto de 2013, as escolas recebem também um assessor financeiro para auxiliar nos processos licitatórios e nas prestações de contas, passando a integrar o núcleo gestor.

Os professores e demais funcionários que participam do processo devem formalizar adesão ao programa, realizar entrevista e treinamento no modelo de gestão Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional - TESE. Esse modelo, implementado nas Escolas Estaduais de Educação Profissional-EEEP's do Estado do Ceará, foi estrategicamente pensado de modo a conduzir as escolas de Ensino Médio ao novo conceito de ensino em tempo integral desenvolvido pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação – ICE, no qual a escola é concebida como espaço social de aprendizagem garantido a todos, tendo como objetivo oferecer aos alunos, através de um currículo integrado, uma formação acadêmica, pessoal e profissional de melhor qualidade.

A TESE é definida como um método que visa coordenar e integrar tecnologias específicas e educar pessoas por meio de procedimentos simples e que, facilmente, podem ser implementados na rotina escolar (LIMA, 2011). A Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional, desenvolvida a partir da experiência gestora da empresa Odebrecht (TEO), foi adaptada para o contexto escolar pelo Programa de Implementação dos Centros de Ensino Experimental de Pernambuco - PROCENTRO, órgão da Secretaria de Educação de Pernambuco, criado em 2003. Atualmente é denominado de Programa de Educação Integral, sendo, inicialmente, implementado no Centro de Ensino Experimental Ginásio Pernambucano em 2004 (LIMA, 2011).

Após passar por ajustes na estruturação da sua filosofia de trabalho, os pesquisadores do ICE decidiram agregar aos seus fundamentos teóricos as recomendações presentes no Relatório de Jacques Delors (1999), referentes aos quatro Pilares da Educação (aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser), conferindo-lhes um caráter empresarial humanista (LIMA, 2011, p.5).

É importante ressaltar que, como acontece na gestão das empresas, todas as ações do processo de gestão escolar devem ser permeadas por um código de ética, que reflita o pensar e o agir da escola, e que esteja estruturado em função da sua realidade, estabelecendo normas de conduta a serem seguidas e respeitadas por todos que fazem a escola.

Assim, cada ator do processo tem seu papel definido: os alunos, que são protagonistas do seu crescimento pessoal, cognitivo, relacional e produtivo; a equipe docente, administrativa e de apoio, que é protagonista do seu aperfeiçoamento pessoal e tecnológico, utilizando mais e melhor seus conhecimentos; o Gestor da escola, que é responsável pela formação dos novos líderes e se coloca dentro da instituição como referência de conduta, postura e atitudes para os seus liderados; os pais e familiares dos educandos, por sua corresponsabilidade na formação e crescimento do tutorado e a comunidade de parceiros, por sua corresponsabilidade com a proposta educativa da escola (LIMA, 2011, p.6).

O gestor dessas escolas deve ser um líder pedagógico que apoia o estabelecimento das prioridades, avaliando e participando na elaboração de programas de ensino e de programas de desenvolvimento e capacitação de

funcionários, incentivando a sua equipe a descobrir o que é necessário para dar um passo à frente, a refletir sobre sua prática pedagógica e a experimentar novas possibilidades, bem como enfatizando os resultados alcançados pelos alunos. Nessa perspectiva, acredita-se que

A educação de qualidade deve ser o negócio da escola - o que ocupa a mente de cada um dos seus integrantes, de acordo com suas áreas específicas” e como tal deve produzir resultados, trazendo satisfação à comunidade pelo desempenho positivo de seus alunos, educadores e gestores. (LIMA, 2011, p.8).

Outra ferramenta indispensável no modelo de gestão da TESE é a comunicação, elemento vital dentro do processo de gerenciamento interno da escola, pois, é através dela que se estabelecem as parcerias afinadas entre líderes e liderados. Isto é, entre o gestor, a equipe pedagógica, o corpo docente, o corpo discente e demais funcionários que atuam em funções administrativas e de apoio, como os que trabalham nas áreas de manutenção e conservação da escola.

Nesse sentido, segundo o Manual de Gestão TESE (LIMA, 2011), para evitar a geração de conflitos entre os vários atores da escola, em decorrência de falhas na comunicação, os seguintes instrumentos são de grande valia para o gestor da escola, pois evitam que ele venha a incorrer em erro, pondo em risco a sinergia da sua equipe de trabalho:

- a) Pedagogia da Presença – o gestor se constitui na figura de um educador que dedica tempo, presença, experiência e exemplo ao seu liderado/educando;
- b) Educação pelo Trabalho – processo de formação contínua dos integrantes da equipe nas suas tecnologias específicas, bem como no compartilhamento do conhecimento.
- c) Delegação Planejada – é dirigida e exercitada por meio de tarefas simples, de forma gradual. Conforme a delegação do gestor vai se efetivando ocorre, também, a formação e capacitação do liderado para executar, inicialmente, missões pontuais, até que esteja preparado para assumir tarefas de maior complexidade (LIMA, 2011, p. 9).

Outro componente da gestão empresarial adaptada para a realidade escolar, explicitado no Manual Modelo de Gestão (LIMA, 2011, p.11), é o ciclo *Plan/Do/Check/Act* (PDCA), que tem como objetivo o controle e a consecução

de resultados eficazes e confiáveis nas atividades de uma organização. As suas etapas são assim definidas: *Plan* (Planejar), fase de estabelecer missão, objetivos, visão e estratégias que permitirão atingir todas as metas e/ou os resultados que foram propostos. *Do* (Executar), fase de execução do que foi planejado. *Check* (Verificar, Avaliar), fase em que ocorre o acompanhamento e a avaliação de processos e de resultados e ainda quando serão realizados os ajustes necessários e ou consolidadas as informações e gerados os relatórios. Por fim, há o *Act* (Agir), momento de corrigir falhas e elaborar novos planos de ação, de modo a atingir a qualidade máxima, melhor índice de eficiência e eficácia (LIMA, 2011, p.12).

O acompanhamento e a avaliação se dão em um mesmo momento, quando se pode verificar se as estratégias adotadas para a condução de resultados no processo educativo realmente se efetivaram. Dois instrumentos importantes são: a educação pelo trabalho e a pedagogia da presença.

Apesar de a TESE ser um modelo de gestão considerado de fácil implementação na rotina escolar, ainda assim encontrou muita resistência por parte da maioria dos professores e demais educadores das instituições onde o modelo foi implementado. Isso porque ele exigia que todos os professores que desejassem permanecer na escola deveriam passar por um processo de formação, com o objetivo de se apropriar das ferramentas de gestão e, em seguida, teriam que se submeter a uma seleção. Enfim, para atender às especificidades da Tecnologia Empresarial Sócio Educacional –TESE –, exigia-se que a escola e os educadores estivessem dispostos a assumir “[...] uma verdadeira desconstrução de conceitos e paradigmas para entender, aceitar e praticar os seus postulados” (LIMA, 2011, p.8).

Vale ressaltar que todas as escolas estaduais de Educação Profissional do Ceará utilizam essa mesma metodologia, como perspectiva de que esse modelo venha a ser um elemento a mais na busca da qualidade da educação pública. É bem verdade que o modelo, por si só, não teria como solucionar o desafio de devolver à sociedade uma escola em que todos possam acreditar. Uma escola capaz de formar um cidadão crítico que possa atuar em seu meio no sentido de transformá-lo.

Nesse contexto, é com esse desenho que as escolas de Educação Profissional vêm traçando novos rumos e dando novos direcionamentos à

educação dos jovens cearenses. A EEEP Alan Pinho Tabosa é uma dessas instituições, empenhada em levar à população jovem do município de Pentecoste uma perspectiva melhor de futuro tanto na área propedêutica como no campo profissional.

1.3 A infraestrutura e a organização pedagógica da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa

A Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa foi construída dentro dos padrões do Ministério da Educação e Cultura- MEC exigidos para o funcionamento de escolas profissionais. Dispõe de uma biblioteca ampla com sala de leitura integrada, um auditório com 175 assentos e 04 banheiros (masculino, feminino e adaptado para cadeirante, além de 01 localizado atrás do palco). No prédio principal, a escola conta com 12 salas de aula, seis laboratórios (Química, Física, Matemática, Miologia, Línguas e Informática) e 06 banheiros para uso dos estudantes.

Esse mesmo prédio possui, ainda, secretaria com sala de reprografia e almoxarifado conjugados, administração, com 01 sala da diretoria com banheiro, 02 salas de coordenação, sala dos professores com sala de informática para os professores integrada e 03 banheiros destinados à administração (masculino, feminino e adaptado), depósito de material pedagógico e depósito de multimídia. Possui também refeitório com cozinha, cantina e 02 vestiários, sala do grêmio, depósito de mobiliário, ginásio coberto com coordenação de Educação Física, sala multiuso e 02 vestiários e salas especiais para instalação dos laboratórios técnicos com 03 banheiros (masculino, feminino e adaptado). A área externa conta com estacionamento descoberto e teatro de arena.

A equipe gestora, assim como em todas as escolas de Educação Profissional, é formada por um diretor geral e mais quatro coordenadores, sendo três pedagógicos e um administrativo financeiro. São 17 professores da área propedêutica (base comum) e 04 da área específica (base técnica). Os professores possuem titulação de nível superior, sendo que o diretor já possui a titulação de doutor pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Um dado

importante é que, entre os professores da base comum e coordenadores, aproximadamente 90% são oriundos do PRECE e dessa região do Estado.

Além da equipe gestora e dos professores da base técnica, a escola dispõe de 04 servidores gerais que atuam na limpeza, 02 professores para os Laboratórios Escolares de Informática - LEI -, 01 professor regente e 02 professores de apoio para o Centro de Multimeios.

O corpo discente é formado por alunos de 14 a 17 anos, oriundos de famílias de baixa renda. Aproximadamente 80% dos alunos matriculados são da cidade de Pentecoste (sede e comunidades rurais) e os demais de municípios vizinhos (Apuiarés e São Gonçalo do Amarante). A maioria dos estudantes são filhos de agricultores, pequenos comerciantes, empregados públicos ou da fábrica de calçados. (LOPES, 2013)

Na formação integral que se pretende para os jovens dentro desse modelo de escola de tempo integral e currículo integrado, o grande desafio é formar jovens com capacidade de reinventar, recriar e de serem proativos. Para alcançar os objetivos propostos, as escolas contam com uma organização curricular em um regime de estudos para cada turma, nos períodos da manhã e tarde, das 7 às 17 horas. A carga horária semanal é de 45h/aula, perfazendo um total de 09 horas/aula por dia, tendo cada aula a duração de 50 minutos.

A matriz curricular pensada para o Ensino Médio integrado à Educação Profissional é composta de três áreas: Formação Geral, que se refere à Base Nacional Comum, Formação Profissional e Atividades Complementares, parte diversificada do currículo. As três áreas, cada uma com suas especificidades, devem dialogar entre si, estabelecendo as conexões necessárias, em uma dinâmica de interdependência, de modo a formar um todo integrado.

A Formação Geral compreende os treze componentes curriculares básicos e comuns ao Ensino Médio: Língua Portuguesa, Artes, Inglês, Espanhol, Educação Física, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Matemática, Biologia, Física e Química.

A carga horária total nos três anos do Ensino Médio é de 2.620 horas, distribuídas entre os citados componentes curriculares, de acordo com as especificidades de cada curso. A formação profissional é composta por conteúdos curriculares específicos de cada curso técnico, que obedecem a uma carga horária mínima, de acordo com o Catálogo Nacional dos Cursos

Técnicos, publicado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do SETEC/MEC. As cargas horárias mínimas dos cursos variam entre 800, 1.000 e 1.200 horas.

A carga horária de aulas teóricas é acrescida à carga horária mínima relativa ao estágio supervisionado, que é de 50% para os cursos da área da saúde e de 25% para os demais cursos, conforme a Resolução nº 413/2006, Art. 20 § 1º e 2º, do Conselho Estadual de Educação (SEDUC, 2013)

Além das disciplinas da Base Nacional Comum, a partir do segundo semestre do 1º ano, os alunos têm também as atividades complementares que, correspondendo à parte diversificada do currículo, têm como objetivo acrescentar à formação dos alunos estudos de temas que contribuam para melhorar o seu desempenho como cidadãos tanto no campo pessoal como profissional (SEDUC, 2013. p. 19-26).

Os componentes curriculares dessa área estão assim distribuídos: Horário de Estudo; Projeto de Vida; Temáticas, Práticas e Vivências; Formação para a Cidadania; Projetos Interdisciplinares; Mundo do Trabalho. As cargas horárias variam de acordo com cada componente curricular, bem como as especificidades de cada curso.

O Horário de Estudo foi pensado como um momento que seria destinado ao aluno para desenvolver sua autonomia para o ato de estudar, tomando como referência a metodologia da “Aprendizagem Cooperativa”. Nessa perspectiva, todos os membros do grupo partilham a liderança, portanto, também, a responsabilidade pelas ações e pelo progresso do grupo.

No Horário de Estudo, o professor atua como um mediador, isso porque o estudo é do aluno e não necessariamente da disciplina do professor que está com ele nesse horário observando os grupos, analisando os problemas, intervindo, quando necessário. No que se referem à formação dos grupos, estes são heterogêneos e definidos a partir das necessidades da turma. Por outro lado, em caso de necessidades específicas, podem-se trabalhar possíveis intervenções junto aos alunos que apresentarem dificuldades de aprendizagem.

A disciplina Projeto de Vida trabalha com uma proposta metodológica que busca romper com a forma tradicional de ensino. Prioriza a participação, a relação de troca de aprendizados entre educador e aluno, a contextualização

dos temas no cotidiano dos alunos e também a vivência prática dos aprendizados. Estimula, ainda, a descoberta, o desenvolvimento do potencial do jovem, oferecendo as condições para que cada um busque melhorar como pessoa, fortaleça a sua formação como cidadão, visando ao desenvolvimento das potencialidades humanas e à capacidade de interferir criticamente na vida social e profissional.

Já nas Temáticas: Práticas e Vivências (TPV), o que se busca é integrar a formação escolar de nível médio com a formação em Empreendedorismo. Na temática geral são contemplados tópicos que têm como meta possibilitar a capacitação dos estudantes no desenvolvimento de competências empreendedoras, de modo que elas possam contribuir para o planejamento e criação de negócios sustentáveis (SEDUC, 2013, p. 19-26).

Os alunos se identificam com as atividades de Empreendedorismo, nas quais alguns tópicos são trabalhados, como: Crescendo e Empreendendo; Iniciando um Pequeno Grande Negócio e Como Elaborar Plano de Negócios. Ao término do ano letivo, os alunos recebem certificado (SEDUC, 2013, p. 19-26).

O Mundo do Trabalho é uma disciplina que tem trazido ganhos significativos e contribuído para uma formação mais consistente do jovem e para sua inserção no mercado de trabalho. Nesse conteúdo curricular, as aulas são voltadas ao contexto das relações de trabalho. A disciplina elege eixos temáticos de interesse do jovem e, a partir deles, desenvolve todo um processo de discussão e reflexão crítica, associando conteúdos com situações reais e presentes no contexto sócio-econômico, cultural e escolar do aluno (SEDUC, 2013, p. 19-26).

Formação para Cidadania é uma atividade importante na escola e se dá através do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), uma experiência das escolas portuguesas, implementada no Ceará no ano de 2008. É um projeto de execução simples, em que um professor que ministre qualquer disciplina assume o compromisso de responsabilizar-se pelos alunos de uma única turma, preferencialmente. A exigência imprescindível é que tenha perfil adequado para assumir a função, como, por exemplo, ser um bom líder, incentivador, ativo, responsável, prudente e comprometido com a educação. Esses professores são denominados Diretores de Turma.

O Professor Diretor de Turma dedica ao projeto cinco horas de sua carga horária semanal, distribuídas da seguinte maneira: 1 hora para lecionar a Área Curricular Transversal Formação para a Cidadania; 1 hora para acompanhar o Estudo Orientado; 1 hora para atendimento aos pais ou responsáveis, professores e núcleo gestor; 2 horas para construir, organizar e analisar o dossiê da turma, com o qual pode conhecer melhor as características de cada aluno, através das informações contidas nos instrumentais que o compõem (SEDUC, 2013 p. 19-26).

Ainda com relação à Formação para a Cidadania, é importante destacar que, sendo ela

Área curricular transversal, não disciplinar, assume um espaço privilegiado para o desenvolvimento da formação do cidadão. Visa o desenvolvimento da consciência dos estudantes, com o objetivo de torná-los cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, permitindo-lhes trabalhar suas vivências no plano pessoal e coletivo (turma, escola, comunidade) [...] O Professor Diretor de Turma deverá trabalhar temas envolvendo as dimensões escolar, humana, cultural, social e política, buscando potencializar, junto aos alunos, situações de reflexão, cooperação, expressão de opiniões e sentimentos, partilha de preocupações, confrontação de ideias, discussão e negociação, identificação e resolução de problemas, momentos de esclarecimento/debate em grupos e/ou na assembleia da turma (SEDUC, 2013. p. 19-26).

O Professor Diretor de Turma deve procurar conhecer a história de vida dos alunos, pois essa iniciativa produz os elementos que lhe permitem fazer o diagnóstico de sua turma, considerando os aspectos relacionais, afetivos, sociais, culturais, intelectuais, comportamentais, familiares, financeiros, sensoriais, dentre outros. De posse desse diagnóstico, o Professor Diretor de Turma busca os meios para realizar as intervenções.

Os Projetos Interdisciplinares, que também fazem parte das atividades complementares, têm como objetivo despertar no aluno o senso de curiosidade voltada para o fomento da pesquisa. É um espaço reservado ao desenvolvimento de projetos das diversas disciplinas que compõem o currículo, bem como projetos de iniciação científica.

A Língua Estrangeira Aplicada – LEA - é mais um diferencial da Parte Diversificada do currículo praticado nas escolas. Esse componente curricular é ministrado nos cursos do eixo tecnológico: “Turismo, Hospitalidade e Lazer”,

para as áreas de: Guia de Turismo, Hospedagem e Eventos. A LEA tem como proposta instrumentalizar o aluno desses cursos ligados à área de turismo no domínio da língua estrangeira, contribuindo para que ele desenvolva as habilidades de leitura, escrita, escuta e fala do idioma. A carga horária total é de 400h, distribuídas em cinco semestres de 80 horas. As aulas são ministradas por um professor do eixo tecnológico com formação em língua inglesa. A contratação acontece via Instituto Centro de Ensino Tecnológico - CENTEC.

O Inglês Técnico é uma disciplina que tem a mesma proposta da Língua Estrangeira Aplicada, só que buscando atender aos alunos dos cursos técnicos em Informática e em Redes de Computadores. Tem como objetivo trabalhar com o inglês instrumental com foco nos termos técnicos mais comuns inerentes aos cursos mencionados.

Além dessas atividades propostas, o professor pode também trabalhar o reforço da aprendizagem dos alunos que apresentam mais dificuldades, a recuperação paralela, assim como a progressão parcial.

Para além de tudo o que se projetou como elementos que poderiam dar sustentabilidade a esse projeto, a Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, inspirada pelo PRECE, também agregou um modelo de metodologia diferenciado, o da Aprendizagem Cooperativa. À primeira vista, esse modelo pode parecer fácil, se o entendimento desse processo passar apenas pela ideia de juntar as pessoas em grupo.

Essa é a proposta de trabalho dos educadores da EEEP Alan Pinho Tabosa, inserir na sua prática cotidiana a metodologia da Aprendizagem Cooperativa como experiência pioneira em escolas ditas “regulares” no Brasil.

1.4 A Implementação do Método da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa

A experiência do PRECE inspirou a implementação da Aprendizagem Cooperativa como a principal metodologia da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste/CE. Foi aproveitando esse contexto rico em experiência de um modelo de aprendizagem do PRECE que, em 2011, a SEDUC/CE resolveu aplicar a metodologia da Aprendizagem

Cooperativa em uma escola pertencente à rede estadual. A partir dessa ação, surgiu o Projeto Estudante Cooperativo, uma ação do PRECE, registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará. O foco do projeto é o trabalho com estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O Projeto Estudante Cooperativo é realizado em Pentecoste, município que fica a 86 km de Fortaleza. Surgiu com o objetivo de contribuir para a aprendizagem de estudantes do Ensino Fundamental, agindo, dessa forma, como atividade complementar da escola, tendo em vista que o projeto visa diminuir as dificuldades que o estudante possa vir a desenvolver em uma das seguintes disciplinas: Língua Portuguesa/Espanhol, Matemática, Ciências, Geografia, História e Inglês. A metodologia da Aprendizagem Cooperativa é utilizada em paralelo à educação formal, servindo como complemento ao ensino comum.

Em junho de 2011, foi inaugurada a Escola Estadual de Educação Profissional de Pentecostes. Em parceria com a Universidade federal do Ceará- UFC foi implantada, também, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula, na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, a pioneira no Brasil com essa proposta. A escola, mesmo tendo sido inaugurada em junho, funcionou com projetos e somente no ano letivo de 2012 iniciou suas atividades como escola de Educação Profissional.

A referida escola tem muitos educadores que passaram pelo PRECE, entre eles, dois gestores, o diretor geral e o coordenador pedagógico que conseguiram seu ingresso na universidade através da utilização do método da Aprendizagem Cooperativa. A trajetória deles está dentro dos moldes aplicados pelo professor Manoel Andrade Neto, que retornou à sua cidade de origem para ajudar os estudantes que não tinham as condições financeiras necessárias para frequentar a escola nos centros mais desenvolvidos.

A implementação da metodologia na escola, além de contar com a experiência de profissionais que também passaram pela experiência do PRECE, como fora mencionado, recebeu o assessoramento da Universidade Federal do Ceará. Tal assessoramento tem à frente o professor Manoel Andrade Neto, responsável pela criação da Célula de Empreendedorismo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Uma escola é fundamentalmente uma comunidade de relações e de interações orientadas para a aprendizagem, onde a aprendizagem depende principalmente do tipo de relações que se estabelece na escola e na classe (CASASSUS, 2009, p. 204).

Nesse sentido, segundo o autor, não há aprendizagem fora do espaço emocional, ou seja, tudo que alguém faz, tem uma emoção na base. Portanto, para o autor, a emoção deveria ser a finalidade mais importante da educação. Ainda sobre a emoção ele ressalta:

[...] o clima emocional da sala de aula é o principal fator que explica as variações no rendimento dos alunos. [...] que a inteligência emocional é mais importante que a inteligência cognitiva e que o conhecimento e a capacidade de administrar as próprias emoções é o melhor indicador de êxito (CASASSUS, 2009, p. 205).

Essa modalidade de ensino é desenvolvida através de cinco elementos básicos, a saber: Interdependência Positiva, que se refere ao comprometimento com o sucesso de todos, assim como com o de cada um; Interação direta, em que os alunos são levados a realmente trabalhar juntos, fazendo o que for necessário para o sucesso mútuo através do compartilhamento de recursos, ajuda e apoio, além de encorajamento e aplauso a cada esforço percebido; Responsabilidade Individual e Coletiva, com o alcance das metas comuns e a clareza quanto à contribuição esperada de cada um; Habilidades Interpessoais, que consiste em ensinar aos alunos as habilidades necessárias para o convívio social e para o trabalho em pequenos grupos; Processos Grupais, em que capacidade de discutir quão bem sucedidos o grupo está sendo em atingir seus objetivos enquanto conseguem manter em bom funcionamento os relacionamentos entre si (LOPES & SILVA 2009).

Como se pode observar, a metodologia da AC é uma iniciativa pensada para a EEEP Alan Pinho Tabosa, em função da experiência do município com o modelo, através do Projeto Coração de Estudante, atual PRECE. A ideia era levar a vivência que estava sendo desenvolvida nas diversas escolas cooperativas da região para uma escola formal, visto que estava proporcionando excelentes resultados.

Portanto, a EEEP Alan Pinho Tabosa está diante de um desafio, por ser ela uma escola formal, diferente das escolas formadas pelo PRECE, que, não sendo regidas por nenhuma legislação, tinham como o objetivo exclusivo formar grupos de estudos com foco na conclusão dos estudos dos jovens de renda baixa. No entanto, coube agora à equipe formada para atuar na referida escola traduzir a experiência do PRECE para uma escola organizada de forma sistemática. Parece que tal tarefa não seria das mais fáceis, se forem levados em consideração os tradicionais cenários nos quais a aprendizagem escolar está inserida na qual, não raro, ela é avaliada como uma atividade solitária e individual, em que cada estudante se descobre sozinho sob o olhar vigilante do professor.

1.5 A percepção dos sujeitos envolvidos na metodologia da Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa

As entrevistas realizadas com os gestores, professores e alunos da EEEP Alan Pinho Tabosa e os questionários aplicados aos alunos dessa unidade de ensino têm como objetivo saber de que forma a aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa se desenvolve na prática de sala de aula de uma escola formal, institucionalizada. Com esses instrumentos, busca-se identificar quais elementos são utilizados nessa metodologia que podem contribuir para a formação integral e para o desempenho escolar dos alunos. Uma vez identificados esses elementos, proporemos que eles possam ser replicados nas escolas da rede de Educação Profissional do Ceará.

O trabalho de pesquisa se inicia com a entrevista do diretor da escola, em seguida, são entrevistados os dois coordenadores pedagógicos, os professores e, por fim, os alunos. Da entrevista, somente três alunos participaram e os demais, em um total de cinquenta alunos, responderam a um questionário que continha pergunta sobre a implementação dessa nova metodologia e como ela poderia contribuir para aumentar o nível de aprendizagem dos alunos da referida escola.

As entrevistas foram realizadas com três representantes do núcleo gestor da escola, com dez professores que lecionam as disciplinas da Base

Nacional Comum, com um professor da base técnica, com três alunos e com um pai, representante do conselho escolar.

A EEEP Alan Pinho Tabosa funciona com a mesma estrutura de gestão das demais escolas de Educação Profissional da rede de ensino do Ceará, ou seja, um diretor geral, três coordenadores pedagógicos e um assessor financeiro. Foram entrevistados o diretor e dois coordenadores pedagógicos. Ficou claro que 100% dos entrevistados eram oriundos da experiência do PRECE, o que pesou na escolha para compor a equipe gestora. Esse dado também influencia no grau de satisfação e afinidade que eles têm com a metodologia da AC.

1.6 A percepção dos gestores sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa

A entrevista foi iniciada com o diretor da escola Elton Lopes Luz, que começou sua fala contando a sua trajetória com a AC desde o período em que fora estudante do PRECE:

Eu sou oriundo dessa região e passei minha infância numa comunidade chamada Canafístula. Quando eu terminei o Ensino Médio, fiz parte de um grupo chamado PRECE, no qual eu tive o primeiro contato com a aprendizagem cooperativa. Era um grupo onde a gente se preparava para ir para a universidade se ajudando mutuamente, um ajudava o outro com o que sabia. A gente tinha sempre o apoio das pessoas que também eram desse grupo e que já eram universitários. E aí nós aprendemos que essa ajuda mútua, que esse trabalho de compartilhar o que sabe e aprender o que está ensinando ajudava ainda mais a sedimentar o que a gente estava aprendendo. Através dessa organização de estudo muitos estudantes entraram na universidade. São mais de 600 alunos que ingressaram na Universidade Federal do Ceará através desse movimento de estudantes chamado PRECE (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

O diretor falou sobre a sua aprovação no vestibular e do retorno à sua comunidade nos finais de semana para dar continuidade a esse projeto. Essa atitude de ajudar os grupos de estudos que se formam nas comunidades é uma espécie de compromisso assumido por todos os estudantes que fazem parte do PRECE.

Para o diretor, o fato principal do convite feito pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC, para que ele assumisse a direção da EEEP Alan Pinho Tabosa, devia-se a essa sua experiência vivenciada com o PRECE.

Coube ao diretor designar a equipe para compor o núcleo gestor da escola, uma vez que essa é uma prerrogativa da sua função, já que, no Estado do Ceará, é o diretor que tem autonomia para escolher os coordenadores que compõem sua equipe. A escolha seguiu os critérios de observação do profissional que conhecesse o modelo da AC a ser implantado na escola. Para iniciar essa nova experiência, a partir de uma escola institucionalizada, os coordenadores escolhidos já possuíam experiência com a Aprendizagem Cooperativa, mesmo que fosse a experiência informal, ou seja, a do PRECE. Segundo o diretor Elton Lopes Luz⁴:

[...] esse grupo foi desafiado a multiplicar essa ideia para toda a rede estadual de ensino do Ceará. A Secretaria de Educação viu isso como uma possibilidade de melhorar a aprendizagem dos estudantes da rede estadual e também a implantar essa ideia da AC em uma instituição oficial de ensino, porque até então o PRECE era um movimento que trabalhava com educação, mas de maneira informal. Antes dessa escola nunca trabalhei numa instituição oficial de ensino (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Para o diretor, o desafio havia sido lançado e muito teria que ser feito para estruturar a ideia de uma escola com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Portanto, a primeira coisa que o grupo tinha que fazer, nesse momento, era entender o PRECE, já que ele acontecia muito intuitivamente, ou seja, não tinha regras definidas, metodologias prontas. A ideia do grupo criado por Manoel Andrade Neto foi entender e discutir o que era o PRECE, encontrando uma forma de sistematizar essa metodologia. Para Elton Lopes Luz:

As pessoas faziam parte daquele grupo, que passava a ser uma família, o sentimento de pertencimento era muito grande. Como nós já havíamos chegado ao conceito de aprendizagem cooperativa e também passamos a ver muitos trabalhos dos

⁴Elton Lopes Luz- Graduado em Química e Doutor em Química pela Universidade Federal do Ceará- Diretor da EEEP Alan Pinho Tabosa

americanos, nós vimos que se encaixava perfeitamente sobre o que o PRECE fazia. Então o trabalho desse grupo passou a sistematizar o que o PRECE faz baseado na metodologia da aprendizagem cooperativa, que, por sua vez, é baseada na teoria da interdependência social que foi toda sistematizada pelos irmãos Johnson, que são líderes de um grupo de pesquisa da aprendizagem cooperativa, lá nos Estados Unidos, em Mineápolis (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Ao ser indagado sobre como o diretor definiria a AC, que é atualmente aplicada como modelo na escola em que ele administra, Elton Lopes Luz colocou que se trata de uma das metodologias participativas, visto não ser a única, existindo outras que têm como foco principal a aprendizagem dos estudantes nos relacionamentos que são criados, nos laços afetivos entre todos os atores envolvidos. Ainda sobre a definição de AC, ele assim se manifesta:

É uma metodologia que se baseia em tirar proveito da interação positiva entre os estudantes e entre os estudantes e professores. A interação pode ser positiva, negativa ou inexistente. Quando não há interação nós estamos trabalhando com o individualismo. Quando há interação negativa ocorre a competição, que é o que o nosso mundo prega hoje. Nesse caso a competição é uma interação negativa, porque um ganha e o outro perde. A interação positiva, que é o que a AC utiliza, é parecido com o que na biologia a gente conhece como simbiose, é uma relação onde todos os envolvidos saem ganhando (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Essa é a proposta da AC cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa, a de promover uma interação em que todos os envolvidos ganhem e que haja a formação integral do sujeito. A partir da utilização da metodologia da AC, outras competências são agregadas, o que não acontece quando se trata de uma aula tradicional, em que há somente um professor lecionando. Para Elton Lopes Luz:

Nesse campo dos relacionamentos, a aprendizagem cooperativa tem vantagem sobre as metodologias tradicionais, que são mais voltadas para o individualismo. Na aprendizagem cooperativa nós trabalhamos com o lema do “nenhum a menos”. A ideia é fazer com que os grupos se ajudem, por isso que as metas são coletivas, embora a avaliação seja individual.

Trabalhamos com o objetivo de que ninguém seja deixado para trás. Numa metodologia participativa, os estudantes são estimulados a falar, eles precisam interagir para que aprendam a conviver (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

É possível perceber as vantagens apresentadas com a implementação da metodologia da AC na visão do diretor Elton Lopes Luz. Dentre elas, uma que se sobressai está na formação para a cidadania, que é uma formação que não está ligada diretamente ao desenvolvimento das competências cognitivas, mas das competências interpessoais, do relacionamento, do aprender a conviver. Porém, quando perguntado sobre as desvantagens que ele consegue perceber na experiência vivenciada na escola desde 2011, ano de sua implementação, ele nos fala que:

Desvantagens, na verdade eu penso que nós não temos. Eu acho que nós temos muitos desafios. Um dos nossos grandes desafios tem sido o fato de não haver um modelo daqui, da escola Alan Pinho Tabosa. Nós trabalhamos com um modelo que é americano. E é um modelo criado especialmente para o público americano que tem uma cultura completamente diferente da nossa. Não ter esse modelo é uma desvantagem, porque a gente não tem muito o que seguir, precisa estar criando e adaptando a nossa realidade. É muito desafiador fazer dentro da sala de aula como nós estamos fazendo. Fora da sala, que aí seria um modelo mais parecido com o que acontece no PRECE, seria teoricamente mais fácil de se trabalhar (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Para o diretor, não existe um modelo de AC no Ceará, o que existem são estratégias que estão sendo implantadas em Pentecoste, que são referendadas pelo modelo americano ou inspiradas no trabalho do PRECE.

Outro fator que, segundo o diretor, pode ser entendido como desvantagem é a grande interação que há entre os alunos. Essa interação, em que pese o fato de ser positiva, gera conflitos e, também, mais trabalho, requerendo mais energia da parte dos professores que organizam o espaço em sala de aula. Ele enfatiza que essa dificuldade pode estar ligada à ausência de um modelo próprio. Por esse motivo, o grupo que está atuando na escola vai prosseguindo utilizando a estratégia da tentativa e do erro, o que, às vezes,

causa certa insegurança no grupo. Todos eles estão sendo formados em serviço.

Quanto ao nível de satisfação de todos os atores envolvidos no processo da metodologia da AC, segundo o diretor, ela seria muito grande. A explicação para esse fato estaria ligada ao local onde ela está sendo implementada. Em suas palavras:

Essa metodologia está sendo implantada exatamente no coração da AC. Quem você encontra, principalmente nas áreas rurais, tem um familiar seu que já passou pelo PRECE. Os professores, a maioria passou por esse grupo e são pessoas que vieram pra essa escola porque elas acreditam nesse modelo. Eles querem fazer esse modelo funcionar dentro da escola como ele já funciona dentro do PRECE. Entre os pais, a aceitação é unânime, especialmente porque os relatos deles é o quanto os filhos têm mudado em termos de postura. Entre 80 e 90% dos estudantes que entram nessa escola, já tiveram contato com a metodologia da AC através de uma preparação ao longo do 9º ano. Certamente, vai ter estudante também que quando passa pelo curso decide não vir para a escola. A gente sabe que a aceitação deles não é 100% (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Outro ponto explorado nessa entrevista objetivou saber se a metodologia da AC tem influenciado positivamente no resultado da aprendizagem dos alunos. O diretor respondeu afirmativamente, muito embora a escola ainda não possa realizar uma avaliação baseada na comparabilidade, já que somente ela, na rede estadual de ensino, utiliza-se desse modelo. A escola tem acompanhado casos de estudantes que apresentaram uma boa evolução. Para ele, é fácil perceber o quanto a interação com os colegas tem impulsionado a aprendizagem desses estudantes:

[...] o fato de não termos esses dados numa pesquisa estruturada a gente não tem como precisar e outro fator também é que nós não temos um grupo de controle, a AC é trabalhada em todas as turmas, inclusive na turma acadêmica, ou seja na turma que não tem o curso profissionalizante (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Com tantas atividades que se diferenciam da metodologia tradicional, achamos necessário saber se o tempo de aula que se utiliza é o mesmo utilizado nas escolas regulares, ou seja, de cinquenta minutos. Além disso, procuramos saber se esse tempo atenderia, de forma satisfatória, às atividades

planejadas pelos professores para o desenvolvimento da metodologia da AC em sala de aula. Para o diretor Elton Lopes Luz, esse é um tempo suficiente, a despeito de saber que planejar uma aula que envolve a participação dos alunos requer muito mais trabalho do que o planejamento de uma aula em que o professor fala tudo. Porém, para minimizar essa dificuldade, o horário é sempre feito com aulas geminadas, para as disciplinas que têm mais de uma aula semanal.

Para que o trabalho de sala de aula contemple a proposta da metodologia da aprendizagem cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa, algumas estratégias são utilizadas pelos professores. Dentre elas, a do grupo base. Segundo o diretor Elton Lopes Luz, essa estratégia funciona da seguinte forma:

Essa estratégia nós chamamos de “grupo base”. Os estudantes são divididos semanalmente em grupos base, um grupo de três estudantes, um coordenador de célula e mais dois estudantes. Na semana seguinte o coordenador de célula fica com mais outros dois, até completar o ciclo e aí esse coordenador de célula vai ter interagido com todos os alunos da sala. Isso é uma estratégia que já fica pré-estabelecida e o estudante já sabe com quem ele vai ficar nas próximas quinze semanas. (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Quando o diretor falou da estratégia, surgiu a curiosidade de conhecer como era feita a escolha do estudante coordenador de base e, principalmente, se essa escolha se dava por ele ser o melhor aluno em conhecimento cognitivo. O diretor respondeu que não necessariamente, acrescentando:

Na verdade ela é feita primeiramente pela vontade do aluno de participar, depois pelas competências que ele tem do ponto de vista dos relacionamentos e agregação de grupo e de organização para controlar o estudo. Ele não precisa ser o que sabe mais, porque na verdade ele é um apoio para o professor. Essa avaliação para escolha do coordenador de célula é feita pelos professores e pelos colegas de sala. Esse grupo é rotativo, a cada semestre ele é mudado, até que todos os estudantes da turma tenham passado pela função de coordenador, porque nós acreditamos que é mais uma estratégia de formação de estudante (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Sabe-se que as escolas profissionais oferecem aos alunos, ao término do Ensino Médio, a certificação também de uma profissão técnica. Há a

consciência das dificuldades que as escolas têm para fazer essa articulação, esse trabalho interdisciplinar até nas áreas do conhecimento. Portanto, deve ser mais difícil quando se trata de quebrar paradigmas historicamente enraizados na cultura do sistema de ensino, que é a integração curricular da Base Nacional Comum e da base técnica. Junte-se a esse desafio o de familiarizar os professores da base técnica com a proposta da metodologia da AC. Portanto, como acontece essa integração entre os professores da base técnica e os professores da base comum no que diz respeito à organização curricular? Para o diretor, ela acontece muito menos do que entre as disciplinas da base comum, embora, na escola, haja estratégias para que tal articulação se efetive. Segundo Luz:

Os professores da base comum ou eles vieram do PRECE, ou vieram da cidade de Pentecoste que no mínimo já conhecem a experiência. Os professores da base técnica eles nunca ouviram falar nada de PRECE, de AC e a única pergunta que nós fazemos quando eles passam por a nossa entrevista é se eles têm interesse de passar por uma formação em serviço sobre a AC (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

O diretor diz ainda que, infelizmente, com os professores da base técnica, não existem muitas alternativas. Isso porque a escola precisa desses profissionais que, muitas vezes, saem de Fortaleza unicamente para cumprir a carga horária de sua disciplina, diferentemente dos demais professores da base comum, que são lotados com 40 horas/aula na escola. Ainda assim, são estimulados a conhecer a metodologia e utilizá-la para ministrar as aulas. Eles conhecem estratégias como: grupos base, coordenador de células, papéis dos estudantes no grupo, definição de meta, contrato de cooperação.

Os coordenadores e os professores da Base Nacional Comum que participaram da entrevista fizeram colocações que têm o mesmo teor das respostas do diretor Lopes. São profissionais conhecedores da metodologia da AC, porque são oriundos da experiência do PRECE. Esses profissionais reconhecem que o que eles vivenciaram no PRECE pode contribuir para a construção de um modelo metodológico aplicável em escolas regulares. Identificam os inúmeros desafios a enfrentar até que se possa estruturar um

trabalho que atenda à realidade da comunidade de Pentecoste e que não se desvincule da essência e da verdadeira intenção que tem a metodologia da AC.

Para o professor de Sociologia e Filosofia Tony Werisson de Sousa Ramos⁵, que tem uma experiência de dez anos com o PRECE como aluno, que teve início no ano de 2002:

O método valoriza o educando como sujeito importante no processo ensino-aprendizagem. O estudante deixa de ser visto como um receptáculo. Numa sociedade da informação eles não aguentam mais somente a figura de um professor falando. Eles querem participar, interagir. O professor atua como um facilitador do conhecimento. Um dos pontos fortes dessa metodologia é apostar na autonomia para a aprendizagem (RAMOS, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Nesse mesmo sentido, a professora de Artes e Projeto de Vida diz que, apesar de não ter feito parte do PRECE, sempre admirara o empenho, a coragem e a determinação com que esses jovens conduziam suas vidas estudantis. Segundo Geisiane Alves de Andrade⁶, todo o processo metodológico é desafiante, envolvente, Para ela, também é muito gratificante perceber os avanços que os alunos apresentam em todos os aspectos, mas, principalmente, no

Despertar para a autonomia, para o diálogo, a interação face a face, saber ouvir, olhar olho no olho e poder dar voto de confiança a esse educando, permitindo que o mesmo possa ter responsabilidade sobre suas ações e escolhas (ANDRADE NETO, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2014).

Quando perguntado aos professores e coordenadores se o fato de a escola funcionar em tempo integral facilitaria a implementação da proposta, eles responderam que, por um lado, facilitaria, porque o convívio e o contato com o estudante são bem maiores, não havendo dispersão do aluno, como é comum quando o aluno precisa voltar à escola no contraturno, como nas escolas regulares.

⁵ Tony Werisson de Sousa Ramos, graduado em Ciências Sociais.

⁶ Geisiane Alves de Andrade, graduada em Arte Educação.

Para o grupo entrevistado, aplicar a metodologia da AC em uma escola de tempo integral só aumenta as chances de sucesso. Para a professora Sousa:

É um dos melhores espaços para a vivência dessa metodologia, já que ela permite a experiência não apenas no compartilhar conteúdos, mas no conviver juntos, já que eles passam dez horas por dia juntos e compartilhando espaços diferentes (SOUSA, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Contudo, quanto ao fato de a escola ser profissional, eles se posicionam como sendo um grande desafio. Isso porque a escola profissional tem um currículo da Base Nacional Comum e um currículo da base técnica que os alunos precisam dar conta ao longo dos três anos. Além disso, no 3º Ano, ainda precisam cumprir a carga horária de estágio. Esse acúmulo de responsabilidades, de acordo com os docentes, constituir-se-ia como um dificultador para a aplicação do método.

Diante dessa colocação, eles expressam a opinião de que a escola regular seria um ambiente mais propício para a implantação da AC, porque a metodologia poderia ser aplicada no contraturno e só participaria quem, de fato, tivesse interesse, principalmente nas atividades extracurriculares, uma vez que, nas disciplinas dos componentes curriculares, muitas coisas já se encontram determinadas.

Além dessa dificuldade, eles também apontam outro desafio na implementação do método que, para o professor Ramos, está ligado ao planejamento de sala de aula. Segundo o professor:

O desafio é sistematizar e aprimorar os planos de aula, uma vez que a metodologia da AC em sala de aula requer um tempo maior para o planejamento, visando às estratégias e técnicas para promover a interdependência dos educandos nas atividades em sala de aula (RAMOS, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Os professores também acreditam que existem vantagens e desvantagens na AC. Para a professora Daiana Paula Rodrigues de Sousa⁷, a desvantagem ocorre na possibilidade de o estudante se esconder dentro do grupo. Ela diz que: “O estudante pode se esconder dentro do grupo e se sentir inferior aos colegas. O estudante pode ainda perder o foco, devido às conversas paralelas” (SOUSA, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Sobre essa dificuldade apontada por quase todos os professores, referentes aos conflitos e conversas paralelas existentes entre os grupos, eles reafirmam que se constitui um desafio para eles. Nas conversas e entrelinhas dos educadores, está claro que o fato de os trabalhos serem desenvolvidos em grupo, gerando uma interação maior, criam-se, também, conflitos e conversas paralelas, o que demanda a intervenção deles no sentido de mostrar que, nesse modelo, há a possibilidade de os estudantes ganharem mais autonomia, o que implica responsabilidade do aluno consigo mesmo e com o outro.

O professor de História José Jocélio Simplício de Moraes⁸, ex-aluno do PRECE, compreende ser esse o foco da AC, possibilitar ao aluno essa experiência de ser um protagonista da sua aprendizagem cognitiva e também interpessoal. Buscar novas experiências que contribuam para o crescimento como ser humano, sendo capaz de entender que, mesmo em um mundo onde a moda é a competição, haja também a possibilidade de ocupar lugares de destaque, compartilhando saberes, boas ideias. Segundo Moraes:

A metodologia da AC ajuda tanto na formação acadêmica estudantil, como cidadã, buscando melhorar as relações sociais. Para o estudante aprender, é necessário que haja interação, troca de experiência, responsabilidade individual e coletiva, autonomia, saber que preciso do outro para alcançar a meta no grupo (MORAES, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

A situação que se apresenta é a de professores conscientes da responsabilidade que lhes foi colocada, a de implementar uma nova

⁷ Daiana Paula Rodrigues de Sousa, licenciada em Geografia, professora temporária das disciplinas de Geografia e projeto de Vida. A única experiência com a metodologia da AC está sendo na EEEP Alan Pinho Tabosa.

⁸ José Jocélio Simplício de Moraes, Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará, professor de História e Diretor de Turma da turma de Agricultura. Ex-aluno do PRECE.

metodologia que venha a substituir a metodologia tradicional e, mais do que isso, uma metodologia que mude a concepção da relação entre núcleo gestor *versus* professor, professor *versus* aluno e aluno *versus* aluno na construção de um conhecimento que também ultrapasse o sentido puramente cognitivo e colabore na formação de um ser integral.

Para esses protagonistas da EEEP Alan Pinho Tabosa, fica a certeza de que, embora os desafios sejam diários, há um consenso de todos no sentido de que essa metodologia seja de suma importância para a formação dessa nova geração. Esse é um fator que já pode ser sentido por todos que trabalham na escola. Segundo Ramos:

Ainda não conseguimos nos consolidar como uma escola de Aprendizagem Cooperativa. Isso é um processo. No entanto, já podemos perceber pontos positivos, principalmente relacionados a estudantes que chegaram com déficit de aprendizagem e o método está colaborando para o desenvolvimento cognitivo dos mesmos (RAMOS, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Na seção subsequente, será apresentada a visão dos alunos sobre a questão.

1.7 A percepção dos alunos sobre a metodologia Aprendizagem Cooperativa

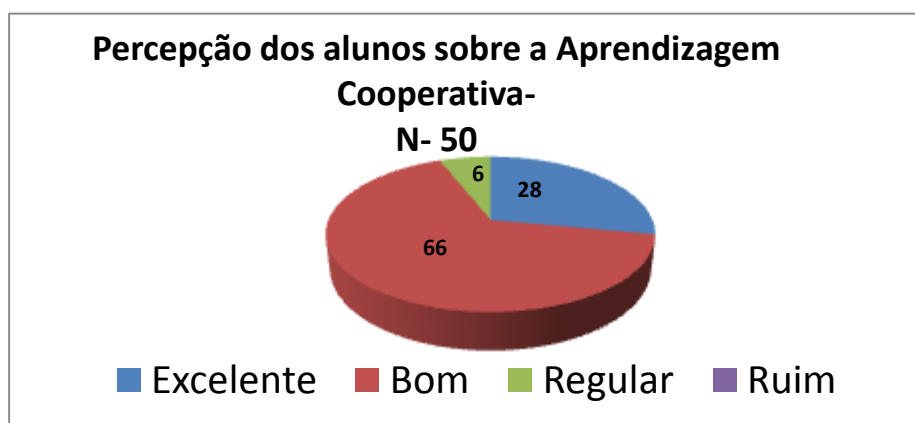
Para a efetivação deste estudo, como fora anteriormente explicitado, procedeu-se uma visita à escola com a proposta de aplicação de um questionário a uma amostra de estudantes e a realização de entrevistas com representantes do núcleo gestor, com os professores e com alguns pais e alunos. A primeira fase da pesquisa objetivou estudar o impacto da implementação da metodologia da AC nas condições de aprendizagem dos estudantes e no nível de satisfação dos docentes e discentes da referida escola. Nessa primeira fase, analisou-se uma amostra de 50 alunos, tendo sido realizadas 10 entrevistas com membros do núcleo gestor, com professores que lecionam disciplinas da Base Nacional Comum e com alunos e pais. Essa primeira fase da pesquisa analisou o nível de satisfação de todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem e também se a nova metodologia

contribuía para melhorar o nível de aprendizagem. Já nessa fase, foi possível constatar impactos positivos e negativos do modelo da metodologia da AC.

Dentre os impactos negativos, o mais mencionado, já citado na fala do diretor, é o fato de a escola, não tendo o seu modelo próprio da metodologia da AC, seguir um modelo importado dos americanos em um contexto bem diferente do aplicado naquele país.

Nos questionários aplicados aos alunos, a primeira indagação era sobre como eles classificavam a metodologia da AC. Dentre as respostas, ficou constado que 14 alunos achavam excelente, 33 alunos consideravam boa e somente 3, dos 50 alunos, avaliavam-na como regular.

Gráfico 1 Percepção dos Alunos sobre Aprendizagem Cooperativa



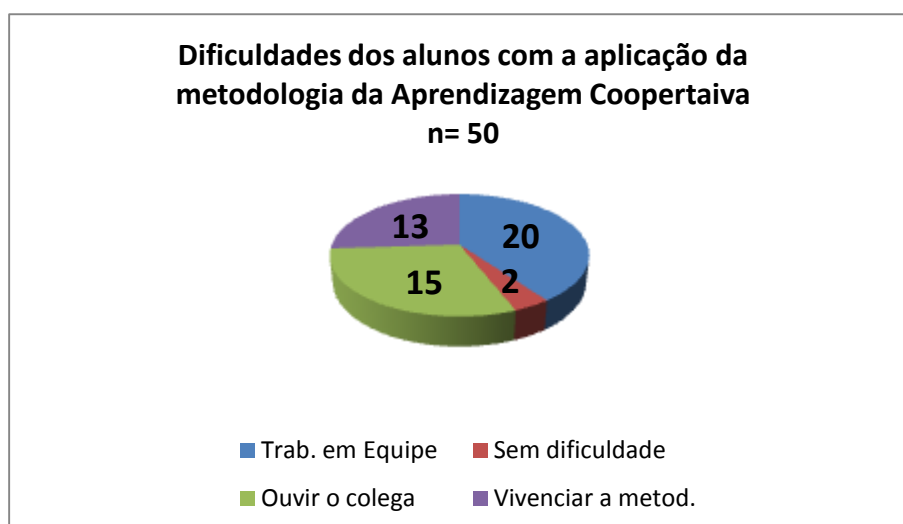
Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do questionário aplicado⁹

Apesar de a metodologia da AC ter como principal característica o desenvolvimento do trabalho em grupo, 20 alunos, responderam que a maior dificuldade que eles têm é a de trabalhar em equipe. Quando instigados a explicar esse contraponto, foram unânimes em dizer que o fato de terem que interagir o tempo todo contribui para o surgimento de conflitos, que sempre são superados com a ajuda dos colegas e dos professores.

⁹ Entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013 com alunos da EEEP Alan Pinho Tabosa. Estavam presentes representantes de todas as séries e cursos que a escola oferece.

Ouvir os colegas na hora precisa também se apresentou como uma dificuldade. 15 alunos, dos que responderam ao questionário, disseram que não é fácil respeitar os colegas quando eles falam. Outra dificuldade apresentada pelos entrevistados foi sobre a compreensão de entender e vivenciar a metodologia. A despeito de todos eles já terem convivido anteriormente com o PRECE e, ainda, terem passado por um processo de formação¹⁰ no 9º ano para ingressar na escola, 13 alunos disseram que sentem dificuldade em vivenciar a metodologia da AC, enquanto 2 alunos, responderam não ter nenhuma dificuldade.

Gráfico 2 – Dificuldades dos alunos com a aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa



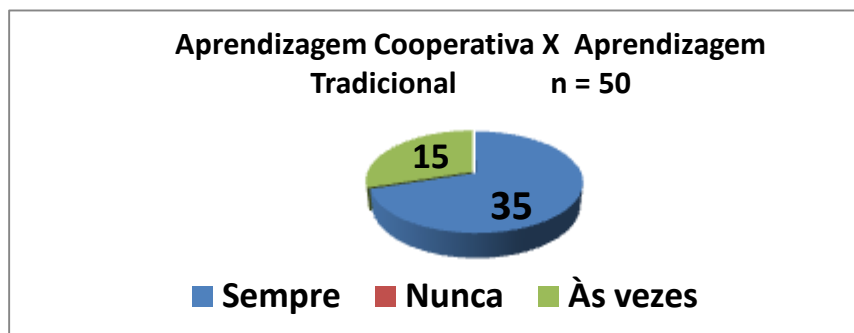
Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do questionário aplicado.

Outro aspecto interessante da pesquisa diz respeito ao entendimento que eles tinham sobre a metodologia tradicional, que fizera parte da sua vida estudantil até o 9º ano do Ensino Fundamental, e sobre a metodologia da AC. Quando perguntados se a metodologia da AC era melhor do que a metodologia tradicional, 35 alunos disseram que sempre e 15 alunos responderam que somente às vezes ela era melhor do que a outra. Nenhum aluno mencionou a

¹⁰ O processo de formação para os alunos do 9º ano que desejam concorrer a uma vaga na EEEP Alan Pinho Tabosa acontece na referida escola e tem como objetivo apresentar aos alunos o método da Aprendizagem Cooperativa. São planejadas e realizadas em forma de oficinas.

resposta do item B, correspondente a “nunca”, tampouco a do item C, “às vezes”.

Gráfico 3 Aprendizagem Cooperativa X Aprendizagem Tradicional

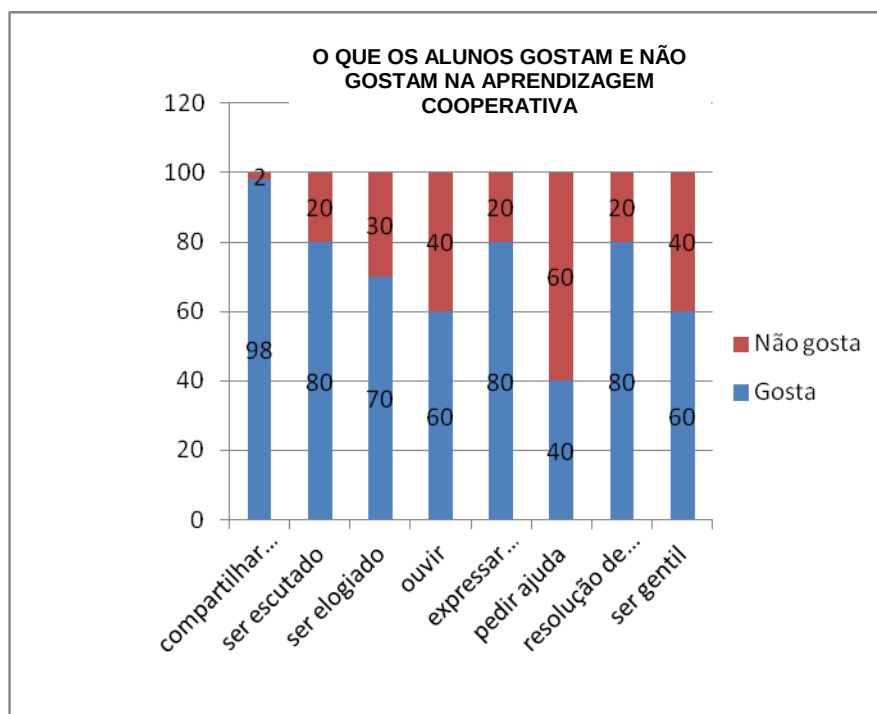


Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do questionário aplicado.

Quando foram indagados sobre o que mais gostavam na metodologia da AC, questão em que poderiam escolher mais de um item, 49 alunos assinalaram que gostavam de compartilhar conhecimentos, 40 alunos preferiam ser escutados, 35 alunos gostavam de ser elogiados, 30 alunos preferiam ouvir os outros atentamente, 25 disseram que o que mais gostavam era expressar sentimentos, outros 20 alunos gostavam de pedir ajuda, 40 alunos preferiam a resolução de problemas e 30 alunos disseram que ser gentil era o que mais gostavam na vivência da metodologia da AC.

É importante observar que é muito forte o interesse dos alunos em compartilhar conhecimento. O percentual para esse item quase chega aos 100%. Essa ação na metodologia da AC tem grande relevância, visto que as atividades desenvolvidas em sala de aula ganham esse caráter de partilhar os conhecimentos.

Gráfico 4- O que os alunos gostam e não gostam na Aprendizagem Cooperativa



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do questionário aplicado

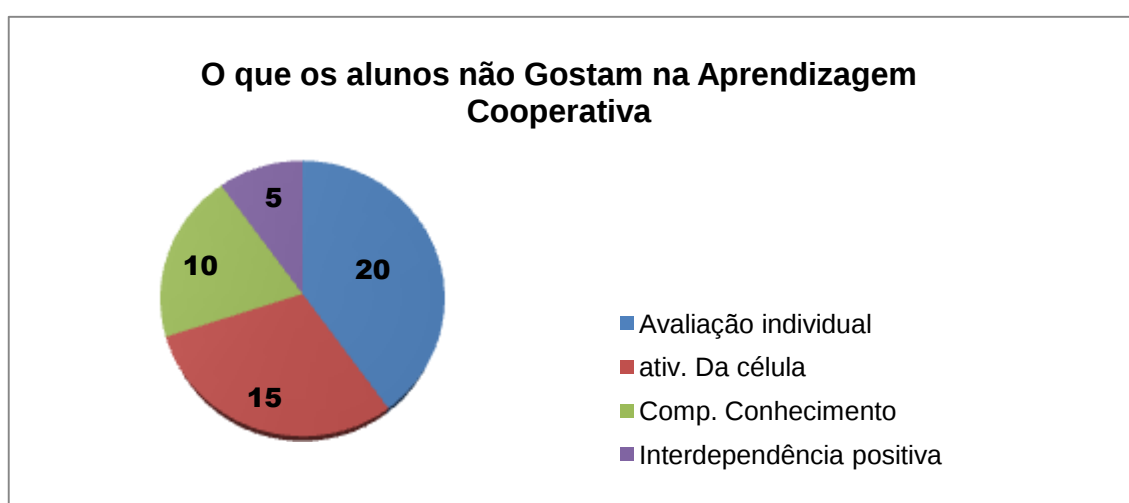
A questão que tratava do que os alunos não gostavam na metodologia da Aprendizagem Cooperativa também poderia ter mais de um item escolhido. 20 alunos responderam que a avaliação individual era o que eles menos gostavam. Quanto a participar da atividade da célula de aprendizagem, 10 alunos disseram não gostar. Quanto a Interdependência Positiva 15 alunos afirmaram não gostar e esse dado pode ser um indicador preocupante, porque é a Interdependência Positiva que representa um dos cinco elementos da AC, definida como sendo o que diferencia um grupo de aprendizagem colaborativa de um grupo que se conecta esporadicamente.

A interdependência pode ser positiva e negativa. A positiva, em que os alunos trabalham em conjunto, em pequenos grupos, tem o objetivo de oportunizar a aprendizagem de todos os membros do grupo. Já a interdependência negativa, que se configura pela competição, ocorre quando o sucesso de um aluno reduz as possibilidades de sucesso do outro (LOPES & SILVA, 2009, p. 16). Os outros elementos são: a responsabilidade individual e de grupo, a intenção estimuladora, preferencialmente face a face, as

competências sociais e o processo de grupo ou avaliação de grupo (LOPES & SILVA, 2009, p. 15).

A interdependência positiva é planejada para que todos os membros do grupo participem a fim de que a tarefa seja completada. Somente 05 alunos responderam não gostar de compartilhar conhecimento, o que também é um resultado positivo, se olharmos para as intenções da metodologia que é propor outra forma de aprendizagem, diferente da que se tem atualmente, que é o saber individualizado.

Gráfico 5- O que os alunos não gostam na Aprendizagem Cooperativa



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do questionário aplicado.

Esse momento com os alunos foi de suma importância para um entendimento prévio de como se processa essa metodologia da AC na sala de aula, como eles absorvem esse modelo e a sua importância no processo de ensino e de aprendizagem. Afinal, as práticas educativas pautadas nessa perspectiva da interdependência positiva devem contribuir com o fortalecimento da cultura mais participativa, mais democrática dos sujeitos e das comunidades envolvidas nessas práticas.

Três dos 50 alunos que responderam ao questionário também participaram da entrevista e responderam algumas perguntas sobre a metodologia da AC. A primeira delas foi sobre a experiência deles com a metodologia, se acontecera antes do ingresso na EEEP Alan Pinho Tabosa. A segunda pergunta foi como essa metodologia contribuía para alguma mudança

na vida deles e, por fim, foi perguntado aos alunos sobre qual modelo de professor estimulava mais o aprendizado, o que se comportava como um transmissor do conhecimento ou aquele que tinha o perfil de mediador do conhecimento. Todos foram unânimes em dizer que já tinham escutado falar da Aprendizagem Cooperativa, mas que os primeiros contatos com a metodologia ocorreram na EEEP Alan Pinho Tabosa.

A princípio, como aluno de 9º ano no curso de formação, para concorrer a uma vaga e, agora, como aluno matriculado da escola. Percebe-se que os alunos nutrem um profundo respeito pela metodologia, não somente pela história que ela representa na comunidade, mas, principalmente, porque ela vem realizando mudanças muito benéficas em suas vidas, tanto no aspecto cognitivo como no social. A fala de todos os alunos foi muito interessante e eles compartilham do mesmo sentimento, mas um em especial chamou a atenção. Segue parte da sua fala:

Eu era uma pessoa muito individualista e chegava a ser considerado pelos colegas com uma pessoa antipática, chata, reservada. A minha experiência com a AC proporcionou uma mudança muito significativa na minha vida. A partir dela, eu pude compreender e aprender que não seria necessário eu deixar os meus interesses individuais de lado, o que eu precisava mesmo era saber administrar esse meu egoísmo, que chegava ao ponto de, quando na minha sala alguém tirasse uma nota maior do que a minha, já era considerado meu inimigo. Aqui eu entendi que quanto mais eu compartilho o meu conhecimento, mais eu aprendo e esse ensinamento eu levarei para o resto da vida (ALUNO, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013)¹¹.

A fala do aluno nos transporta a uma realidade bem próxima no cotidiano dos alunos que estudam não para aprender e, sim, para competir. Esse fato é bem presente nas organizações de ensino particular, onde o ingresso dos alunos, através de testes de seleção, dá início também a uma seleção interna que, dependendo da sua nota e classificação, direciona-os para

¹¹ Aluno matriculado na EEEP Alan Pinho Tabosa na turma acadêmica do 3º ano do Ensino Médio. A turma acadêmica é a única turma cujos alunos não estudam em nenhum curso técnico.

turmas olímpicas¹² ou não. Nessas turmas eles são estimulados a serem os melhores e, assim, a escola ganha nome, fama. O discurso do aluno da impressão de que ele, até então, só conhecia esse caminho para o processo ensino-aprendizagem, o de tirar boas notas e ser o melhor da sala, sem se importar com os que estavam à sua volta.

Os professores da Base Nacional Comum, assim como os gestores, também foram alunos do PRECE e carregam o sentimento de que, unidos em torno de um ideal, podem tornar real a proposta da Secretaria de Educação de manter uma escola de Educação Profissional na cidade berço da AC no Ceará.

Com efeito, os resultados da pesquisa demonstraram que os gestores, professores e estudantes avaliaram a AC como sendo uma metodologia satisfatória para todos os atores envolvidos nesse processo. Os alunos são os que mais dizem se beneficiar desse novo método, uma vez que ele contribuiu muito na sua conduta acadêmica. Prova disso é a influência positiva e direta do trabalho cooperativo e no rendimento dos estudantes envolvidos. Em alguns questionários pôde-se perceber tal satisfação, apontando o compartilhamento de experiências e conhecimento, a ajuda mútua e o desenvolvimento da autonomia de estudo como fatores essenciais para a construção de resultados como: esclarecimento de dúvidas, complementação de ideais e facilidade na assimilação de conteúdos. Porém, é necessário elucidar que o trabalho cooperativo não atinge somente as notas dos estudantes, mas também o grau de interação entre eles, de ajuda mútua que, por sua vez, potencializou significativamente o grupo cooperativo.

Já no relato dos pais, há registros sobre a mudança de postura dos filhos a partir da experiência com a AC. Eles comentam satisfeitos da maturidade que os filhos estão adquirindo e atribuem as mudanças à vivência com essa metodologia, já que, no Ensino Fundamental, nível em que é aplicada a metodologia tradicional, eles poderiam até apresentar boas notas e serem aprovados, mas tinham uma postura individualista e não se mostravam responsáveis com suas tarefas escolares.

¹² São chamadas turmas olímpicas aquelas que cursam apenas o Ensino Médio e não concluem essa etapa de ensino com a certificação de nenhum curso técnico. A cada ano a escola matricula uma turma olímpica.

Nesse sentido, de acordo com os dados apresentados, ficam evidentes que são muitos os elementos que contribuem para uma formação integral dos educandos. Elementos estes que permeiam todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem da EEEP Alan Pinho Tabosa e que influenciam, de forma positiva, no desempenho dos alunos.

O papel do professor na metodologia da AC é um elemento apontado por todos os alunos entrevistados como sendo responsável pelo sucesso na construção de um conhecimento mais sólido. Um aprendizado diferente daquele que ocorre na metodologia tradicional, porque tem a cooperação e o envolvimento de todos os alunos da sala, uma vez que eles são estimulados a interagir.

O que ocorre na prática cotidiana dos professores que valorizam os seus papéis perante os alunos é a postura que eles assumem na condução de suas aulas. Além disso, Casassus (2009) acrescenta que o professor deve buscar construir uma relação de confiança, segura com os alunos. Essa não será uma tarefa fácil e, possivelmente, pode levar um tempo. Porém, quando isso se estabelecer, os focos de interesse dos alunos e as aprendizagens ocorrerão mais rapidamente, até mesmo naquelas disciplinas nas quais os alunos sentem mais dificuldades (CASASSUS, 2009, p. 212 e 213).

Ao aluno também cabem responsabilidades ao assumir essa nova postura de sujeito do processo ensino-aprendizagem. Isso se faz necessário porque

Não se pode ter um professor como mediador do aprendizado se os alunos não querem ser o sujeito do mesmo, permanecendo passivos, ou seja, esperando que o professor lhes “transmita todo seu saber”. Aprender é um processo ativo, no qual o aprendiz tem sua parcela de responsabilidade. O papel do professor não é mais de detentor do saber, e sim um mediador e facilitador. Ele trabalha com estratégias de aprendizagem que auxiliam o aluno a assumir uma autonomia sobre seu aprendizado. [...] Este novo conceito e papel do alunado não se tornam realidade logo no início das aulas [...] Cabe ao professor estar ciente disso e sempre pronto a lembrar ao aluno e a estimulá-lo quanto ao seu papel e responsabilidade diante de seu próprio aprendizado (CIOLA, 2011, p. 1).

É importante salientar que o papel do professor, frente a essa tarefa de mediar o conhecimento, requer um esforço e um planejamento mais bem elaborado. É certo que, quando o professor:

Permite que os alunos exponham e discutam os seus pontos de vista, ele está ao mesmo tempo permitindo que conflitos e confrontos de ideias apareçam e possam ser resolvidos. Isso contribui para que um ambiente sócio-afetivo e intelectual se desenvolva e favoreça o aprendizado. O clima da classe pode melhorar quando o professor entende o que é autonomia e como ela pode ser trabalhada com a classe (LOPES & SILVA, 2009, p. 16- 41).

Ainda sobre a importância do professor para o encaminhamento do sucesso e da autonomia dos alunos, Paulo Freire diz que

o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Como fora explicitado, o trabalho em equipe é a essência da metodologia. É a partir dele e nele que as experiências vão ganhando força, autonomia e gerando muitos outros elementos como aprender a conviver, compartilhar conhecimento e, mais do que isso, compartilhar valores que vão para além dos muros da escola, vão para a vida. O trabalho em equipe traz toda uma ideia de solidariedade, de partilha, o que, de certa forma, solidifica a aprendizagem cognitiva, porque, quando alguém repassa o que sabe, aprende mais, além do prazer e da sensação de ser útil. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, já dizia que “quem ensina aprende ao ensinar. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2013, p. 25).

Outro ponto observado, e que certamente vem facilitando a implementação do método da AC na EEEP Alan Pinho Tabosa, é o apoio que a equipe recebe da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, que tem todo o interesse de que o projeto-piloto renda bons resultados e que possa ser replicado nas demais escolas da rede de ensino do Ceará. Ao contrário do PRECE, que iniciou suas atividades sem um planejamento prévio, sem contar

com os recursos adequados, a Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa vem cercada de um aparato que conta com o apoio do PRECE, na pessoa dos professores que fazem a equipe, quase todos ex-precistas, com a Universidade Federal do Ceará- UFC e todas essas instâncias de apoio sob a coordenação do professor Manoel Andrade Neto. O apoio da SEDUC se dá, principalmente, porque a escola é pública estadual e também pelo desejo de implementar essa experiência em uma instituição regular de ensino como forma de projeto, para que, posteriormente, ela possa se expandir para toda a rede estadual de educação como uma política pública, no sentido de desenvolver o protagonismo juvenil na juventude cearense, nessa faixa de escolaridade.

Portanto, esses três pontos: o papel do professor, o trabalho em grupo e o apoio da SEDUC se destacam como pontos fortes para assegurar que os obstáculos sejam encarados pela equipe de trabalho como algo possível de ser superado, uma vez que está claro, nas discussões acima realizadas, que o processo não está acabado. Muito ainda precisa ser feito para que, de fato, a efetivação desse novo método da AC na EEEP Alan Pinho Tabosa adquira uma identidade própria.

Diante do exposto, necessário se faz entender qual o papel do PRECE e da experiência norte-americana na construção dessa rotina escolar e como essas experiências podem influenciar a escola a encontrar um caminho da metodologia da AC que reflita o contexto e a realidade dessa escola de tempo integral e de currículo integrado.

No capítulo seguinte serão apresentadas algumas vertentes que embasam o desenvolvimento da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Será analisado o modelo utilizado pelo Programa de Educação em Células Cooperativas- PRECE, o modelo utilizado na metodologia norte-americana e o modelo que vem sendo desenvolvido na EEEP Alan Pinho Tabosa. De todos eles, serão apresentados os objetivos, as diretrizes dessa metodologia, os fatores centrais que as constituem e quais desses fatores estão presentes na metodologia aplicada na referida escola e, portanto, quais deles podem ser incorporados à nova metodologia que se pretende construir.

2. OS MODELOS QUE FUNDAMENTAM A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ALAN PINHO TABOSA

A finalidade deste capítulo é analisar os modelos que fundamentam, teoricamente, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa desenvolvida na EEEP Alan Pinho Tabosa. Para tanto, serão analisados o Programa de Educação em Células Cooperativas - PRECE, o programa desenvolvido por teóricos norte-americanos e, por fim, como esses dois pressupostos têm contribuído para a definição do modelo implementado pela escola. Nesse sentido, o capítulo 2 se deterá na análise dessas metodologias com a intenção de identificar quais contribuições elas trazem para a experiência implementada na EEEP Alan Pinho Tabosa.

O capítulo inicia com uma abordagem sobre o modelo utilizado pelo Programa de Educação em Células Cooperativas- PRECE, com o propósito de esclarecer os objetivos, as diretrizes e os fatores centrais que o constituem e que podem ser incorporados à proposta de construção de um modelo que reflita a realidade da escola, tais como: ser de tempo integral e, ao mesmo tempo, oferecer aos alunos duas modalidades de ensino: o médio e o profissional.

A metodologia norte-americana será observada levando em consideração, assim como no PRECE, ou seja, os objetivos, as diretrizes e os fatores centrais que a constituem. Por fim, será feita a análise da metodologia aplicada na EEEP Alan Pinho Tabosa, o que a escola incorpora das metodologias acima citadas e quais elementos podem contribuir para a elaboração de um modelo pertinente à realidade na qual está inserida a instituição, haja vista toda a sua complexidade, por fazer parte de um projeto de escola de tempo integral e currículo integrado.

O que foi possível observar é que o fato de a escola ser de tempo integral não é considerado por todos os educadores como sendo uma vantagem para a implementação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Eles consideram que, como o ritmo da escola é muito intenso, o tempo que fica reservado para a aplicação da metodologia não é suficiente. Há, porém, quem pense exatamente o contrário, considerando que o fato de ser

uma escola de tempo integral se constitui como um facilitador para a implementação da metodologia.

Por fim, o foco de nossas análises recai sobre o modelo estruturado na EEEP Alan Pinho Tabosa. Para tanto, observamos as contribuições advindas, tanto da experiência do PRECE quanto da experiência norte-americana, buscando identificar quais os elementos são comuns a esses dois modelos.

2.1 Metodologia da Aprendizagem Cooperativa do PRECE

Cipó é um povoado situado a 16 km da sede do município de Pentecoste, no estado do Ceará, onde, em 1994, iniciou-se a experiência com a Aprendizagem Cooperativa. O local só dispunha de uma escola que atendia aos alunos matriculados da alfabetização até a 4ª série do Ensino Fundamental. Além desse problema relacionado à falta de escolas, a localidade ainda tinha dificuldades de oferecer serviços básicos como água encanada e rede de energia elétrica. Dessa forma, é possível prever que as pessoas que ali nasciam que não tinham condições de sair para estudar em uma cidade mais desenvolvida, tinham a sua escolaridade comprometida.

Sensibilizado com essa realidade, Manoel Andrade Neto, natural de Cipó, criou um espaço para apoiar estudantes da sua comunidade e das circunvizinhas. Percebendo que os seus conterrâneos não teriam a mesma oportunidade que ele, de sair da localidade para dar continuidade aos estudos, na cidade de Fortaleza, ele iniciou um movimento educacional para ajudá-los no próprio povoado. Andrade Neto entendia que a educação era um caminho capaz de alterar o ambiente de conformismo e de dependência de favores políticos predominantes na região.

A missão do PRECE é a de colaborar para a formação de sujeitos críticos e reflexivos nos diferentes níveis de conhecimento (técnicos, graduados e pós-graduados), capazes de realizar o desenvolvimento educacional, científico, econômico, político e cultural de forma sustentável em comunidades de baixa renda. A ideia é a de que cada cidadão seja um protagonista, e que cada comunidade seja um espaço de cooperação e de desenvolvimento igualitário.

O objetivo dessa iniciativa continua sendo o de melhorar a qualidade de vida de jovens com pouca ou nenhuma escolaridade, oportunizando o acesso aos estudos e promovendo uma reflexão sobre a realidade social e política, principalmente da comunidade local. O PRECE traz, arraigados à sua prática, valores e atitudes relativos à cooperação, solidariedade, doação, dedicação e fraternidade, que vêm sendo passados de uma geração para outra. Nos momentos de estudo, inspirados nas ideias do PRECE, os estudantes discutem a sua realidade e o que fazer para transformá-la. Essa postura cidadã torna-se pois, um elemento fundamental para a constituição dessa metodologia.

A Aprendizagem Cooperativa do PRECE iniciou-se como uma experiência informal em educação, que ganhou força como um movimento que hoje permeia espaços formais de educação através de parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) e com a Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, nomeia-se esse modelo de Aprendizagem Cooperativa, devido a consonâncias e influências metodológicas da teoria norte-americana de aprendizagem cooperativa dos irmãos David W. Johnson e Rogers T. Johnson (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1998), embora o modelo do PRECE dele se diferencie.

É importante destacar que o contato com a Aprendizagem Cooperativa norte-americana tem subsidiado o PRECE em seu processo de sistematização metodológica, principalmente no que se refere aos princípios que permeiam o funcionamento das Células de Aprendizagem Cooperativa (MIRANDA, BARBOSA & MOISES, 2011).

A metodologia do PRECE constitui-se em uma proposta singular de aprendizagem em grupo, voltada para as vivências dos seus membros e para a possibilidade de transformação social e de desenvolvimento local, a partir das experiências de aprendizagem de jovens em grupos de educação informal no interior do Ceará. (MIRANDA, BARBOSA & MOISES, 2011)

O PRECE é estruturado por meio de células de estudo que funcionam da seguinte maneira: um grupo de pessoas se reúne para compartilhar conhecimentos e, conseqüentemente, suas histórias de vida. Não há professor, os próprios estudantes se tornam colaboradores das disciplinas com que têm mais afinidade. Eles se apoiam mutuamente e, juntos, superam suas

dificuldades de aprendizagem, preparando-se para ingressar no Ensino Superior.

Ao ingressarem na universidade, os estudantes retornam às suas comunidades para gerirem as Escolas Populares Cooperativas e para atuarem nas células estudantis. Esse retorno é o principal diferencial do PRECE, desde a sua implemetação, quando o professor Manoel Andrade Neto retornava à comunidade para motivar o primeiro grupo formado por sete alunos. Essa mesma atitude vem sendo repetida, até hoje, quase todos os estudantes que ingressam nas universidades públicas através do PRECE. Para Rodrigues (2007), os estudantes,

Ao retornarem aos fins de semana às suas origens, graduados e graduandos estabelecem contatos e trocam experiência com seus colegas que ainda se preparam para prestar o vestibular, fato que motiva a ambos e que fortalece o vínculo e o compromisso de todos os precistas com as atividades desenvolvidas. Cada um assume a parte que lhe cabe, para que o grupo alcance seus objetivos (RODRIGUES, 2007, p. 89)

Na comunidade, o universitário torna-se exemplo de superação para os demais, o que estimula outros jovens a também quererem entrar para a universidade. Esse método tem transformado a história de centenas de jovens no semiárido cearense. Desde a primeira aprovação, como fora anteriormente mencionado, mais de 700 estudantes¹³ de origem popular já ingressaram no Ensino Superior através do PRECE.

O relato de Rodrigues (2007), sobre a sua aprovação no vestibular, em 1996, vem mostrar o que representou e representa para aquela comunidade essa iniciativa de estudo em grupos cooperativos, ou seja, no PRECE.

Em 1996 a entidade comemora a primeira aprovação de um dos seus fundadores na UFC. O resultado do grupo de estudo da casa de farinha começa a aparecer. Fui o primeiro estudante do PRECE a prestar vestibular.[...] Minha aprovação no vestibular foi um momento de vitória coletiva, um momento de afirmação do grupo, do fortalecimento do ideal de que, através dos estudos na casa de farinha, poderíamos chegar a universidade sim e romper com a tradição de conformismo e de

¹³ Dados fornecidos pelo PRECE

aceitação de uma realidade que não oferecia novos horizontes e perspectivas aos moradores do campo.[...] O resultado foi legitimador. Fui aprovado para o curso de Pedagogia e em primeiro lugar entre os candidatos que disputavam o ingresso no curso (RODRIGUES, 2007, p. 92).

Aprovações como a de Rodrigues começaram a validar, junto à comunidade, esse modelo de estudo, uma vez que, para a maioria da população, o professor e a escola eram os únicos referenciais que eles tinham de que o aluno poderia aprender.

2.1.1 Diretrizes do PRECE

A metodologia do PRECE não utiliza critérios seletivos para formação de seus grupos, recebendo todo e qualquer estudante que deseja aprender, independente da sua formação prévia. Os estudantes acolhidos são agrupados em grupos chamados de células e possuem graus variados de conhecimento. Cada célula é formada por cerca de cinco a sete estudantes, subdividindo-se em duas diferentes frentes de trabalho: as Células de Iniciantes e as Células de Níveis Avançados. (ANDRADE NETO & MAZZETTO, 2007, p. 2)

Apesar de não haver nenhum processo seletivo, os estudantes, ao chegarem ao programa, passam por avaliações diagnósticas. O processo de diagnóstico, promovido pelos estudantes universitários, tem como objetivo constatar em que grau de escolaridade os novos alunos se encontram e, conseqüentemente, perceber como esses alunos podem contribuir com o grupo, visto que o estudo mais elaborado e direcionado só ocorre no final de semana, com a ajuda dos estudantes universitários, que retornam à comunidade para dar continuidade ao propósito de melhorar a aprendizagem daqueles que não tiveram oportunidade de estudar.

A partir do resultado das avaliações, são iniciadas as atividades de estudo nas células de revisão (iniciante) ou pré-vestibular (avançado). A metodologia da Aprendizagem Cooperativa se configura nessas atividades a partir do modo como os estudantes de cada célula se relacionam, durante a semana de estudo, buscando cumprir com os conteúdos que foram sugeridos por meio de leituras e de debates que ajudam a consolidar esses conhecimentos.

Durante toda a semana, os estudantes se reúnem na casa de farinha, cedida pelos pais do Professor Andrade Neto. Essa convivência é importante para os precisistas, uma vez que nesses momentos eles passam a partilhar não só o conhecimento, mas também dificuldades, sonhos, sentimentos, enfim, suas vidas.

Segundo Andrade Neto & Mazzetto, as células de estudo funcionam assim:

Cada Célula de Iniciantes tem um monitor, representado pelo estudante com mais experiência no projeto e que recebeu capacitação prévia para assim atuar. Essa capacitação é realizada por estudantes universitários ou graduados oriundos do programa, e inclui conhecimentos sobre responsabilidade política, inclusão social, cidadania, pedagogia voltada à educação de células e na área específica que o mesmo irá atuar dentro da célula, ou seja, matemática, química, física etc (ANDRADE NETO & MAZZETTO, 2007, p. 3).

Com os estudantes das Células Avançadas, o processo metodológico se dá de forma semelhante, com uma diferença na orientação dos estudos nos finais de semana:

As células de Nível Avançado também se reúnem durante a semana [...] são compostas em média cinco a sete monitores, onde um deles exerce o papel de articulador, normalmente representado pelo mais experiente na metodologia empregada pelas células avançadas. Os estudantes das células avançadas são orientados nos finais de semana pelos universitários que já passaram pelo programa que retornam voluntariamente a comunidade para exercer essa função (ANDRADE NETO & MAZZETTO, 2007, p. 3).

Esse compromisso dos estudantes de retornarem às suas comunidades após ingressarem na universidade tem um significado muito importante. Primeiramente, por manter viva a ideia de estudos cooperativos e, ainda, por conseguir promover um elo do conhecimento institucionalizado da universidade com a educação informal do PRECE.

Outro dado interessante do retorno é que a cooperação não fica restrita aos estudantes que pleiteiam a vaga na universidade, mas também perpassa pelo ato do retorno à comunidade natal para ajudar outros estudantes. Isto é, a cooperação supera o objetivo imediato e estabelece uma cultura colaborativa.

Na verdade, outras vantagens podem se somar a essa ação dos estudantes, como, por exemplo, a de oportunizar à comunidade a convivência com pessoas que conseguiram ampliar os seus conhecimentos por meio do Ensino Superior. Ao retornarem com o intuito de fortalecer as células estudantis, os universitários fortalecem também o desenvolvimento da comunidade, contribuindo para que os jovens permaneçam em sua terra natal. Para Luz, um ex-aluno precisa:

Cada estudante, após o ingresso no Ensino Superior, retorna à sua comunidade de origem para ajudar os que ainda não conseguiram ser aprovados no vestibular, e, após a sua graduação, são estimulados a desenvolver projetos que favoreçam o desenvolvimento sustentável da sua região (LUZ, 2006, p. 16).

Ainda de acordo com Lopes, o retorno dos universitários reforça a lição de cooperação aprendida no PRECE, além de contribuir para o fomento do sentimento de responsabilidade para com o prosseguimento do projeto. De acordo com ele:

O espírito de cooperação e solidariedade adquirido por esses estudantes no PRECE vai além da preocupação com a aquisição de conhecimentos. É possível identificar um sentimento de responsabilidade pelo desenvolvimento da sua região: hoje 87,6 % dos estudantes que passaram no vestibular através do PRECE continuam envolvidos no Programa atuando como facilitadores educacionais e/ou como coordenadores das Escolas Populares Cooperativas (LUZ, 2006, p. 29).

A sugestão do Professor Manoel Andrade Neto aos estudantes foi que eles se reunissem diariamente, mesmo em sua ausência, e juntos estudassem os conteúdos, cada um contribuindo, a seu modo, para a aprendizagem coletiva. Essa estratégia de estudo recebeu muitas críticas dos pais e da comunidade. A maior desconfiança se dava pela ausência do professor. Muitos questionamentos surgiam por parte dos pais e comunidade, como: “será que haverá aprendizado sem um professor ali para ensinar”, ou então, “como confiar num grupo de adolescentes decidindo o que vão fazer”, e ainda, “o que esses meninos têm para ensinar um para o outro”.

Apesar da descrença, da desconfiança dos familiares, da comunidade e, até mesmo, em alguns momentos, dos próprios estudantes, o professor continuava esperançoso e convicto de que o grupo tinha o que era necessário para seu processo de construção de conhecimento, ou seja, o grupo tinha a vontade de aprender. Para Rodrigues¹⁴:

Romper a barreira do preconceito de muitas pessoas nos anos iniciais foi uma tarefa difícil. [...] De fato, não poderia se esperar de uma população que não teve acesso à educação que subitamente a valorizasse, a ponto de abrir mão da força de trabalho dos filhos em prol dos estudos. [...] Era justificável que não compreendessem a importância que aquele grupo de estudantes poderia representar para o desenvolvimento educacional e social da comunidade (RODRIGUES, 2007 p. 62).

Segundo Rodrigues, no início das atividades em grupo, a despeito do fato de os estudantes não terem clareza de até onde eles poderiam chegar com essa iniciativa de estudo em pequenos grupos, estavam determinados e dispostos a investir na oportunidade.

Enfim, a desconfiança foi uma das barreiras que os precisistas tiveram que ultrapassar, além de outras, como: a geográfica, a financeira e a educacional, em virtude da baixa escolaridade de cada um.

Os primeiros estudantes enfrentaram muitas dificuldades. Rodrigues cita algumas delas: “[...] alimentação na casa de farinha, adaptação à nova moradia, convivência em grupo, falta de recursos financeiros” (RODRIGUES, 2007 p. 62) A casa de farinha foi o primeiro espaço que abrigou esses estudantes. Ela era, ao mesmo tempo, a casa deles e a escola onde estudavam.

O diálogo é um ponto forte nesse processo de socializar o conhecimento e a experiência pessoal nas células de aprendizagem cooperativa. O uso sistemático do recurso de contação da história de vida, momento em que os estudantes conversam sobre sua vida pessoal com o propósito de se conhecerem mais e também de fortalecerem a relação. Esse compartilhamento

¹⁴ Francisco Antonio Alves Rodrigues- é um dos sete estudantes do grupo base de fundação do PRECE e o primeiro a entrar na Universidade Federal do Ceará no curso de Pedagogia. O referido aluno tirou o 1º lugar no vestibular.

das histórias de vida em meio aos sentimentos e livros traz uma dimensão mais fluida e igualitária no processo educacional nesse modelo do PRECE.

Para os jovens, compartilhar suas histórias de vida era um ponto importante de encorajamento, de incentivo, já que todos pertenciam a uma realidade tão próxima, tão igual. Segundo os relatos dos precistas, eles se uniram e cada um sempre trazia uma palavra de força no momento em que o outro parecia fraquejar. Essa união sempre foi um ponto forte na vida de todos que conseguiram alcançar seus objetivos a partir da experiência vivenciada no PRECE.

Minha história de vida testemunha o histórico descaso da educação a que a população no campo foi submetida; atesta a falta de políticas públicas que possibilitem a essa população, sobretudo a de baixa renda, a ter acesso a direitos garantidos pela Constituição federal de 1988, como é o caso do direito à educação (RODRIGUES, 2007, p. 53).

A experiência do PRECE, não institucionalizada do PRECE, existindo apenas como grupo informal, vai de 1994 a 1998. No final de 1998, ela passou a existir juridicamente, institucionalizada como uma associação denominada de Projeto Educacional Coração de Estudante- PRECE. Em 2004, o PRECE modificou seu estatuto do ponto de vista jurídico e passou de associação a instituto, passando a se chamar Instituto Coração de Estudante. Atualmente, o PRECE significa: Programa de Educação em Células Cooperativas. A mudança veio para atender à variedade de trabalhos desenvolvida pelo PRECE, para possibilitar as parcerias e o financiamento necessário à manutenção das despesas decorrentes dessas atividades, e também, da possibilidade de atuar em novas frentes, inclusive na pesquisa. (RODRIGUES, 2007) Sobre essas mudanças, Rodrigues diz que:

O primeiro registro formal do PRECE, em 1998 foi basicamente idealizado pelo professor Manoel Andrade, pois não havia, no grupo preocupação com o registro formal, já que todas as atenções estavam voltadas para os estudos. Já a mudança ocorrida em 2004 contou com as discussões entre parte dos sócios para decidir quais os rumos do PRECE, devido a abrangência que alcançara, necessitando desse modo, de adequação às novas perspectivas que se apresentavam (RODRIGUES, 2007 p. 70).

As atividades desenvolvidas pelo PRECE ganharam notoriedade e as parcerias começam a se estabelecer. A primeira parceria do PRECE foi com a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, por meio da disponibilização de recursos financeiros, assim como o apoio espiritual aos estudantes precistas. Essa parceria nasceu desde o momento em que o PRECE se tornou instituto em 2004. Essa parceria já constitui uma longa trajetória de apoio, tanto na comunidade de Cipó, como na cidade de Fortaleza, quando a Igreja alojava, em suas dependências, alguns estudantes que iam prestar vestibular na Universidade Federal do Ceará - UFC.

A comunidade também se constitui uma importante parceira ao participar de campanhas de arrecadação de alimentos e marcando presença nos eventos e disponibilizando meios de transportes aos precistas, quando necessário.

A Fundação *Mary Harriet Speers* é outra importante parceira nas iniciativas de Aprendizagem Cooperativa desde 1998. Essa fundação, com sede em São Paulo, administrada pela Igreja Presbiteriana, atua apoiando projetos em diferentes estados brasileiros. No PRECE, a fundação atuou com a concessão de bolsas de estudo para estudantes do curso de Agronomia e, em contrapartida, esses estudantes deveriam atuar em comunidades de baixa renda. Para Rodrigues:

Os laços entre o PRECE e a Fundação foram se estreitando, as bolsas foram substituídas por um repasse mensal de recursos para o PRECE. [...] A fundação passou a constar como a maior apoiadora, em termos financeiros, contribuindo sistematicamente como recursos que muito representava para a entidade (RODRIGUES, 2007, p. 74).

A Universidade Federal do Ceará- UFC se tornou parceira do PRECE no final do ano de 1998, em uma das ações que mais caracterizam essa metodologia de compartilhar conhecimento. A partir do ano citado, a UFC possibilitou meios para que os alunos retornassem às suas comunidades de origem nos finais de semana, com o objetivo de contribuir com os estudantes das células, para que eles pudessem continuar os seus estudos e, assim, partilhar das mesmas conquistas que os universitários tiveram. Como estudantes universitários precistas, eles têm à disposição um ônibus fornecido

por essa instituição, através da Pró-Reitoria de Extensão, para o deslocamento às suas comunidades, sempre às sextas-feiras, com retorno às segundas.

Além das parcerias anteriormente citadas, que contribuíram para tornar a experiência do PRECE exitosa, outra que desempenhou um papel importantíssimo foi a do Centro de Educação de Jovens e Adultos- CEJA. Isso porque, como o PRECE funcionava de maneira informal, e atendia, principalmente, a estudantes fora da faixa etária, era necessário uma instituição que fizesse as avaliações dos seus alunos e conferisse a certificação.

Depois de várias tentativas frustradas com alguns Centros de Educação de Jovens e Adultos - CEJAs, em Fortaleza, foi instituída uma parceria com o Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA Luiz Gonzaga Xavier Lima, na cidade de Itapipoca, interior do Ceará. A referida instituição passou a atender aos alunos na sede do PRECE em Cipó. Essa ação representou muito para os precisistas e contribuiu para reduzir os custos dos alunos. Para Rodrigues (2007), essa parceria significou um grande avanço no atendimento ao estudante na própria comunidade:

Até o início do ano 2000, apenas 15 educandos precisistas estavam matriculados no Ensino Médio. Após a parceria esse número cresceu para mais de 70 estudantes. Ou seja, houve maior democratização de acesso ao ensino básico. [...] Ademais, a atuação do PRECE foi revigorada, pelo fato do seu trabalho educativo atender a um número maior de pessoas e de comunidades. A instituição tornou-se mais “forte”, em razão do maior alcance de atendimento aos estudantes que a ela recorria (RODRIGUES, 2007, p. 77).

Essa caminhada de sucesso motiva o PRECE a buscar a sistematização da metodologia, pois, diante da demanda, era necessário buscar estratégias para manter um processo de aprendizagem que viesse assegurar a participação efetiva de todos os estudantes com o mesmo desejo de aprender e com perspectivas de mudar suas trajetórias, assim como acontecera com os sete estudantes que iniciaram o grupo de estudo em 1994. Isto é, embora o PRECE fosse sistematicamente se institucionalizando, elementos como a autonomia e a liberdade de iniciativa e o protagonismo dos sujeitos envolvidos continuou a ser a referência maior da iniciativa educacional.

Nesse sentido, apesar da essência do trabalho em células cooperativas continuar sendo o elemento mais importante nessa metodologia do PRECE, observam-se outras contribuições que complementam essa experiência em uma espécie de troca e de enriquecimento de um trabalho que começou na informalidade e que hoje ganha espaço e notoriedade, sem, contudo, perder de vista os elementos que o consagraram, isto é, a autonomia e a iniciativa dos envolvidos.

Para Rodrigues, esse reconhecimento que o PRECE ganhou, aprovando alunos nos vestibulares, apesar de importante, nunca foi a sua única meta. O PRECE tem também como meta:

Formar para o exercício da cidadania, que contempla fundamentalmente, uma prática pedagógica comprometida com as discussões a respeito da realidade objetiva e dos desafios que uma sociedade marcada pelas desigualdades socioeconômicas e culturais apresenta (RODRIGUES, 2007, p. 88).

Na mesma perspectiva do PRECE, de cooperação mútua, está a metodologia norte-americana de Aprendizagem Cooperativa sistematizada pelos irmãos Johnson e Johnson, que influenciou, em certa medida, o PRECE.

2.2 Metodologia da Aprendizagem Cooperativa Norte-Americana sistematizada pelos irmãos Johnson e Johnson

A Aprendizagem Cooperativa norte-americana é uma experiência vivenciada em todas as modalidades de ensino. Segundo Rogers, “nada de novo que seja realmente interessante surge sem colaboração.” Sobre essa questão, o autor fala que:

O mito do gênio individual ainda existe; esse mito permeia a prática educacional que pressupõe que cada estudante deveria trabalhar separadamente e à revelia dos colegas de classe. Os escritores apoiam de coração e por inteiro o desenvolvimento dos talentos individuais. Todavia, o isolamento não é o melhor caminho para alimentar esses talentos. Como Watson observou, o gênio criativo é produto de esforços cooperativos,

e se desenvolve muito melhor dentro desses esforços.
(JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 2)

A Aprendizagem Cooperativa sistematizada pelos irmãos americanos Johnson e Johnson é considerada "[...] um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos de tal modo que os alunos trabalhem em conjunto para maximizarem a sua própria aprendizagem e a dos outros colegas" (LOPES & SILVA, 2009, p.3).

Na Aprendizagem Cooperativa norte-americana está clara a proposta de construção de conhecimento através das interações entre alunos. Para tanto, é empregada uma série de métodos e técnicas que são estruturados a fim de promover uma cooperação entre os discentes. O professor/facilitador tem, nesse caso, o papel de apresentar o conteúdo, propor atividades coletivas e fazer um acompanhamento da forma como essas são realizadas nos grupos.

A Aprendizagem Cooperativa é o coração do aprendizado baseado em problemas. Relaciona-se com a aprendizagem colaborativa, enfatizando o “aprendizado natural” em que os alunos trabalham juntos, em grupos não estruturados e criam sua própria situação de aprendizado. É importante salientar que nem todos os esforços do grupo são cooperativos e que o fato de simplesmente dividir os alunos em grupos e de pedir-lhes que trabalhem juntos resulta em uma perspectiva de trabalho cooperativo.

O modelo da Aprendizagem Cooperativa e sua complexidade podem explicar por que ela tende a ser usada menos do que a aprendizagem competitiva e individualista. São vários os fatores que a deixam em segundo plano, dentre eles o fato de que muitos alunos não conseguem entender como trabalhar cooperativamente. Esse fato é possível de ser compreendido, se for observada a cultura predominante do trabalho competitivo e individualista. Os alunos são reprodutores das escolas em que estudaram e, assim, cultivam um sistema em que se priorizam as classificações promovidas por professores exigentes na avaliação (JOHNSON & JOHNSON, 1998).

Outro elemento que contribui para que o modelo não seja aplicado é a falta de investimento na formação dos professores, ou seja, a maioria tem que aprender a usar a Aprendizagem Cooperativa por conta própria. Por fim, não podemos esquecer que há uma resistência dos alunos com essas mudanças

didáticas. Nem sempre eles aceitam e pressionam os professores no sentido de continuarem dando suas aulas expositivas, alegando que: “Eu paguei para ouvir o professor, não meus colegas de classe.” Apesar dos obstáculos, é possível acreditar que nenhum deles é insuperável. Para Rogers, esses obstáculos “[...] se enfraquecem à medida que aumentam o conhecimento da teoria, da pesquisa e dos procedimentos práticos que permeiam a aprendizagem cooperativa” (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 3).

Três modos inter-relacionados foram desenvolvidos na Universidade de Minnesota, em Minneapolis, para usar a Aprendizagem Cooperativa nas aulas: o formal, o informal e o modo de grupos em base cooperativa. Podemos entender como Aprendizagem Cooperativa formal aquela:

Em que os alunos trabalham juntos, durante um período de várias semanas, para atingir alvos compartilhados de aprendizagem, visando completar, em conjunto, tarefas e trabalhos específicos. [...] Em grupos formais de aprendizagem cooperativa, os instrutores tomam um número de decisões antes do processo de aprendizagem. A aprendizagem dos alunos é verificada cuidadosamente, e o desempenho de cada um é avaliado. Os membros dos grupos de aprendizagem processam então os modos como podem trabalhar juntos com eficiência (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p.11).

Na Aprendizagem Cooperativa Formal, o instrutor tem papel importante, sendo ele que define as tarefas, ensina as estratégias e os conceitos necessários. Decide sobre os objetivos acadêmicos e os objetivos que tratam das habilidades sociais, do tamanho dos grupos, do método de divisão dos alunos entre os grupos, dos papéis que serão dados aos alunos, dos materiais necessários para se conduzir a aula, e também, o modo como a sala será remanejada. É fácil perceber a importância do instrutor para o grupo da Aprendizagem Cooperativa Formal. Além das atribuições acima citadas, o instrutor também:

[...] Explica a interdependência positiva e a responsabilidade individual, fornece os critérios para o sucesso, e especifica as habilidades sociais que se esperam; monitora a aprendizagem dos alunos e intervém para dar assistência aos alunos, com tarefas ou com habilidades interpessoais e de grupo. [...] Observa e coleta informações de cada grupo durante seu trabalho. [...], intervém para dar assistência aos alunos no sentido de completar com precisão a tarefa, e de trabalharem

juntos com eficiência; fazer a verificação e a avaliação da aprendizagem dos alunos, e ajudá-los a processar o modo como seus grupos podem funcionar bem (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p.11).

Já os grupos de Aprendizagem Cooperativa informal, ao contrário do grupo formal, são usados para promover a instrução direta, são tipicamente temporários, formados por um breve período de tempo, com discussões de 2 a 4 minutos durante uma sessão de aula. Nos grupos informais, os instrutores podem usar grupos formais de Aprendizagem Cooperativa durante suas aulas, promovendo uma discussão reflexiva sobre uma questão colocada pelo professor, ou ainda, para fazer uma síntese sobre o que instrutor apresentou. Essa forma de trabalho prende a atenção dos alunos no material e também possibilita que lhes seja assegurado o processamento desse conhecimento.

Por fim, os grupos em base cooperativa são grupos que têm uma duração mais prolongada, durando, pelo menos, um semestre. Nesses grupos, os membros são estáveis e a responsabilidade principal é incentivar, apoiar, encorajar o aluno para que ele possa progredir academicamente e completar seu curso com êxito. De acordo com os tipos de Aprendizagem Cooperativa apresentados, fica evidente que eles se complementam e dão suporte um ao outro. E, mais do que isso, eles podem ser usados simultaneamente em uma única sessão de aula. Esse espírito de cooperação, de responsabilização, de apoio e, acima de tudo, de motivação, é uma característica presente na organização das células de estudo formadas no PRECE.

O quadro abaixo sintetiza as características e a duração dos grupos de Aprendizagem Cooperativa informais, formais e de base, que são estratégias necessárias na organização da referida metodologia.

**Quadro 01 –
Classificação dos Grupos Cooperativos**

Grupos de Aprendizagem Cooperativa	Informais	Formais	De Base
Características	Pode-se empregar para centralizar a atenção, criar expectativas, para processar cognitivamente o que se ensina e para finalizar uma aula.	Todos trabalham numa tarefa comum, cuidando de seus companheiros para que todos a compreendam. Qualquer tarefa de qualquer disciplina pode organizar-se com essa estratégia.	São grupos de aprendizagem heterogêneos, com membros permanentes, cujo objetivo principal é possibilitar que seus integrantes se ajudem uns aos outros. Estes grupos permitem estabelecer relações responsáveis e duradouras que os motivam a esforçarem-se, a progredir e a alcançar um bom desenvolvimento cognitivo e social.
Duração	Operam durante um período, desde alguns minutos até uma hora;	Funcionam durante um período que podem durar de 1h a várias semanas	Podem funcionar durante todo o ano

Fonte: Adaptado de: Revista Novidades Educativas, nº. 23, p. 2

Observar tais estratégias é tarefa salutar para o sucesso na aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Na verdade, são nortes importantes que fazem a diferença na implementação do método. É necessário que o professor, a escola, os alunos e os demais envolvidos no processo ensino-aprendizagem se apropriem desse conhecimento para facilitar a prática em sala de aula. As dificuldades sempre se apresentam na fala dos envolvidos por essa ser uma metodologia que, apesar de tirar o professor do centro do processo, colocando-o como mediador, diferencial que, à primeira vista, possa parecer facilitar a vida desse professor, segundo os seus depoimentos, os trabalhos ficam mais complexos, exigindo muito mais esforços que a aula tradicional.

2.2.1 Diretrizes da Aprendizagem Cooperativa Norte-Americana sistematizada pelos irmãos Johnson e Johnson

As raízes teóricas da teoria norte-americana de Aprendizagem Cooperativa dos irmãos David W. Johnson e Rogers T. Johnson estão fundamentadas nas inter-relações da teoria, pesquisa e prática. Embora cada uma tenha vida própria, elas agem conjuntamente e também são inseparáveis. Dessa forma, é fato que, quando uma teoria não for adequada, a prática não será dinâmica (JOHNSON & JOHNSON, 1998) Segundo o autor:

O poder da aprendizagem cooperativa reside nas inter-relações da teoria, pesquisa e prática. A teoria está para a prática como o solo está para as plantas. Se o solo for apropriado, e as condições forem corretas, a planta crescerá e florescerá. Se a teoria for válida e as condições para efetivas implementações forem identificadas, os procedimentos práticos se desenvolverão e melhorarão continuamente (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 3).

Para o autor, em muitas faculdades, a Aprendizagem Cooperativa está sendo usada hoje de maneira exemplar. A *Florida Community College*, em Jacksonville, no estado de Michigan e a *California State University-Dominguez Hills*, são bons exemplos. Segundo o mesmo autor, o interesse cada vez maior na Aprendizagem Cooperativa se reflete no número de apresentações em conferências acerca do tema. (JOHNSON & JOHNSON, 1998)

O uso da Aprendizagem Cooperativa nas classes de faculdade, ou seja, no caso da experiência dos irmãos David W. Johnson e Rogers T. Johnson, estão fundamentadas na criação da teoria da interdependência social, da teoria cognitivo-evolutiva e da teoria da aprendizagem comportamental. A teoria da interdependência social pode ser positiva e negativa. Em suas palavras:

A teoria da interdependência social vê a cooperação como resultante da interdependência positiva entre os alvos dos indivíduos. [...] A premissa básica da teoria da interdependência social é que o modo como a interdependência social é estruturada determina o modo como os indivíduos interagem, que, por sua vez, determina os resultados. [...] A interdependência positiva (cooperação) resulta em interação promotora visto que os indivíduos estimulam e facilitam os esforços mútuos para se aprender. A

interdependência negativa (competição) resulta tipicamente em interação de resistência, visto que os indivíduos não estimulam e obstruem os esforços mútuos para se conseguir alguma coisa (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p.3).

A segunda teoria, chamada de cognitivo-evolutiva, tem a cooperação como uma ferramenta essencial para o crescimento cognitivo. Segundo Piaget e Vygotsky, ainda que em bases epistemológicas diversas, o trabalho cooperativo com pessoas mais competentes resulta no desenvolvimento cognitivo mais eficaz e, conseqüentemente, em crescimento intelectual. Em outras palavras, a explicação de Piaget diz que, quando:

Os indivíduos cooperam quanto ao ambiente, um conflito sócio-cognitivo saudável ocorre, criando um desequilíbrio cognitivo que, por sua vez, estimula a habilidade para se posicionar em perspectiva bem como estimula o desenvolvimento cognitivo. (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p.4)

Nesse sentido, na pesquisa desenvolvida acerca desse modelo da Aprendizagem Cooperativa, quando os alunos se confrontam com pontos de vista diferentes, o resultado desse confronto é a incerteza ou conflito de conceitos. Isso cria uma reconceitualização, uma busca de informações, que vai trazer como resultado uma conclusão mais aprofundada, refinada e mentalmente mais profunda (JOHNSON & JOHNSON, 1998). Para que essa teoria se efetive, alguns passos-chave são essenciais. Assim, caberia ao aluno

Organizar, numa posição, o que é conhecido; advogar tal posição perante alguém que advoga uma posição contrária; tentar refutar a oposição contrária enquanto contra argumenta os ataques contra a sua própria posição; reverter às perspectivas de modo que a questão seja vista de ambos os pontos de vista simultaneamente; e, finalmente, criar uma síntese com a qual todos os lados possam concordar (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 4).

A terceira teoria é a da aprendizagem comportamental, que pressupõe que os alunos trabalham com maior determinação as tarefas que lhes asseguram algum tipo de recompensa, deixando em segundo plano aquelas que não ofereçam recompensa ou castigo. Nesse sentido, a Aprendizagem Cooperativa é pensada para levar incentivos aos membros de um grupo com o

objetivo que eles participem do esforço coletivo. Enfim, essa teoria acredita que os esforços cooperativos são fortalecidos por uma motivação extrínseca que visa conquistar recompensas (ROGERS, 1977, p. 5).

É importante ressaltar que o trabalho cooperativo requer um esforço por parte dos sujeitos envolvidos no processo para que eles possam produzir os resultados esperados. O autor diz que, assim como as sementes ficam anos esperando no deserto e que só conseguem germinar e florescer,

Quando vem a chuva, e a temperatura é adequada, ou quando a semente é levada a um solo fértil, então seu potencial é liberado e ela cresce. A mesma verdade existe com respeito à cooperação. Sempre que dois elementos interagem, o potencial para a cooperação existe. Mas é somente sob certas condições que a cooperação realmente existirá (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p.5).

Desse modo, para facilitar o trabalho cooperativo, as pesquisas foram evoluindo e cinco elementos considerados chaves surgiram para uma cooperação verdadeira: interdependência positiva, responsabilização individual, interação promotora, habilidades sociais e processamento de grupo. Esses elementos estão presentes também nas atividades da Aprendizagem Cooperativa que se desenvolvem no PRECE e na metodologia da EEEP Alan Pinho Tabosa. Portanto, são esses os elementos que dão sustentação aos planejamentos ministrados pelos professores, no caso da experiência precista e da Escola Alan Pinho Tabosa. (JOHNSON & JOHNSON, 1998)

O autor detalha, na experiência norte-americana, os cinco elementos que orientam a aprendizagem, ressaltando que o mais importante é, ao iniciar o trabalho cooperativo, estar seguro de que os estudantes percebam que estão ligados uns aos outros de tal modo que acreditem que o sucesso não fará sentido quando ele for individual. Consciente desse fato é importante conhecer em que consiste cada elemento. Vejamos o primeiro, que se refere à interdependência positiva, e o segundo, que trata da responsabilização individual:

Cada aula, você deve estruturar uma interdependência positiva de modo a cada aluno assumir uma responsabilidade de aprender o material designado, e de certificar-se de que todos os membros do grupo o aprendam também. [...] Para que uma

situação de aprendizagem seja cooperativa, os alunos devem acreditar em que, ou todos nadam juntos, ou todos afundarão. Segundo, você deve estruturar uma responsabilização individual de tal modo que o desempenho de cada aluno seja avaliado: dando-se um teste individual a cada aluno; pedindo para cada estudante explicar ao colega o que tem aprendido; ou observando cada grupo e documentando a contribuição de cada membro. O propósito da aprendizagem cooperativa é fazer com que cada membro do grupo seja uma pessoa mais forte nos seus próprios direitos (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 6).

No terceiro passo, o planejamento realizado deve assegurar que os alunos promovam, face a face, o sucesso uns dos outros: ajudando, dando assistência, apoiando, animando e valorizando os esforços uns dos outros para aprender. Quando isso ocorre,

propicia processos cognitivos como o de explicar verbalmente o jeito de resolver problemas, passar o conhecimento de um para todos os colegas e conectar o presente com o que foi aprendido no passado. [...] leva a processos interpessoais como o desafiar cada um a raciocinar e tirar conclusões, bem como a desenvolver modelos e a facilitar os esforços para aprender. As respostas verbais e não verbais dos membros de outro grupo proporcionam importante respaldo (feedback) ao desempenho de um estudante.[...] Para se conseguir uma interação face-a-face significativa, o tamanho do grupo precisa ser pequeno (de dois a quatro membros) (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 6).

No quarto passo, os alunos devem aprender as habilidades sociais e estar seguros de que elas estão sendo usadas adequadamente. É preciso ter habilidades interpessoais para, assim, garantir o sucesso de um esforço cooperativo e o potencial de grupos pequenos. A “[...] liderança, tomada de decisão, construção de confiança, comunicação e as habilidades para administrar conflitos, são coisas que devem ser ensinadas com tanta precisão e tanto senso de propósito quanto as habilidades acadêmicas” (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 6).

O quinto elemento é o do processamento de grupo e, por razões bem óbvias da cultura predominante do individualismo, não é difícil perceber que os estudantes costumam levar algum tempo para se engajarem no processamento de grupo. Segundo o autor,

É preciso identificar os meios para melhorar os processos que os membros vêm usando para maximizar seu próprio aprendizado e o aprendizado mútuo. Os alunos se concentram na melhoria contínua desses processos assim: descrevendo quais ações do membro foram úteis ou menos úteis no sentido de assegurar eficientes relações de trabalho e relatando que todos os membros do grupo atingiram seus alvos de aprendizagem; tomando decisões sobre quais comportamentos devem continuar e quais devem ser mudados (JOHNSON & JOHNSON, 1998. p. 6-7).

Dentre os resultados do processamento de grupo, podemos evidenciar o fato de reduzir a complexidade do processo de aprendizagem, tornando-o mais simples, além de submetê-lo à prova de erros e de eliminar as ações inadequadas e inábeis. Ainda é possível melhorar as habilidades dos alunos no trabalho em equipe e, por fim, dar aos membros do grupo a chance de celebrar seus trabalhos difíceis e também os sucessos.

Portanto, é imprescindível o entendimento de como implementar os cinco elementos essenciais que capacitam o educador a

[...] estruturar qualquer lição, de qualquer disciplina, de modo cooperativo; a adaptar a aprendizagem cooperativa às suas circunstâncias e necessidades específicas bem como aos alunos e a intervir no sentido de melhorar a eficiência de qualquer grupo que não esteja funcionando bem (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 7).

Nesse processo metodológico da Aprendizagem Cooperativa, assim como em todos os outros, sabe-se que o trabalho do professor é de suma importância, mas ele sozinho não pode ser responsabilizado pela aprendizagem dos alunos. A definição dos papéis e a sua compreensão assumem um ponto relevante para o sucesso desse modelo de aprendizagem, independente se ele tem características formais (modelo americano) ou se nasceu da informalidade (modelo do PRECE). Portanto, dentre os papéis do professor e do aluno, pode-se dizer que, conquanto sejam todos importantes, uns se destacam com mais veemência.

Levando em consideração que a Aprendizagem Cooperativa em sala de aula tem que realizar várias tarefas, para Lopes e Silva, os autores Jonhson, Jonhson e Smidth relacionam essas tarefas com três fases distintas do

processo: pré-implantação, implantação e pós-implantação (LOPES & SILVA, 2009. p. 53), em cada uma das quais professores e alunos têm papéis a desempenhar.

2.2.2 O papel do professor na fase da pré-implantação

De acordo com Lopes & Silva (2009), o papel do professor nessa fase da pré-implantação é o de observar e colocar em prática os seguintes passos:

Passo 1: especificar os objetivos de ensino (acadêmicos e sociais), momento em que o professor explica a sua decisão de utilizar o método da Aprendizagem Cooperativa, mostrando os benefícios e os resultados já alcançados com a utilização do método.

Passo 2: determinar o tamanho do grupo e distribuir os alunos pelos grupos que devem ter de três a quatro alunos, dependendo do tipo de atividade. Os grupos podem ser homogêneos ou heterogêneos. É interessante observar que esses grupos precisam de tempo e não podem ser frequentemente mudados, “[...] porque os alunos necessitam de tempo para desenvolver o espírito de coesão e de grupo antes de integrarem outro grupo” (LOPES & SILVA, 2009, p. 54).

Passo 3: atribuir papéis aos elementos do grupo. A dúvida com relação a essa atribuição de papéis se dá em função se essa deve ser mesmo uma atribuição do professor. Independente de quem seja essa decisão, o professor tanto pode atribuir a função como ajudar os alunos a escolherem esses papéis, assegurando que haja rotatividade desses papéis dentro do grupo. O que não pode ocorrer é que os membros fiquem sem um papel a realizar dentro do grupo. Os papéis que os alunos devem desempenhar são: verificador, facilitador, harmonizador, intermediário, guardião ou controlador do tempo e observador (LOPES & SILVA, 2009. p. 24).

Passo 4: arranjo ou disposição da sala que deve ser garantido pelo professor no sentido de criar um espaço adequado para o desenvolvimento das atividades. Uma observação importante é manter na sala de aula mobiliário

leve e fácil de ser transportado. Outra recomendação, segundo Lopes & Silva, é que a sala

Pode e deve conter elementos favorecedores da metodologia como quadros construídos pelos alunos, onde constem as regras definidas para o trabalho de grupo e outros adaptáveis para os diferentes trabalhos a concretizar (LOPES & SILVA, 2009, p. 54).

Passo 5: para promover a interdependência, planificar materiais de ensino cuja função maior é promover e contribuir para o sucesso do grupo de modo único e significativo. Se isso não ocorrer, compromete a estrutura do grupo e sua coesão.

Passo 6: distribuir tarefas. O professor, ao escolher o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula com os alunos, deve escolher estratégias que sejam compatíveis com a aprendizagem que se deseja, ou seja:

As tarefas dos grupos cooperativos devem ser interessantes, variadas, motivadoras e significativas. O professor deve explicar claramente os procedimentos a seguir, providenciar o método de aprendizagem, [...] e estipular o tempo para realizar cada uma das partes da tarefa. [...] verificar se os alunos compreenderam a tarefa e os procedimentos a utilizar (LOPES & SILVA, 2009. p. 55).

Passo 7: estabelecer os critérios de sucesso, explicando-se aos alunos a respeito de quais competências eles serão avaliados, além de criar, junto com os alunos, um instrumento de avaliação produzido pelo grupo.

Passo 8: estruturar a interdependência positiva e a responsabilidade. Essa é uma fase importante cujo objetivo é checar o grupo individualmente ou de forma coletiva para explicar os resultados a que cada grupo chegou. Os alunos podem se posicionar nesse momento em que o professor os testa, de modo que sejam capazes de defender suas posições e as do grupo.

Passo 9: estabelecer os comportamentos desejados. Penso que esteja aqui o ponto forte ou o ponto fraco, caso o professor não consiga ensinar os alunos como trabalhar em grupo. Para se conseguir esse comportamento, é necessário utilizar:

Pequenos períodos da aula para treinar os comportamentos para que os alunos adquiram as competências necessárias ao trabalho em grupo (por exemplo: elogiar, esperar pela sua vez, participar nas decisões). Pode também treinar os alunos para a resolução de conflitos (LOPES & SILVA, 2009, p. 55).

Ainda para se conseguir esse feito, importante será possibilitar atividades em que os elementos do grupo se conheçam e identifiquem entre si os interesses que possam ter em comum.

2.2.3 O papel do professor na fase da implementação

Nessa fase, cabe ao professor controlar o comportamento, intervir se necessário, prestar ajuda e elogiar, quando for oportuno. Quanto ao controle do tempo, o professor poderá fazer isso circulando pela sala de aula e observando de que modo os diferentes grupos trabalham. Nessa circulação do professor pela sala, ele também pode fazer as intervenções necessárias, visto que não será difícil perceber onde e em que grupo ele deverá orientar os possíveis conflitos que possam ocorrer, assim como orientar para que todos aprendam a ouvir um ao outro, definam as responsabilidades de cada elemento do grupo, aprendam a reconhecer e valorizar as competências individuais dos participantes. Tudo isso de forma bem humorada, para que os resultados do trabalho sejam evidenciados. Ainda na fase de intervir, se necessário, é importante que todos os grupos sejam informados desses pontos que podem contribuir para minimizar os possíveis conflitos.

Todas essas fases estão interligadas, no momento em que o professor controla o comportamento, já vimos que ele pode intervir, quando for necessário, e também prestar ajuda. Essa ajuda, diferente da intervenção, dá-se da seguinte maneira: “[...] fornecer recursos e/ou pontos de vistas adicionais e incentivos para refletirem sobre o trabalho realizado e sobre os progressos conseguidos” (LOPES & SILVA, 2009, p. 64).

Finalmente, há uma fase que também é muito importante para os alunos, porque funciona como um estímulo necessário para que se possa elevar a autoestima. Esse momento denomina-se fase dos elogios. Esses elogios devem ser feitos de forma individual e em grupo. É evidente que eles

não podem ser gratuitos, devendo ser dirigidos quando o trabalho tiver sido realizado de forma adequada e também quando todas as responsabilidades forem cumpridas.

2.2.4 O papel do professor na fase da pós-implementação

Na última fase do processo, que é a de pós-implementação, três tarefas distintas devem ser executadas pelo professor: a de promover o encerramento, a de avaliar a aprendizagem e a de refletir sobre o trabalho desenvolvido. Dois procedimentos podem ser realizados para que o professor cumpra a primeira tarefa, que é de promover o encerramento:

O professor deve dirigir-se ao grupo-turma e sintetizar os pontos mais importantes da lição/unidade. [...] Pedir a cada grupo que sintetize o seu trabalho e apresente a turma, salientando os aspectos que consideram mais relevantes (LOPES & SILVA, 2009. p. 65).

A segunda tarefa se refere a avaliar, que, nessa perspectiva da Aprendizagem Cooperativa, deve ser realizada da seguinte forma:

Usar uma grelha para avaliar o trabalho de cada grupo. Essas grelhas devem ter sido elaboradas durante a fase de pré-implementação e os alunos devem ter contribuído com sugestões para o seu conteúdo. Terminada a avaliação o professor deve informar os alunos sobre a qualidade do trabalho realizado e sobre o nível de desempenho conseguido pelo grupo, isto é, deve igualmente fornecer um feedback sobre a forma como o grupo desenvolveu o trabalho. Sem essas informações os alunos não desenvolvem as suas competências de aprendizagem cooperativa. (LOPES & SILVA, 2009. p. 65).

Na terceira tarefa, cabe ao professor refletir sobre o trabalho desenvolvido. Para tanto, são feitos registros do que foi trabalhado e sobre o objetivo daquela atividade na lição ou na unidade de Aprendizagem Cooperativa. Todos os grupos devem partilhar dessas informações. Com base nesses dados e nessa reflexão, o professor deverá replanejar as suas aulas.

Assim como os professores, os alunos têm muitas tarefas a serem desempenhadas. Dentre elas, o que não pode faltar é o entendimento dos objetivos, das metas e dos procedimentos sobre o desenvolvimento do trabalho cooperativo.

O aluno também desempenha seu papel em todas as fases da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula e, para tanto, deve compreender todas as fases que caracterizam esse novo jeito de ensinar e aprender. Esse será, sem dúvida, um importante aliado para que se estabeleça o verdadeiro sentido da Aprendizagem Cooperativa na sala de aula.

2.2.5 O papel dos alunos nas fases da pré-implementação, implementação e pós-implementação

Na fase da pré-implementação, os alunos devem colaborar com os professores da construção do instrumento de avaliação, na planificação do trabalho a ser realizado. Nessa fase, poderia ser criado um código de ética entre os alunos, uma vez que se sabe dos problemas de relacionamento e aceitação que existem em uma sala de aula. Alguns pontos poderiam estar presentes no código de ética¹⁵. Vejamos:

Partilhar a responsabilidade pelo progresso e sucesso do grupo; estar presente e ser pontual em todas as sessões; ser um ouvinte ativo; mostrar respeito pelos contributos dos colegas; criticar as ideias e não as pessoas; resolver os conflitos de forma construtiva; prestar atenção, evitar comportamentos perturbadores; evitar conversas paralelas que são perturbadoras; participar, mas não dominar; ser sucinto- evitar grandes relatos e exemplos (LOPES & SILVA, 2009, p. 57).

É evidente que, se levarmos em consideração os pontos presentes nos acordos estabelecidos pelos alunos, eles são, sem dúvida, essenciais para o desenvolvimento de uma boa aula e, conseqüentemente, uma boa

¹⁵ Código de Ética- são normas e procedimentos que são democraticamente discutidos pelos alunos e professores, para só então virarem regras que devem orientar o trabalho em sala de aula.

aprendizagem em qualquer modelo que se estabeleça para o processo ensino-aprendizagem.

Na fase de implementação, os alunos devem colocar em prática os acordos pactuados na fase da pré-implementação para se sentirem capazes de iniciar a prática da Aprendizagem Cooperativa propriamente dita. Nesse sentido, devem “[...] trabalhar juntos; ouvirem-se uns aos outros; fazerem perguntas uns aos outros; efetuar os registros dos seus trabalhos e dos progressos conseguidos; assumir responsabilidade individual/envolver-se no trabalho do grupo” (LOPES & SILVA, 2009. p. 57).

Sabe-se que, na teoria, muitas vezes, tudo parece funcionar muito bem, mas quando as ideias são levadas para o campo da prática, algumas questões fogem do que fora planejado, merecendo novas reflexões e ajustes para que se consiga aproximar a teoria da prática. Um momento ideal para que essa avaliação seja realizada é a fase da pós-implementação. Os alunos devem abrir espaços de diálogos que permitam perceber como esse trabalho foi desenvolvido, buscando levantar o que foi e o que não foi realizado das atividades que foram propostas, o que pode ser mantido e o que deve ser descartado ou alterado na próxima tarefa. Segundo Lopes & Silva (2009), o conhecimento desses aspectos é importante para

Fornecer indicações aos professores sobre a necessidade de ensinar ou voltar a ensinar as competências de trabalho em grupo (social) ou de ajustar os procedimentos para a próxima aula de trabalho cooperativo (LOPES & SILVA, 2009, p. 66).

É possível observar que a metodologia da Aprendizagem Cooperativa não é uma tarefa fácil nem para os professores, tampouco para os alunos. Há uma complexidade e também uma diversidade muito grande nas variáveis que envolvem esse método. As dificuldades vão aparecer com mais intensidade no momento da implementação e necessário se faz encontrar os meios de superá-las. Por exemplo: como lidar com um aluno rejeitado e não integrado, ou então, como motivar os alunos para que eles não desistam com o surgimento da primeira dificuldade? Como fazer com um aluno tímido que se recusa a falar em grupo? Como formar eficazmente os grupos de base? O que fazer com os alunos que se recusam a aderir ao consenso? (LOPES & SILVA, 2009). Enfim,

esses são os possíveis problemas que surgirão para a escola, os alunos e os professores que escolherem esse método como proposta de trabalho.

Após a análise das metodologias de Aprendizagem Cooperativa vivenciadas pelos americanos e pelo PRECE, ficam perceptíveis algumas diferenças que merecem destaque. Enquanto a experiência norte-americana é bem sistematizada, preocupa-se com toda a estrutura, inclusive com o ambiente de aprendizagem, em que o professor ocupa um papel mais central, a experiência do PRECE iniciou de maneira informal. O PRECE começou, como fora anteriormente explicitado, em uma velha casa de farinha, dadas as condições adversas da região. Nessa experiência, o professor é também um aluno que apresenta um grau de conhecimento mais avançado do que os demais do grupo. Além disso, o PRECE atende a alunos do nível básico até o nível universitário, ao contrário da Aprendizagem Cooperativa norte-americana, mais focada no Ensino Superior. Apesar das diferenças entre o PRECE e a metodologia estadunidense, há pontos comuns entre as duas, como os princípios de solidariedade, cooperação e partilha. São estes, essencialmente, os pontos que unem as duas metodologias.

2.3 Metodologia da aprendizagem cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa

O papel pedagógico que a EEEP Alan Pinho Tabosa tem a cumprir é complexo. Iniciou suas atividades em 2011, com a responsabilidade de diversificar a oferta do Ensino Médio, visando à sua articulação com a Educação Profissional e com a continuidade dos estudos. Isso porque ela integra uma das cem escolas que, atualmente, trabalham com o projeto de escola de tempo integral e de currículo integrado, cuja maior perspectiva é a garantia de um novo conceito e de uma nova proposta curricular para as escolas públicas do Ceará.

Portanto, além de buscar cumprir com essa nova proposta, que traz no seu bojo algumas mudanças, dentre elas: implementar um novo modelo de gestão, a TESE, ela terá também de implementar o método da Aprendizagem

Cooperativa, uma experiência inédita em escolas com funcionamento regular no estado do Ceará.

A ideia central do método da Aprendizagem Cooperativa é a de trazer o professor para o papel de mediador do conhecimento e o aluno para vir a ser um sujeito do processo ensino-aprendizagem, um protagonista desse conhecimento, participando das aulas, interagindo com os colegas e socializando os saberes.

A EEEP Alan Pinho Tabosa é a única escola de tempo integral do município de Pentecoste para o Ensino Médio. A história da Aprendizagem Cooperativa, conforme visto, iniciou-se em uma localidade desse município, Cipó, ganhando repercussão, a ponto de despertar o interesse governamental de implementar a experiência em uma escola regular, situada na mesma localidade em que a experiência foi considerada vitoriosa.

Para implementar esse modelo, a escola conta com a experiência de vários profissionais que, sendo ex-precistas, conhecem bem o modelo de socializar conhecimentos, trabalhar em grupo, compartilhar histórias de vida, porque vivenciaram tudo isso na prática, sendo gratos pela oportunidade que tiveram em um determinado momento de suas vidas, em que poucas eram as chances de mudanças por meio da educação.

A experiência foi de uma escola informal, sem infraestrutura e somente com a boa vontade dos estudantes e o apoio e o incentivo do professor Andrade Neto. Mas os resultados foram muito significativos, tanto que, 20 anos depois, uma experiência que se iniciou pela falta de políticas públicas, tende a se tornar uma política no estado do Ceará para toda a rede escolar.

Nesse sentido, o processo metodológico da Aprendizagem Cooperativa implementado na EEEP Alan Pinho Tabosa está impregnado do modelo do PRECE, desde a sua fase de informalidade, até os dias atuais, quando ele se sistematizou.

Além das influências do PRECE, a escola também utiliza na sua experiência um método de aprendizagem norte-americana, aplicado pelos irmãos Johnson e Johnson. Para o diretor da escola, um ex-precista, mesmo que a metodologia norte-americana traga muitas contribuições, há a necessidade de que a escola construa o seu próprio método, porque as realidades são muito distintas, o que pode comprometer os resultados na

instituição. O certo é que a unidade procura fazer uma adaptação das duas experiências para atender às especificidades da escola, que é de tempo integral e de currículo integrado com a Educação Profissional.

O objetivo da metodologia da escola não difere daqueles que estão presentes nas experiências anteriormente citadas. Portanto, a ideia central é a de mudar uma aula que sempre enfatizou o individualismo e a competição, para uma aula dominada pela colaboração e compartilhamento.

Nesse sentido, observa-se a presença do PRECE naquilo que o diretor denomina de inspiração, ou seja, ainda é muito forte para os professores, para a comunidade escolar, a credibilidade conquistada por essa metodologia para a população daquele município.

Percebe-se, com muita clareza, o entendimento de toda a comunidade escolar de qual é o papel mais importante que essa escola deve desenvolver, no caso, o de que todos aprendam de forma cooperativa, porque, dessa forma, a aprendizagem será mais significativa e consolidada. Além disso, a importância de que os alunos adquiriram a consciência de que, quando se ensina o que sabe, aprende-se mais, devido ao diálogo e à troca de ideias.

Portanto, com objetivos claros para professores e alunos, o método cooperativo terá mais possibilidades de ser implementado com sucesso, propósito maior desse projeto, que pretende que essa experiência seja rica e traga resultados tão bons como os conquistados pelo PRECE.

Incorporando estratégias utilizadas pelo PRECE e também pela metodologia norte-americana sistematizada pelos irmãos Johnson e Johnson, os professores e alunos estão em um processo de construção desse novo modelo rumo a descobertas mais próximas à realidade da escola, que seria a efetivação de um modelo próprio que melhor atenda às necessidades de seu público.

Todos têm ciência de que isso não se constitui como uma tarefa fácil. Mesmo aqueles que têm quase toda uma vida dedicada à vivência dessa metodologia, como é o caso da professora de espanhol, Ainoan Farias Gomes¹⁶, que relata sua rica experiência de cinco anos de estudo nas Escolas Cooperativas do PRECE, três anos como bolsista da Aprendizagem

¹⁶ Ainoan Farias Gomes- professora das disciplinas de Espanhol, Empreendedorismo e Mundo do Trabalho.

Cooperativa na Universidade Federal do Ceará, dez meses como bolsista do Protagonismo Juvenil da Secretaria de Educação do Estado do Ceará- SEDUC, além de experiências de trabalho com oficinas de como organizar uma célula de Aprendizagem Cooperativa. Segundo a professora, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa é:

Uma metodologia inovadora e desafiadora. Inovadora porque se fundamenta em cinco pilares diferentes dos conhecidos e aplicados a metodologia tradicional. Desafiadora porque ainda é novo na sala de aula. Não temos planos de aula prontos, cada tema a ser trabalhado temos que elaborar um plano. (GOMES, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

De acordo com os relatos dos professores, essa questão do plano de aula que atenda, com eficácia, ao sentido da Aprendizagem Cooperativa se constitui como uma dificuldade, porque não é qualquer trabalho de grupo que é característico de uma célula de Aprendizagem Cooperativa. O trabalho cooperativo precisa promover a interação entre os estudantes, desenvolver habilidades individuais e em grupo. Para Gomes (entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013), essas devem ser as preocupações essenciais de um profissional que “[...] se importa com o que faz com quem faz e para quem faz” (GOMES, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Para o diretor da escola, o que acontece na EEEP Alan Pinho Tabosa é um trabalho híbrido da Aprendizagem Cooperativa do PRECE e da metodologia norte-americana dos irmãos Johnson e Johnson. Um trabalho que tem como base a cooperação.

Trabalhamos a Aprendizagem Cooperativa- AC baseados em estratégias que levam a cooperação. Algumas a nível de Escola, comuns a todas as disciplinas (inclusive técnicas) e outras a nível de disciplinas, que dependem da disponibilidade, planejamento e competência do professor (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Nesse sentido, a EEEP Alan Pinho Tabosa desenvolve a metodologia da Aprendizagem Cooperativa com base nas seguintes estratégias: 15 estudantes são selecionados por professores e colegas para atuarem como líderes e apoiadores do professor. Esses estudantes recebem formação especial e

acompanhamento. Esse grupo de estudantes recebe a denominação de coordenadores de células. Os estudantes são divididos em grupos base que têm duração de uma semana. Nesses grupos, o coordenador de célula é fixo e os outros dois integrantes mudam de grupo semanalmente, garantindo máxima interação da sala.

Com os professores, é discutido um modelo de plano de aula que estimule a cooperação sem esquecer a responsabilização individual, potencializando o trabalho do grupo.

A escola apresenta a esses professores um roteiro de aulas que deve orientar esse planejamento, no sentido de que haja uma unanimidade na condução desse trabalho. O referido roteiro contém orientações que foram elaboradas pelos professores, tomando como base a experiência do PRECE e também a experiência norte-americana.

Para o diretor Elton Lopes Luz, essa estrutura em que se baseia a escola, para nortear os professores, tem contribuído para que se efetive a proposta de trabalhar de uma forma diferente em sala de aula, com os alunos compartilhando conhecimentos e histórias de vidas.

O roteiro traz uma síntese dos passos que o professor deve seguir para facilitar o trabalho do professor em sala de aula. A primeira atividade do professor é dividir os grupos e, em seguida, informar a divisão aos coordenadores de células. Apresentar à turma os objetivos da aula é o segundo passo. A forma como esse momento é trabalhado pode ser uma estratégia importante para facilitar a aprendizagem dos alunos, ou seja, quando eles forem para o trabalho em grupo, esses objetivos devem estar bem claros para todos.

Em seguida, o professor faz a exposição inicial do conteúdo e da expectativa com relação ao tema, sempre levando em consideração o tempo. O contrato de cooperação é outro momento importante do roteiro da aula, no qual já são especificadas algumas habilidades que eles precisam ter para desenvolver o tema da aula com sucesso.

Na divisão dos papéis, são especificados os papéis para cada grupo. A meta coletiva, outro passo necessário, é expressa através de um produto, que pode ser um cálculo, uma tabela preenchida. A atividade individual, que deve ser feita antes do trabalho coletivo, deve ser bem especificada como tal,

apresentada de maneira clara e objetiva. Devem ser evitadas tarefas genéricas e acima da capacidade dos estudantes.

A atividade em grupo deve ser bem especificada para a equipe na qual cada estudante deve realizar uma tarefa para a conclusão da meta coletiva. Para garantir a interdependência, os membros da célula devem receber materiais diferentes.

O fechamento da aula traz as conclusões das tarefas, resoluções dos exercícios. Finalmente, o roteiro da aula traz o momento em que os estudantes devem refletir sobre o trabalho na célula de aprendizagem, sobre como foi esse momento e o que se pode levar de proveitoso para o próximo encontro. Esse momento é chamado de processamento de grupo da célula, que é importante para reforçar certos comportamentos e ajudar os estudantes a melhorar e progredir. Para tal, é importante que se incentive a participação dos estudantes, levando-os a falar de pontos positivos e negativos.

Essa estratégia, construída a partir das dificuldades que iam se apresentando no dia do trabalho desses profissionais, nessa nova realidade de uma escola formal, segundo o diretor da escola, veio facilitar o trabalho dos professores mais experientes com a metodologia e mais ainda para os professores que estavam em dificuldade de promover sua implementação em sala de aula.

A partir do Quadro 2, é possível vislumbrar a possibilidade de incluir os professores da base técnica, mesmo levando em consideração as especificidades que já foram apresentadas pelo diretor da escola. Como esse ponto tem se constituído como uma fragilidade no processo de implementação do modelo de Aprendizagem Cooperativa, é importante que todos os educadores que fazem parte da escola empreendam esforços no sentido de buscar alternativas que incluam todos os professores, da parte geral e da área técnica, no trabalho coletivo.

QUADRO 2

ROTEIRO DE AULAS DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA DA EEEP ALAN PINHO TABOSA

01	DIVISÃO DE GRUPOS	Especifique como será realizada a divisão de grupos, considerando os coordenadores de células (avisar os coordenadores de células para a divisão da semana).
02	OBJETIVOS	Apresente os objetivos da aula.
03	EXPOSIÇÃO INICIAL	Mencione como será realizada a exposição inicial do conteúdo e quantos minutos.
04	CONTRATO DE COOPERAÇÃO	Lembre os coordenadores de células do contrato de cooperação e especifique algumas habilidades necessárias para a aula.
05	DIVISÃO DE PAPEIS	Especifique os papéis necessários para o trabalho em grupo.
06	META COLETIVA	Especifique a meta coletiva, que deve ser um produto (um cálculo, uma tabela preenchida etc.)
07	ATIVIDADE INDIVIDUAL	Especifique o trabalho individual/Responsabilidade individual que os estudantes devem fazer antes do trabalho coletivo. A tarefa deve ser específica e clara. Evite tarefas genéricas e acima da capacidade dos estudantes.
08	ATIVIDADE EM GRUPO	Especifique a tarefa coletiva para as equipes. Cada estudante deve realizar uma tarefa para a conclusão da meta coletiva. Os membros da célula devem receber materiais diferentes para garantir a interdependência.
09	FECHAMENTO DA AULA	Especifique o fechamento da aula, conclusões das tarefas, resoluções exercícios.
10	AValiação INDIVIDUAL	Diga como será essa avaliação, ela garante a responsabilidade individual e a interdependência de recompensas. Faça questões simples, fácil de apresentar o resultado.
11	PROCESSAMENTO DE GRUPO DA CÉLULA	É o momento em que os estudantes irão refletir sobre o trabalho na célula de aprendizagem, como foi o trabalho e o que podem levar de proveitoso para o próximo encontro.
12	PROCESSAMENTO DE GRUPO DA SALA	É importante reforçar certos comportamentos e ajudar os estudantes a melhorar e progredir. Deve-se incentivar a participação dos estudantes, levando-os a falar de pontos positivos e negativos.

Fonte: EEEP Alan Pinho Tabosa- Planejamento – Coordenação Pedagógica

Seguindo as orientações expostas no quadro, a escola pretende garantir nas aulas a presença dos cinco elementos da aprendizagem cooperativa: interdependência positiva, responsabilidade individual, habilidades sociais, interação promotora e processamento de grupo.

Segundo o diretor da escola, esses são alguns passos que devem estar presentes em uma aula que utiliza a Aprendizagem Cooperativa: “Explanação expositiva; Trabalho individual; Trabalho em grupo; Avaliação individual”. Ressaltam-se aqui elementos importantes dessa metodologia que são utilizados tanto no PRECE, como no modelo norte-americano, o que vem confirmar o hibridismo do modelo da escola com os demais modelos aqui citados.

Para Miranda (2011), no PRECE, os referidos elementos estão presentes desde o início:

[...] A interdependência social positiva, como uma compreensão de que cada um faz uma parte e tem uma contribuição singular, insubstituível e que se complementa com a dos demais na configuração do grupo nos leva a um segundo elemento, a responsabilidade individual e grupal. Um terceiro elemento da Aprendizagem Cooperativa norte-americana, denominado interação estimuladora, esse elemento dialoga com uma prática precisa que é a valorização das histórias de vida dos estudantes. [...] há um incentivo para que os estudantes compartilhem as suas histórias de vida como um método para favorecer uma mútua compreensão entre eles e fortalecer os vínculos existentes (MIRANDA, BARBOSA & MOISES, 2011, p. 29)

Os elementos acima mencionados constituem a base do planejamento nas aulas em que se utiliza o método da Aprendizagem Cooperativa. Entender e colocar em prática todos esses elementos, de acordo com os relatos dos professores da escola, constitui-se uma dificuldade para todos, porque não é qualquer trabalho de grupo que caracteriza uma célula de Aprendizagem Cooperativa. Esse trabalho precisa promover a interação entre os estudantes, desenvolver habilidades individuais e em grupo, porque, para Gomes (entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013), essas devem ser as preocupações essenciais de um profissional que “se importa com o que faz com quem faz e para quem faz” (GOMES, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Com os professores, acontece uma discussão com relação a dar ênfase a um modelo de plano de aula que estimule a cooperação sem se esquecer da responsabilização individual, potencializando o trabalho do grupo.

Em síntese, o plano de aula deve garantir a presença dos cinco elementos da aprendizagem cooperativa: interdependência positiva, responsabilidade individual, habilidades sociais, interação promotora e processamento de grupo.

Portanto, alguns passos devem estar presentes em uma aula que utiliza a Aprendizagem Cooperativa para que se consigam os objetivos desejados de

um trabalho pautado na cooperação; explanação expositiva; trabalho individual; trabalho em grupo e avaliação individual.

Todas as disciplinas da Base Nacional Comum seguem esses passos acima citados, porém o diretor da escola acrescenta que,

[...] a depender da disponibilidade, planejamento e competência do professor, será variável a presença da Aprendizagem Cooperativa na aula. É importante dizer também que os professores sempre podem e fazem adaptações até mesmo da proposta da Escola (LUZ, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

As entrevistas realizadas apontam que existem dificuldades no meio dos educadores para implementar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa dentro da sala de aula. Elas vão desde a complexidade do método à dificuldade que muitos colegas têm de se libertar desse modelo tradicional. Segundo Moraes, professor da disciplina de História¹⁷:

[...] os professores se esforçam para aprender a metodologia e aplicar nas aulas. [...] no começo foi complicado e difícil, mas os planejamentos e as reuniões ajudaram na melhoria da metodologia. [...] o tempo às vezes é curto para realizar algumas técnicas de Aprendizagem Cooperativa (MORAES, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013)

Com base nas entrevistas feitas na escola, foi possível constatar a grande contribuição nos aspectos educacionais e sociais que a metodologia da Aprendizagem Cooperativa conseguiu, agregando todos os sujeitos envolvidos nesse processo. Porém, o maior beneficiado deverá ser o aluno, que poderá, junto à aprendizagem cognitiva, adicionar valores essenciais à vida, que é o saber conviver em grupo, partilhar com o outro, histórias de vida, conhecimentos e valores. Para a professora da disciplina de Geografia, o “[...]”

¹⁷ José Jocélio Simplício de Moraes, professor da disciplina de História, começou a trabalhar na EEEP Alan Pinho Tabosa em 2011, no mesmo ano da sua inauguração. Entrou no PRECE em 2003 como monitor, responsável nos grupos nas disciplinas de Biologia, História e Língua Portuguesa, por influência de um amigo. Nos finais de semana, era aluno dos universitários na preparação para o vestibular. Em 2005, na companhia de outros colegas, criou vários projetos no PRECE, dentre eles: Rádio Comunicação do PRECE; Observatório do Eleitor e Formação de Monitores para atuar nos grupos. Em 2009 se tornou presidente da Escola Popular Cooperativa de que fazia parte e também em 2009, após duas tentativas, foi aprovado no vestibular da Universidade Federal do Ceará- UFC para o curso de Ciências Sociais.

método leva o estudante a uma compreensão e vivência da importância da contribuição dele no processo de aprendizagem” (SOUZA, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013). A referida professora reforça que só acredita em aprendizagem quando o estudante participa do processo.

Na visão dos professores que trabalham com as disciplinas técnicas e que não vivenciaram o modelo da Aprendizagem Cooperativa, nem em suas experiências como estudantes, tampouco em suas vidas profissionais, o desafio em aplicá-lo é bem maior. Para o professor e coordenador do curso de Informática, José Fernando Almeida Júnior,¹⁸ mesmo se esforçando para apreender melhorar as técnicas usadas em sala de aula para o desenvolvimento do processo de aprendizagem cooperativo, ele diz que a metodologia é “[...] humana e niveladora e não deixa ninguém para trás” (ALMEIDA JÚNIOR, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Para o diretor Lopes, as dificuldades de uso da Aprendizagem Cooperativa são maiores para os professores da área técnica. Como esses professores nunca ouviram falar sobre o PRECE, sobre a Aprendizagem Cooperativa, no momento da entrevista, a única pergunta que lhes é feita é se eles têm interesse de passar por uma formação em serviço sobre a metodologia que será aplicada na escola. Essa abordagem é feita nesse momento da entrevista, que é parte do processo de seleção para ingressar nas escolas profissionais. A entrevista ocorre com todos os professores selecionados, sejam os da Base Nacional Comum, ou da base técnica, como já fora anteriormente citada.

Segundo o diretor, como fora anteriormente mencionado, há uma dificuldade na contratação dos professores para lecionar as disciplinas técnicas. Como a cidade não possui profissionais qualificados para as especialidades, muitos se deslocam de Fortaleza para suprir essa carência, chegando à escola para cumprir a carga horária. Tal situação é diferente dos professores que lecionam as disciplinas da Base Nacional Comum, que são ex-alunos do PRECE e que moram no município.

¹⁸ José Fernando Almeida Junior- Bacharel em Sistemas de Informação, concluiu seu curso em setembro de 2012 e no mesmo mês assumiu a função de coordenador e professor no curso de Informática.

A professora de Língua Portuguesa, Janayna de Sousa Maciel,¹⁹ diz que a Aprendizagem Cooperativa desenvolve, além das competências cognitivas, as competências sociais que são indispensáveis na construção dos seres humanos. A professora conclui o seu pensamento sobre a metodologia afirmando que “[...] é uma alternativa para quem pretende formar não apenas bons profissionais, mas bons cidadãos” (MACIEL, entrevista realizada no dia 08 de outubro de 2013).

Outros relatos importantes dizem respeito ao ganho de autonomia, de uma nova visão de mundo e de quão é importante o sentimento de partilhar que o aluno tem quando vivencia essa metodologia da Aprendizagem Cooperativa. O processo de interação entre indivíduos possibilita intercambiar pontos de vistas, conhecer e refletir sobre diferentes questionamentos, refletir sobre seu próprio pensar, ampliar com autonomia sua tomada de consciência para buscar novos rumos. Nesse aspecto, todos os professores, gestores e alunos entrevistados ressaltam que esse método propicia aos alunos um desejo de buscar essa autonomia, que poderá garantir um futuro mais promissor para ele, para a sua família e para a sua comunidade.

Portanto, o trabalho que vem sendo desenvolvido na EEEP Alan Pinho Tabosa, dentro dessa perspectiva da Aprendizagem Cooperativa, é o de atender às demandas desse mundo moderno, que tem como tendência a valorização do aprender a viver com os outros, a compreender os outros, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns e ter prazer no esforço comum. Nesse sentido, a formação de pessoas mais comprometidas com os valores sociais e com os princípios da solidariedade precisa ser mais bem assumida pela escola. Além da aprendizagem dos conteúdos específicos, a escola tem a responsabilidade pela formação integral dos alunos, estando aí inseridas as questões éticas que envolvem a cidadania. Dessa forma, o desafio que se apresenta à escola é proporcionar a seus alunos o desenvolvimento de atitudes e competências que permitam a sua intervenção e transformação na sociedade de que fazem parte (FREIRE, 1991).

¹⁹ Janayna de Sousa Maciel- Ingressou no Programa em Células Cooperativas, na Escola Popular de Cipó, como aluna em 2006 e em 2008 foi aprovada na Universidade Federal do Ceará- UFC para o curso de Letras/Português. Retornava nos finais de semana para ajudar aos pré-vestibulandos na disciplina de Português. Participou do Programa de Aprendizagem Cooperativa da UFC, na Comissão de Iniciação à Docência, preparando planos de aula.

No Projeto Político Pedagógico- PPP da EEEP Alan Pinho Tabosa, que é o documento norteador da ação educativa, o trabalho da equipe gira em torno de

[...] construir uma escola que prepare o educando para aprender a aprender; que possibilite o acesso ao mercado de trabalho; sistematize os conhecimentos científicos e universais; inovadora; democrática; transmitindo valores éticos, Moraes, cívicos e cristãos; desenvolvendo um papel educativo, buscando o alcance dos objetivos propostos; atuante no contexto social a que pertence; o conhecimento seja trabalhado de forma crítica, garantindo acesso aos códigos básicos de leitura e escrita; que contribua para formação integral do ser e que seja desenvolvido de forma contextualizada e articulada, integrando as disciplinas da Base Nacional Comum, com a parte diversificada e habilitação profissional; seja capaz de gerir os recursos usando-os no desenvolvimento de um ensino de qualidade (PPP EEEP ALAN PINHO TABOSA, 2014, p. 5).

Para cumprir e atingir esses objetivos, a escola conta com um grupo empenhado, que utiliza a metodologia de ensino da Aprendizagem Cooperativa. Essa metodologia ajuda na resolução de problemas, permite aos estudantes interagirem com os colegas e com o professor, possibilita também o ganho de autonomia e de responsabilidade para tomar decisões no desenvolver das atividades em sala de aula, o que facilita a compreensão do conteúdo. Todas as atividades são estruturadas pelo professor que acompanha e estabelece os comportamentos desejados para os alunos no desenvolvimento da aula.

De acordo com o PPP, a EEEP Alan Pinho Tabosa tem como visão

[...] ser uma escola de referência na utilização da metodologia de aprendizagem cooperativa na Educação Integral e Profissional no Ensino Médio na região do Vale do Curu e no Estado do Ceará, formando jovens competentes, autônomos, participativos, cooperativos e comprometidos com a sociedade, cultivando valores como o amor, equidade, autonomia, solidariedade, ética, respeito, humanismo, eficiência, cooperação, protagonismo, honestidade e responsabilidade (PPP DA EEEP ALAN PINHO TABOSA, 2014, p. 9).

O planejamento da escola acontece semestralmente com discussões e elaboração de projetos em torno dos quais toda a escola se mobiliza. Além disso, acontecem reuniões de alinhamento e de formação continuada com os professores, visando ao desenvolvimento dos educandos. Os encontros

possibilitam também a socialização das dificuldades enfrentadas e dos sucessos obtidos.

A escola tem suas potencialidades as quais têm contribuído para minimizar as dificuldades que são enfrentadas na rotina escolar. Dentre essas potencialidades, vale ressaltar a utilização de uma metodologia inovadora que valoriza a interação discente.

O desenvolvimento de projetos também é considerado ponto forte, porque ajuda os estudantes com dificuldades de aprendizado, dentre eles, o projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o projeto Coordenadores de Células, que favorece o protagonismo estudantil.

A escola conta, ainda, com a formação técnica aliada ao Ensino Médio, a parceria com a Universidade Federal do Ceará, que permite a vinda de colaboradores em diversas áreas, uma boa infraestrutura, um corpo docente habilitado, a valorização das relações interpessoais, os recursos didáticos disponíveis, o trabalho pedagógico norteado pelos PCNs e Diretrizes Curriculares. E, ainda, um Grêmio Estudantil e um Conselho Escolar atuante, que fortalecem a gestão democrática. Por fim, a escola possui um ensino em tempo integral, o que tem sido o diferencial para um município que precisou se valer de métodos cooperativos e informais para possibilitar o ingresso de seus jovens e adultos a uma condição de vida letrada.

A escola também tem impasses que dificultam o trabalho pedagógico como, por exemplo, adaptação dos estudantes ao método de Aprendizagem Cooperativa, levando em consideração toda sua vida escolar baseada em um método tradicional expositivo que não propicia a interação discente. Alguns professores têm dificuldade em planejar atividades que contemplem o método da Aprendizagem Cooperativa, pois esse tipo de planejamento requer mais tempo e habilidade. A escola tenta amenizar essas dificuldades realizando mais oficinas, seminários, cursos e atividades pedagógicas para aprofundar o método junto aos docentes e aos discentes.

Somadas a essas dificuldades, o documento do Projeto Político Pedagógico da escola, PPP, cita também outros fatores que contribuem para dificultar o trabalho que são:

[...] atraso nos repasses dos recursos financeiros; Alunos desestimulados; Desestruturação familiar; Baixo nível de escolaridade dos pais; Dificuldade de aprendizagem relacionada com a leitura, a escrita, o raciocínio lógico-matemático e o cálculo; Falta de compromisso de alguns profissionais; Conduta inadequada por parte de alguns sujeitos envolvidos no processo educacional; Falta de avaliação dos projetos desenvolvidos; Carência de professores para assumir a função de Professor Diretor de Turma; Carência de professores; Baixa qualidade dos materiais didáticos; Carência de materiais de multimídias (internet de baixa qualidade, projetores e tvs insuficientes) (PPP DA EEEP ALAN PINHO TABOSA, 2014, p. 12).

Ao lado das dificuldades, estão as conquistas, tais como 100% de aprovação dos alunos no ano de 2013 e apenas um caso de evasão. O sucesso nesses resultados pode-se atribuir a um conjunto de medidas observadas nas práticas desenvolvidas pelos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da referida escola. Porém, o espírito de cooperação que caracteriza a Aprendizagem Cooperativa pode ser apontado como um elemento importante que tem contribuído para que se perceba não somente um clima mais favorável de aprendizagem, visto que essa é compartilhada de forma mais contundente na experiência dessa escola, mas também um clima de entrega, de responsabilidade e de compromisso.

Mediante as pesquisas realizadas, foi possível uma análise mais criteriosa sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa que está sendo aplicada na Escola de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa. Tal questão é importante, uma vez que essa experiência, até a realização deste estudo, não havia sido submetida a nenhum processo de análise capaz de inferir os seus desafios e as suas potencialidades. Nesse sentido, o foco principal desta pesquisa foi o de saber de que forma a aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa se desenvolve na prática cotidiana da sala de aula de uma escola formal, haja vista que a origem do PRECE está associada a iniciativas autônomas e informais de grupos de jovens. .

2.4 Análise e interpretação dos dados

A ideia de ter como objeto de pesquisa a Metodologia da Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa veio com a participação no II Encontro Cearense de Aprendizagem Cooperativa, realizado em Fortaleza, que teve início no dia 10 de dezembro de 2012. O encontro contou com a presença dos irmãos Roger e David Johnson, diretores do Centro de Aprendizagem Cooperativa em Minneapolis – EUA. Na ocasião, eles compartilharam suas experiências, apresentando e aprofundando os cinco elementos da Aprendizagem Cooperativa, já apresentados anteriormente.

Até então, a única referência sobre Aprendizagem Cooperativa era da história do PRECE, que, na casa de farinha e embaixo de árvores, reunia alunos em grupo para socializarem conhecimentos. Uma atitude que conseguiu e consegue mudar a vida de muitos jovens, a princípio do sertão do Vale do Curu, mais precisamente do sítio Cipó, e, atualmente, de todo o estado do Ceará.

Pode-se dizer que a trajetória do PRECE, até os dias atuais, tem chamado a atenção de autoridades, principalmente aquelas que estão ocupando cargos na área da educação do Ceará. O movimento que se percebe no sistema estadual de educação de ensino do Ceará é no sentido de tornar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa mais próxima dos educadores cearenses e que essa possa ser uma estratégia a mais na prática de todos eles. Basta ver que é meta para o ano de 2014 realizar a formação com todos os Diretores de Turma das escolas estaduais, na capital e no interior. Algo já em curso.

Quando se observa esse fato, é possível perceber que o sonho do professor Manoel Andrade Neto em relação ao PRECE começa a se concretizar, visto que seu sonho não era somente que o PRECE crescesse e nem aprovasse alunos em vestibulares, mas que fosse inserido em escolas públicas.

Nesse sentido, será possível perceber que o PRECE, embora tenha passado por muitas mudanças, dentre elas a de institucionalizar sua prática metodológica, continua preservando a sua essência maior: a de cooperar mutuamente. O fato é que, com essa evolução, ou seja, com o PRECE um dia

saindo da comunidade de Cipó e se fazendo presente em quase todas as escolas públicas do Ceará, foi necessário encontrar estratégias para atender a essa demanda.

Porém, de acordo com o observado, o que mais influencia no sucesso é a motivação da grande maioria das pessoas que conhecem o projeto e se comprometem em prol de uma comunidade, embora não se possa negar que os elementos advindos da experiência norte-americana contribuem para melhorar a prática dessa metodologia.

Os estudantes universitários que retornam à comunidade são o melhor exemplo dessa motivação e compromisso com a mudança. Nesse aspecto, o Professor Andrade Neto também contempla a outra face desse projeto, que é a conscientização dos jovens da comunidade para a transformação do conhecimento obtido na Educação Superior em desenvolvimento local.

A intenção maior é que cada cidadão que passa pelo PRECE venha a ser um protagonista e as comunidades nas quais eles estão inseridos sejam espaços de cooperação e desenvolvimento igualitário.

O PRECE dos dias atuais tem os elementos necessários para se desenvolver. Tem a motivação que alavancou a experiência inicial e informal, tem parcerias que possibilitam mais conforto, melhor estrutura, material adequado para os estudos, colaboradores melhor qualificados e universitários com o compromisso do retorno as comunidades. Por fim, a referência teórica da metodologia norte-americana, que tem dado um suporte pedagógico aos professores e colaboradores na prática de sala de aula.

Na análise da metodologia de Aprendizagem Cooperativa vivenciada pelos norte-americanos, são perceptíveis as diferenças existentes quando se compara com a experiência que é desenvolvida pelo PRECE. A ideia não é identificar qual das duas é melhor, mas detectar, entre uma e outra, pontos de convergências e de divergências.

A experiência norte-americana, assim como o PRECE, também trabalha com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Enquanto o PRECE leva em consideração o nível de ensino em que o aluno se encontra apenas com o objetivo de organizar as células de estudo e trabalhar com essa diversidade, a experiência dos irmãos Johnson se dá com alunos do Ensino Fundamental, Médio e Superior que estão matriculados em alguma instituição.

Outra característica em que as duas experiências divergem é que a metodologia norte-americana iniciou essa experiência com base em pesquisas que comprovavam a eficácia do trabalho em equipe, já contando com boa estrutura física, com um ambiente de aprendizagem bem sistematizado, onde o professor ocupa um papel mais central.

Já com o PRECE, a experiência não ocorre da mesma forma. O trabalho que o PRECE realiza conta, atualmente, com uma estrutura melhor organizada e recebe o apoio de parceiros importantes como a Universidade Federal do Ceará, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará- SEDUC-CE e, principalmente, com os estudantes e as comunidades onde o projeto é desenvolvido. Porém, como já fora dito reiteradas vezes, iniciou a sua trajetória de maneira informal, funcionando em uma velha casa de farinha e impulsionada apenas por um desejo de mudar a realidade dos jovens da localidade e Cipó.

Dadas as condições adversas da região, o professor, aqui denominado orientador de célula, é também um aluno, que possui um grau de conhecimento maior do que os demais do grupo. Portanto, o que aproxima essas duas experiências é o método que elas utilizam em que a cooperação é o elemento mais importante para o desenvolvimento de um trabalho, visto que é nítida a compreensão das duas experiências de que “[...] nada de novo que seja realmente interessante surge sem colaboração.” ((JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 2).

Na verdade o sentido da Aprendizagem Cooperativa de que “[...] os alunos trabalhem em conjunto para maximizarem a sua própria aprendizagem e a dos outros colegas” (LOPES & SILVA, 2009, p.3) é o que, de fato, impulsiona esse trabalho na direção de romper com essa lógica predominante do trabalho competitivo e individualista, em que os alunos são reprodutores das escolas em que estudaram e, assim, cultivam um sistema em que se priorizam as classificações promovidas por professores exigentes na avaliação. (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 3).

É importante registrar que, através dos estudos realizados, e apesar de toda a estrutura que facilita o trabalho da Aprendizagem Cooperativa norte - americana, dois fatores importantes contribuem para que o modelo não seja aplicado com pleno êxito. Um desses fatores, como fora mencionado, é a falta

de investimento na formação dos professores, a maioria tem que aprender a usar a Aprendizagem Cooperativa por conta própria e na tentativa de aplicar o método em sala de aula, quase sempre não se chega aos resultados esperados.

O outro fator para JOHNSON & JOHNSON (1998), é a resistência dos alunos com essas mudanças didáticas. Como nem sempre eles aceitam uma metodologia que lhes delega um papel ativo, pressionam os professores no sentido de continuarem dando suas aulas expositivas, alegando que pagaram para ouvir o professor, não os colegas de classe.

Apesar dos obstáculos, é possível acreditar que nenhum deles é insuperável. Para Rogers, esses obstáculos “[...] se enfraquecem a medida que aumentam o conhecimento da teoria, da pesquisa e dos procedimentos práticos que permeiam a aprendizagem cooperativa” ((JOHNSON & JOHNSON, 1998, p. 3).

Mediante as pesquisas realizadas, é possível observar que a metodologia da Aprendizagem Cooperativa norte-americana é uma forte influência no trabalho realizado pelo PRECE e também na EEEP Alan Pinho Tabosa. O que se observa é que os cinco elementos anteriormente citados são os que orientam atualmente as experiências da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, que vem desenvolvendo um trabalho piloto desde 2011, no município de Pentecoste. Cada experiência abstrai esses elementos de acordo com a sua realidade, mas o fato é que eles exercem uma forte influência no planejamento e na orientação dos trabalhos dos professores que são desenvolvidos na sala de aula.

A partir dos estudos realizados junto ao núcleo gestor, professores, alunos, pais e demais membros que estão envolvidos e empenhados no processo de implementação da metodologia na referida escola, consta-se que a presença do PRECE, é muito forte, com um elemento que contagia todos esses envolvidos e que o diretor da escola chama de inspiração.

Percebe-se, com clareza, o entendimento de toda a comunidade escolar de qual é o papel mais importante que essa escola deve desenvolver. Eles são conscientes de que o papel principal é o de ensinar de modo que os alunos aprendam cooperativamente. Nesse sentido, é possível também constatar que todos estão imbuídos desse espírito de partilha e dessa inspiração, que poderia

também se chamar de motivação. A motivação de quem acredita que, se deu certo com eles, também poderá dar certo com os alunos da escola em que hoje eles atuam.

As constatações acerca das influências que essas metodologias exercem na escola são reforçadas pelo diretor da escola Elton Lopes Luz, quando ele diz que o que acontece na EEEP Alan Pinho Tabosa é um trabalho híbrido da Aprendizagem Cooperativa do PRECE e da metodologia norte-americana dos irmãos Johnson & Johnson. Sabe-se que, embora elas estejam presentes, a escola vem procurando adaptar esses elementos com a perspectiva de deixá-los mais próximos da realidade da escola.

As entrevistas realizadas apontam que existem dificuldades no meio dos educadores para implementar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa dentro da sala de aula. Observa-se essa dificuldade principalmente com os professores que lecionam as disciplinas da base técnica, que não vivenciaram o modelo da Aprendizagem Cooperativa nem em suas experiências como estudantes, tampouco em suas vidas profissionais, sentindo, assim, maior dificuldade em aplicar a metodologia.

Nesse sentido, a escola também sente dificuldade de colocar esse profissional em um processo de formação, uma vez que a realidade em que ele atua se diferencia das dos demais professores que lecionam as disciplinas da Base Nacional Comum. Isso ocorre, porque em função da ausência desse profissional na comunidade, ele precisa se deslocar da cidade de Fortaleza e chegam à escola para cumprir a carga horária.

Esses professores nunca ouviram falar nada sobre o PRECE e nem sobre Aprendizagem Cooperativa, mas se colocam a favor do método porque acham inovador e não se negam a participar de um processo de formação em serviço sobre a metodologia aplicada na escola.

O fato de os professores técnicos não utilizarem a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em suas aulas constitui-se um desafio para a escola. Nesse sentido, ela deve buscar estratégias para que todos, principalmente os que desempenham a função de educador em sala de aula estejam capacitados para utilizar o método. Compreende-se que, se já não é fácil implementar o método quando todos estão engajados na ideia, fica mais

difícil ainda, quando, dentro de um mesmo contexto escolar, uns utilizam o método e outros não.

É provável que essa atitude possa gerar nos alunos, que já vêm de uma experiência de aulas tradicionais, uma dificuldade maior em assimilar a ideia de trabalhar de forma cooperativa. Principalmente, quando se leva em consideração que esses professores trabalham com as disciplinas que orientam para o mundo do trabalho e que esse mercado de hoje busca por profissionais que possam trabalhar de modo cooperativo.

Portanto, não é concebível que esses educadores não sejam formados para trabalhar com a metodologia que a escola adota como norte do seu trabalho. Afinal, o que se pretende com a aplicação dessa metodologia, além de formar bons profissionais, é formar bons cidadãos.

Nas entrevistas realizadas na escola, foi fácil constatar a grande contribuição nos aspectos educacionais, sociais que a metodologia da Aprendizagem Cooperativa consegue agregar a todos os sujeitos envolvidos nesse processo. Porém, o maior beneficiado mesmo deverá ser o aluno, que poderá, junto à aprendizagem cognitiva, adicionar valores essenciais à vida, que é o saber conviver em grupo, partilhar com o outro, histórias de vida, conhecimentos, valores.

Para o Professor Manoel Andrade Neto, que é um defensor da Aprendizagem Cooperativa:

É claro que eu sou defensor da metodologia, é claro que eu defendo o que eu acredito, mas eu não estou dizendo que é só esse tipo de escola que é de qualidade não. Pra mim uma escola de qualidade é a que faz com que os estudantes aprendam, não apenas os conteúdos escolares, mas que aprendam a conviver, a ser bons cidadãos e que tenham responsabilidade social. A metodologia da Aprendizagem Cooperativa é ideal, atual e muito importante para se alcançar esse objetivo, mas, não significa que ela é a única metodologia de ensino. O importante é que as pessoas tenham oportunidade de aprender (ANDRADE NETO, 2014).

Dentre os fatores analisados por meio das entrevistas e questionários aplicados, professores, gestores e alunos são unânimes em dizer que gostam e acreditam que esse método propicia aos alunos um desejo maior de buscar sua autonomia que poderá garantir um futuro mais promissor para eles, para

sua família, para a comunidade, onde eles serão personagens protagonistas de suas histórias.

Portanto, para os educadores, alunos, família dos alunos dessa instituição de ensino, o trabalho que vem sendo desenvolvido na escola, utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa, tem como objetivo atender às demandas desse mundo moderno, que tem como tendência a valorização do aprender a viver com os outros, a compreender os outros, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns e ter prazer no esforço comum. Além da aprendizagem dos conteúdos específicos, a escola tem a responsabilidade pela formação integral dos alunos, estando aí inseridas as questões éticas que envolvem a cidadania.

A escola, embora apresente muitos pontos favoráveis ao desenvolvimento do projeto de implementação da Aprendizagem Cooperativa, aponta algumas dificuldades. Ainda que tais dificuldades não comprometam o desenvolvimento do trabalho, no sentido dos resultados de aprendizagem, são desafios que merecem intervenções pedagógicas que venham a minimizar situações futuras que possam descaracterizar a verdadeira filosofia do método da Aprendizagem Cooperativa.

Dentre as dificuldades mencionadas por gestores, professores, o desafio de sistematizar e aprimorar os planos de aula aparece como comum a todos eles. A justificativa apresentada é que a metodologia da AC em sala de aula requer um tempo maior para o planejamento, porque visa à utilização de estratégias e técnicas que possibilitem a promoção da interdependência dos educandos nas atividades em sala de aula.

A questão dos professores da base técnica que não apresentam nenhuma intimidade com a metodologia do PRECE e da Aprendizagem Cooperativa é outro desafio, para o qual, infelizmente, não existem muitas alternativas. Isso porque a escola precisa desses profissionais que, muitas vezes, saem de Fortaleza unicamente para cumprir a carga horária de sua disciplina, diferentemente dos demais professores da base comum que são lotados com 40 horas/aula na escola. Embora constitua um problema, a escola realiza momentos para que eles sejam estimulados a conhecer a metodologia e utilizá-la para ministrar as aulas. Eles conhecem estratégias como: grupos

base, coordenador de células, papéis dos estudantes no grupo, definição de meta, contrato de cooperação.

Com base nos resultados e nas observações realizadas, é possível perceber que, embora a escola seja codirigida por uma gestão formada por três funcionários da Universidade Federal do Ceará, as dificuldades ainda se apresentam na implementação do modelo metodológico.

Para o professor Manoel Andrade Neto, é preciso fazer a diferença entre a experiência do PRECE, da Universidade Federal do Ceará e da EEEP Alan Pinho Tabosa. São experiências diferentes e o que elas têm em comum é a inspiração do PRECE, porque todos conhecem a sua história e sabem que foi através da cooperação entre os estudantes que eles aprenderam a conviver melhor e adquiriram mais conhecimentos. No entanto, o modelo que se aplica na escola é complexo, por conta da sistematização do ensino. Existem questões que impedem a utilização de qualquer metodologia que queira promover protagonismo juvenil, autonomia dos estudantes e que esteja baseado no princípio sócio-afetivo. Como dificuldade na implantação do método cooperativo, ele argumenta que os professores da escola pesquisada foram formados para trabalhar em outra base, a da competição e do individualismo. Falta a esses professores a experiência no exercício da profissão de ensinar. Os professores que lecionam as disciplinas da Base Nacional Comum passaram pela metodologia do PRECE como alunos, uma realidade diferente.

Nessa metodologia, o professor precisa ter liderança para fazer o trabalho. Caso contrário, as dificuldades surgirão automaticamente. Para o professor Manoel Andrade Neto,

Essa liderança, se constrói a partir da experiência, da maturidade do professor e a maioria dos professores da EEEP Alan Pinho Tabosa nunca tinha entrado numa escola como professor, nunca tinha dado aula, tinha uma experiência do PRECE, que é muito diferente (ANDRADE NETO, 2014).

Nesse sentido, Andrade Neto também faz uma ressalva interessante sobre a falta de experiência dos professores e o fato de ser a sua primeira experiência cooperativa em sala de aula. Isso conta como ponto positivo,

porque eles são professores que não têm os vícios do sistema e, portanto, seria uma vantagem considerada para a implementação do método. Entretanto, para se apropriarem da metodologia, esses professores precisariam de muitos cursos de formação, o que é difícil dada a falta de tempo disponível, porque a escola é de tempo integral. Sem contar com outro fator que, na visão Andrade Neto também compromete os resultados, que é o fato de a escola ser também integrada à Educação Profissional dos alunos. Tudo isso limita muito o tempo não só dos professores, como também dos alunos, que basicamente não têm tempo de criar, de serem autônomos.

São muitas as metas a serem cumpridas em uma escola institucionalizada. Mesmo com todo o acompanhamento pedagógico através da escola, da SEDUC e da UFC, a questão do tempo limitado para as formações e também para possibilitar momentos de maior interação entre os alunos, professores e gestão tem sido um fator que pode comprometer a implantação do método da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula.

Mesmo com todo esse suporte pedagógico assumido pelos educadores acima citados, percebe-se que seria necessário que a escola tivesse, na sua organização interna, um grupo formado com representantes de todos os segmentos da escola, para estudar e estruturar momentos de formação sobre o método adotado para o trabalho pedagógico, com o objetivo de envolver todos os atores no processo ensino-aprendizagem, com essa metodologia nunca antes aplicada em uma escola formal e que atende a uma legislação.

Dentro dessa expectativa se desenvolverá o capítulo 3, ou seja, o Plano de Ação Educacional PAE, que tem como objetivo contribuir com ações concretas para a melhoria da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na escola, possibilitando o seu aprimoramento e, principalmente, buscando envolver todos os professores dentro desse contexto de ensino e aprendizagem que auxilia a suprir uma nova forma de se conceber a aprendizagem, não priorizando ou sendo restrito ao conhecimento de conteúdos e, sim, aberto a todas as possibilidades de interação, de conhecimento.

3. PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: BUSCANDO CAMINHOS PARA A MELHORIA DO MODELO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA EEEP ALAN PINHO TABOSA

Esta dissertação tem como problema a seguinte questão: como a metodologia da Aprendizagem Cooperativa está sendo aplicada na Escola de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa? O questionamento parte da constatação de que, até o momento, esse modelo de ensino e aprendizagem não foi submetido a um processo de análise na referida escola. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é saber de que forma a aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa se desenvolve na prática cotidiana da sala de aula de uma escola formal, haja vista que a essência da referida metodologia está associada às iniciativas autônomas e informais de grupos de jovens.

A EEEP Alan Pinho Tabosa, objeto desta pesquisa, é a única escola no Ceará a utilizar a Aprendizagem Cooperativa como método de ensino. Nesse sentido, esta pesquisa faz uma análise de dois modelos de ensino focados na Aprendizagem Cooperativa: o Programa de Educação em Células Cooperativas – PRECE e a metodologia norte-americana. Essa análise busca perceber como esses métodos têm influenciado a constituição da metodologia adotada pela EEEP Alan Pinho Tabosa.

Este estudo também possibilita enxergar as limitações, possibilidades e dificuldades da metodologia da Aprendizagem Cooperativa.

Nesse sentido, as pesquisas e análises realizadas forneceram subsídios para discutir acerca da Aprendizagem Cooperativa no âmbito de uma escola regular de Educação Profissional. Além disso, permitiram perceber as dificuldades enfrentadas na implementação dessa nova proposta educacional, tais como as enfrentadas pelos professores, principalmente os que lecionam as disciplinas técnicas, e pelos alunos que apresentam resistência em assimilar a nova proposta, haja vista que são oriundos de uma cultura que prioriza o individualismo em detrimento da coletividade.

A justificativa referente à primeira dificuldade citada acima se baseia no fato de que a maioria dos professores da área técnica não reside no município, chegam à escola apenas para ministrarem as suas aulas e retornam para a

cidade de Fortaleza. Na cidade de Pentecoste, é muito difícil encontrar professores que possam assumir essas disciplinas e, diante desse impasse, a escola precisa se submeter a tal situação para não ficar sem esses profissionais.

Na percepção dos educadores da escola, esse é um desafio que deve ser superado, a ponto de não reforçar a ideia de que a escola funciona como se fossem duas escolas em uma. Uma escola que surgiu para integrar o Ensino Médio à Educação Profissional não pode se desvincular desse objetivo em função da implementação de uma metodologia.

A dificuldade dos professores da base técnica é consideravelmente maior do que a dos professores que lecionam as disciplinas da Base Nacional Comum. O professor José Fernando Almeida Junior, bacharel em Sistema de Informação, na ocasião da entrevista, relatou que nunca ouvira falar nessa metodologia. Porém, mesmo que a maioria dos professores das disciplinas da Base Nacional Comum seja formada por ex-precistas que conheçam o funcionamento da metodologia da Aprendizagem Cooperativa através do PRECE, também encontram dificuldades de trabalhar com a metodologia em sala de aula, porque ela é diferente da metodologia que eles vivenciaram no PRECE. É algo sistemático, com regras, disciplinas e horários estabelecidos.

Como já relatado anteriormente, na metodologia do PRECE, os alunos possuem mais liberdade e autonomia no direcionamento dos seus estudos. Já na escola formal, eles têm nove aulas diárias, distribuídas nos turnos da manhã e da tarde. Além dessas questões apontadas, é possível perceber que, pela falta de experiência dos professores com essa realidade de escola institucionalizada, é necessário que sejam realizadas formações para que eles possam adquirir estratégias para o efetivo trabalho em sala de aula, e, assim, implementar o referido método que atenda às expectativas criadas na rede de ensino do Ceará acerca da metodologia.

A dificuldade apresentada referente aos alunos justifica-se pela divergência de metodologias que eles vivenciam em pouco espaço de tempo. Ao sair de um 9º ano, da rede municipal de ensino, onde vivenciaram o método de aprendizagem tradicional, ingressam no Ensino Médio (da rede estadual) onde se deparam com uma nova forma de aprender e ensinar. E é aí que ocorre a maior resistência.

O município de Pentecoste é pioneiro e referência na aplicação dessa metodologia. Portanto, o papel da escola, na perspectiva de envolver a rede municipal com ações voltadas para o método que rendeu prestígio ao município, seria também o de preservar essa cultura educacional, entendendo que, se ela apresenta resultados positivos através da experiência do PRECE, o mesmo poderá ocorrer quando for adaptada à realidade das escolas que funcionam de maneira formal, sejam municipais ou estaduais.

Com base nesses problemas, desenvolvemos a proposta de intervenção com o objetivo de contribuir com ações concretas para a melhoria da metodologia dentro da escola. Sendo assim, o objetivo deste terceiro capítulo é apresentar ações de intervenção que contribuam para o aperfeiçoamento da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.

A Proposta de Intervenção consta de três ações. A ação 1 consiste em promover capacitações constantes sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa com os docentes da escola. A ação 2 pretende criar na escola uma coordenação para efetivar a articulação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada pelos professores da base comum com os professores da base técnica. E, por fim, a ação 3 tem como meta criar, junto à Secretaria de Educação Municipal, uma equipe de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas municipais. As ações propostas visam assegurar a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

3.1. Ação 1 - Promover capacitações constantes da metodologia da Aprendizagem Cooperativa com os docentes da escola

O método da Aprendizagem Cooperativa no Ceará, no modelo PRECE, já existe desde 1994, mas foi implementado em uma escola regular e de tempo integral e integrada à Educação Profissional em 2012, tendo sido um grande desafio, principalmente quando se observa que nem todos os professores estão capacitados para utilizar a metodologia em sala de aula.

Portanto, é preciso estar sempre aberto a novas aprendizagens, o que pode ocorrer quando se possibilitam aos educadores cursos de formação.

Segundo Freire, o homem é um ser inconcluso e deve ser consciente de sua inconclusão, por via do movimento permanente de ser mais.

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo facto de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí (FREIRE, 2002, p.20).

Quanto a isso, faz-se necessário que os professores possam entender e internalizar a ideia de formação permanente que, no pensamento de Freire, é resultado do conceito da “condição de inacabamento do ser humano e consciência desses inacabamento”.

Para os professores, sempre será mais fácil conduzir o seu trabalho sem introduzir muitas inovações. Essa resistência ao novo já é esperada pela equipe que propõe mudanças. E essa não é qualquer mudança, mas, sim, uma mudança que vai exigir do professor novas posturas e novos conhecimentos. Vai exigir, sobretudo, organização do trabalho em sala de aula, planejamento e liderança. A liderança no sentido de melhor articular as atividades propostas em sala de aula, ao contrário da liderança autoritária, do método em que o professor é o que comanda a aula, sem a legítima participação do aluno na construção do seu conhecimento. Desconstruir esses saberes e adquirir outros novos requer tempo e formação.

3. 1. 1 Objetivos específicos da ação

1. Contribuir para o processo de formação continuada de professores da Escola de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa;
2. Enriquecer as propostas metodológicas e de trabalho dos docentes em relação à metodologia da Aprendizagem Cooperativa;
3. Oportunizar vivências pedagógicas de construção do conhecimento, na formação continuada de professores.

Sabemos que, em que pese o facto de a formação continuada não resolver todos os problemas pedagógicos, ela contribui para a elaboração dos

conhecimentos teóricos e práticos dos professores, por meio de relatos de experiências, oficinas temáticas, grupos de estudo. Isso os leva a compartilhar evidências, informações e a analisar a relação dos conhecimentos estudados com os conhecimentos praticados.

Desse modo, a instituição deve oportunizar, constantemente, momentos de formação aos docentes a fim de fortalecê-los frente às resistências que surgirão ao longo do processo. É fato que, embora os sujeitos se apropriem do conhecimento com a finalidade de realizar as atividades propostas a um determinado fim, ainda assim, quando elas acontecem na prática, começam a surgir também as dificuldades que, muitas vezes, não estavam previstas no planejamento. Daí a necessidade de novas formações nas jornadas pedagógicas, novos debates que envolvam o tema em discussão, novos realinhamentos, a fim de que surjam novas propostas que contribuam para a superação desses obstáculos.

A proposta é que a equipe de gestão da escola e o professor Manoel Andrade Neto da Universidade Federal do Ceará-UFC passem a coordenar e ministrar momentos de estudos, distribuídos na jornada pedagógica que se realiza no período que antecede o início do ano letivo e em cada um dos quatro bimestres. Os encontros serão ministrados pelos gestores da escola e pela equipe da Universidade Federal do Ceará, com a coordenação do professor Manoel Andrade Neto, com todos os professores da escola, para que os docentes se apropriem, cada vez mais, dessa metodologia.

As capacitações devem seguir um cronograma contínuo, ou seja, elas acontecerão no início do ano, quando a escola se organiza para a jornada pedagógica, e durante o período letivo, em quatro encontros bimestrais. O encontro das referidas formações ocorrerá sempre ao final de cada bimestre (abril, junho, setembro e novembro), para que haja os elementos necessários à composição da pauta de estudo.

Os encontros acontecerão dentro da carga horária de planejamento dos professores. Cada professor tem, em sua carga horária, 13 horas/aulas de planejamento semanais. A escola destinará para esses encontros quatro horas aulas de planejamento e organizará o horário de forma que todos estejam disponíveis. Essa logística será possível porque cada turma tem destinado um

horário de estudo em que os alunos se organizam para fazê-lo sem a presença do professor em sala de aula.

Os momentos de formação estarão articulados com o grupo da Universidade Federal do Ceará, com o núcleo gestor da escola e o enfoque maior será na metodologia da Aprendizagem Cooperativa. A articulação para os momentos de formação com os professores da escola não se constitui um problema, uma vez que todos os professores das disciplinas da Base Nacional Comum estão lotados com uma carga horária de 40 horas aulas mensais. Com essas mesmas cargas horárias, estão também os professores coordenadores das disciplinas técnicas.

Para o grupo dos educadores da Universidade Federal do Ceará, que, embora desenvolvam um trabalho sistemático na escola, não são funcionários da instituição, ficará acordado que a escola se adequará à disponibilidade desses educadores, uma vez que a sua contribuição será de grande valia para esse processo de formação.

Os estudos serão feitos através de quatro oficinas teóricas e, principalmente, de oficinas práticas, distribuídas nos meses de abril, junho, setembro e novembro. As oficinas teóricas serão destinadas ao estudo dos temas referentes à Aprendizagem Cooperativa em sala de aula, presentes no roteiro de aula de Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa (divisão de grupos, contrato de cooperação, meta coletiva, divisão de papéis, processamento de grupo de células, processamento de grupo da sala etc). As oficinas teóricas darão suporte para os educadores assimilarem os fatores fundamentais necessários à prática de um processo cooperativo. Já as oficinas práticas fornecerão ao professor a oportunidade vivenciar o próprio método através de simulações de aulas e dinâmicas com os colegas.

Uma maneira eficaz de trabalhar os referidos temas é interpelar o corpo docente frente ao trabalho com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa, propondo questões como: a necessidade de os educadores propiciarem um espaço para que, nas aulas, aconteça um trabalho democrático; a promoção do trabalho em grupo e da autonomia no que se refere à aprendizagem cooperativa; a necessidade de se verificar se a experiência grupal vem promovendo o crescimento pessoal dos sujeitos; a importância da avaliação individual inserida no trabalho em grupo; a análise que se pode fazer acerca da

experiência grupal. Questões como essas permitem melhorar o desempenho do docente a partir da análise, da reflexão, da crítica e da autoevolução.

Após a exposição desses conteúdos, como fora mencionado, serão realizadas oficinas práticas, mostrando como essa teoria pode ser aplicada em sala de aula.

Todas as formações serão realizadas na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, que pode disponibilizar toda a infraestrutura necessária para eventos dessa natureza. A escola também disponibiliza equipamentos de multimídia que serão utilizados: caixa de som, microfones, data show. Os encontros acontecerão no auditório da escola.

Para que esse trabalho seja desenvolvido, os custos serão exclusivamente com a reprodução do material que será utilizado pelos professores. Os recursos utilizados serão do projeto de manutenção da escola. A escola destinará 30 resmas de papel para a confecção do material que será distribuído aos professores. O custo do papel será de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais).

Quadro 03 - Ação 01 - Promover capacitações constantes da metodologia da Aprendizagem Cooperativa com os docentes da escola

O QUÊ?	QUANDO	AÇÃO	POR QUÊ?	QUEM?	CUSTO
Promover capacitações continuadas da metodologia da Aprendizagem Cooperativa com os docentes da escola.	Abril/2015	Sensibilização sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa. História do PRECE.	Muitos professores não conhecem, de forma satisfatória, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa, prejudicando, assim, o processo dentro da escola.	Núcleo gestor e equipe da Universidade Federal do Ceará.	R\$ 450,00
	Junho/2015	Aprendizagem Cooperativa em sala de aula: Divisão de grupos; divisão de papéis.		Núcleo gestor e equipe da Universidade Federal do Ceará.	
	Setembro/2015	Aprendizagem Cooperativa em sala de aula: Contrato de cooperação; meta coletiva.		Núcleo gestor e equipe da Universidade Federal do Ceará.	
	Novembro/2015	Aprendizagem Cooperativa em sala de aula: processamento de grupo de células; processamento de grupo de sala; avaliação do grupo; avaliação individual.		Núcleo gestor e equipe da Universidade Federal do Ceará.	

Fonte: Elaboração própria da autora

Para que a estratégia da aprendizagem cooperativa seja desenvolvida na sua plenitude, o professor deverá seguir determinados procedimentos, para conseguir atingir o sucesso pretendido. Portanto, essa ação de trabalho tem por objetivo capacitar todos os professores da escola, incluindo principalmente os professores da base técnica, os quais desconhecem o método aplicado na escola e que, de certa forma, podem vir comprometer a qualidade do projeto.

3.2 Ação 2 - Criar uma coordenação de articulação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada pelos professores da base comum com os professores da base técnica

A criação de grupo articulador, composto pelos Coordenadores Escolares e Professores da Base Comum, tem a função de promover a integração entre as diversas áreas, de mobilizar, de incentivar e de promover momentos de socialização das experiências vivenciadas pelos professores, principalmente no que se refere à metodologia da Aprendizagem Cooperativa.

O certo é que muitos professores não utilizam estratégias de aprendizagem cooperativa porque ainda não se sentem familiarizados com a metodologia. Portanto, a integração das áreas é a ideia que move essa ação. É possível minimizar essas dificuldades apontadas pelos docentes e reconhecidas pelo núcleo gestor da escola e os orientadores da metodologia da Aprendizagem Cooperativa da Universidade Federal do Ceará, quando se coloca como meta um trabalho integrado, em que se compartilha conhecimento, experiências e ações na perspectiva do sucesso do aluno.

Para que isso ocorra, é preciso que se oriente um trabalho com os educadores, como se faz com os alunos em sala de aula. No grupo de educadores, também há aqueles que detêm um maior conhecimento no trabalho com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa, na convivência com os alunos, na relação interpessoal com os colegas e tudo isso pode ser aprendido à medida que se tem o interesse em compartilhar. Portanto, essa é a ideia que justifica a criação desse grupo, que poderia ser chamado também de célula cooperativa. É a corresponsabilidade do educador com o processo. A escola só estará aplicando bem o método quando todos se empenharem nesse processo.

3.2.1 Objetivos específicos da ação

1. Possibilitar a formação em serviço dos profissionais da educação, incluindo os professores da área técnica, com vistas ao conhecimento dos processos metodológicos que orientam a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula;

2. Promover a construção de práticas integradas dentro da escola, articulando a metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada em sala de aula pelos professores que lecionam as disciplinas da Base Nacional Comum com os professores que lecionam a base técnica;
3. Desenvolver na escola um clima favorável à pesquisa e à busca de soluções para os problemas vivenciados na rotina escolar que envolve a Aprendizagem Cooperativa, bem como os desafios e possibilidades.

O objetivo desta ação é criar uma equipe que seja composta pelos diversos segmentos da escola para pensar, planejar, propor e avaliar ações interventivas que possibilitem a articulação do modelo da Aprendizagem Cooperativa entre os professores que lecionam as disciplinas da base técnica e os professores que lecionam as disciplinas da Base Nacional Comum. Deve-se levar em conta a formação técnica desses profissionais, que é imbuída dos ideais de racionalidade e objetividade.

A equipe gestora da instituição coordenará, juntamente com representantes de cada segmento da escola, momentos de estudo com os professores da base técnica. Os membros coordenadores desse processo serão escolhidos pelos colegas e a equipe gestora manterá permanente apoio ao trabalho. Cada grupo permanecerá na função por um período de um ano, podendo ser reconduzido por mais um ano. Após dois anos de exercício na função, um novo grupo será constituído.

O rodízio pode ser uma estratégia interessante, porque possibilita que todos que fazem parte do grupo possam passar por essa experiência. No caso de haver rotatividade dos professores, ou seja, de algum deles ser transferido para outra unidade de ensino, será substituído por um colega.

Os encontros serão quinzenais, no horário de planejamento de área, que acontecem semanalmente e que contam com cinco horas de planejamento para cada área específica. A condução desses momentos ficaria por conta dos Coordenadores Escolares e dos professores escolhidos pelo grupo.

As ações dessa equipe devem ser planejadas com base na análise apontada pelos professores das disciplinas técnicas referentes às suas dificuldades de vivenciarem a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula e com base, também, nas dificuldades apontadas pelos professores da Base Nacional Comum, que têm a experiência do PRECE, mas

que apontaram algumas dificuldades com a metodologia quanto à sua aplicação em uma escola regular de ensino.

De acordo com os estudos realizados, foi possível notar que o PRECE possui diferenças significativas do modelo de Aprendizagem Cooperativa que se deseja implementar em uma escola regular com todas as formalidades previstas em lei. Portanto, as dificuldades podem surgir mesmo com aqueles que já conhecem um pouco, ou até mesmo muito, da metodologia.

As ações interventivas propostas deverão promover maior integração entre as duas áreas do conhecimento, Base Nacional Comum e Técnica, buscando a construção de práticas integradoras no seio da escola, que sejam capazes de construir maiores possibilidades de participação dos professores técnicos na aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula.

As ações interventivas serão planejadas nos encontros que acontecerão a cada bimestre, durante o planejamento de área que já acontece semanalmente na escola. Na terça-feira, os professores da área de Linguagens e suas Tecnologias, na quarta-feira se reúnem os professores da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, na quinta-feira, é a área de Ciências Humanas e suas tecnologias e, na sexta-feira, é a vez dos professores da área técnica. Todo o processo será registrado em ata.

Nesse sentido, a partir das necessidades observadas, a equipe deve propor ações de formação, informação e de mudanças na estrutura de planejamento dos professores. Levando-se em conta a formação técnica desses profissionais, é pertinente uma formação mais humanística, centrada em uma aprendizagem voltada para a interação social. A escola terá como gasto a reprodução de material para a realização da formação que será realizada com recursos da própria instituição.

Quadro 04- Ação 02- Criar uma coordenação de articulação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada pelos professores da base comum com os professores da base técnica.

O QUÊ?	QUANDO	AÇÃO	POR QUÊ?	QUEM?	CUSTO
Criar, na escola, uma coordenação para efetivar a articulação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada pelos professores da base comum com os professores da base técnica.	Março/ 2015	Estudo dos cinco elementos básicos da Aprendizagem Cooperativa: interdependência positiva; responsabilização individual; interação promotora; habilidades sociais e processamento de grupo.	Levando-se em conta a formação técnica desses profissionais, é pertinente uma formação mais humanística, centrada numa aprendizagem voltada para a interação social.	Coordenadores Escolares e 01 Professor da Base Comum de cada área do conhecimento	R\$ 450,00
	Maior/ 2015	Oficina prática sobre o tema: Divisão de grupos; divisão de papéis.		Coordenadores Escolares e 01 Professor da Base Comum de cada área do conhecimento	
	Agosto/ 2015	Oficina prática sobre o tema: Contrato de cooperação; meta coletiva.		Coordenadores Escolares e 01 Professor da Base Comum de cada área do conhecimento	
	Outubro/ 2015	Oficina prática sobre o tema: processamento de grupo de células; processamento de grupo de sala; avaliação do grupo; avaliação individual.		Coordenadores Escolares e 01 Professor da Base Comum de cada área do conhecimento	

Fonte: Elaboração Própria da autora

Essa ação oportunizará aos professores técnicos a compreensão de que a aplicação da Aprendizagem Cooperativa na educação formal é

importante não só para a obtenção de ganhos em relação ao próprio processo ensino-aprendizagem, mas também na preparação dos indivíduos para situações futuras no ambiente de trabalho. Portanto, os professores técnicos devem assimilar essa metodologia e perceber que ela facilitará também o ingresso dos alunos no mercado de trabalho. Isso poderá promover o engajamento dos referidos profissionais nesse processo.

3.3 Ação 3: Criar junto à Secretaria de Educação Municipal uma equipe de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas municipais

Divulgar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa junto às escolas da rede municipal é uma estratégia que vai contribuir para disseminar, cada vez mais cedo, a essência do saber coletivo e diminuir a resistência dos alunos ao método, uma vez que a tendência natural será eles buscarem a EEEP Alan Pinho Tabosa como escola de referência no município para dar prosseguimento aos estudos.

Como a educação é um processo contínuo, articular ações que possibilitem o surgimento de um processo integral é trabalhar a favor de um resultado cada vez mais concreto e positivo.

3.3.1 Objetivos específicos da ação

1. Divulgar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em todas as esferas do setor educacional do município;
2. Aproximar a Aprendizagem Cooperativa das redes de ensino, para que o aluno não demonstre tanta resistência ao se deparar com processos tão diferenciados;
3. Disseminar, cada vez mais cedo, a essência do saber coletivo, a fim de facilitar todo o processo referente à Aprendizagem Cooperativa.

Na implementação de qualquer proposta pedagógica que tenha implicações em novas posturas frente ao conhecimento, conduzindo a uma renovação das práticas no processo ensino-aprendizagem, é necessária a sua divulgação desde o início do processo educacional.

A equipe gestora da escola articulará, junto à Secretaria Municipal de Educação, dois momentos de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa, principalmente entre os professores da rede municipal, que acontecerão no início do ano letivo e no segundo semestre, no auditório da EEEP Alan Pinho Tabosa. Essa ideia vem sendo concretizada na rede de educação estadual, desde o ano de 2008, inicialmente com a formação dos gestores, coordenadores pedagógicos, coordenadores dos Centros Educacionais de Desenvolvimento da Educação- CREDES, Diretores de Turmas e alunos através do Professor Manoel Andrade Neto e da Célula de Protagonismo Juvenil da SEDUC.

Envolver a Secretaria de Educação Municipal de Pentecoste nessa atividade de trabalhar com a possibilidade de divulgação e formação, nas escolas da rede municipal de ensino, do método da Aprendizagem Cooperativa, poderá ser uma estratégia a mais na socialização de uma ideia que já permeia o município com a experiência do PRECE. O público recebido pela escola é oriundo da rede municipal de ensino, portanto, é essencial que as metodologias de ensino das duas esferas se aproximem, para que o aluno não demonstre tanta resistência ao se deparar com processos tão diferenciados.

3.3.2 Metodologia

O primeiro momento deve acontecer no encontro geral de professores da Rede Municipal de Ensino, no período que antecede o início do ano letivo. Após esse momento, a equipe gestora da escola e os articuladores municipais (secretário de educação, diretores de escola, coordenadores pedagógicos) farão duas visitas às escolas, de forma a contemplar todo o quadro efetivo de escolas do município.

Não haverá gasto financeiro para a Secretaria de Educação Municipal e nem para a escola, visto que o processo se dará através de palestras e oficinas. A função da Secretaria será escolher o público de professores e

coordenadores que farão parte dos dois momentos planejados. Essa articulação será feita através dos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas municipais junto aos seus professores. Portanto, será essa a contrapartida da Secretaria Municipal de Educação.

Quadro 05- Ação 3: Criar junto à Secretaria de Educação Municipal uma equipe de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas municipais.

O QUÊ?	QUANDO	AÇÃO	POR QUÊ?	QUEM?	CUSTO
Criar, junto à Secretaria de Educação Municipal, uma equipe de divulgação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas municipais.	Janeiro/ 2015	Sensibilização com os gestores, coordenadores e professores da rede municipal. Estudo sobre a história do PRECE no Ceará. Estudo sobre o modelo da metodologia da Aprendizagem Cooperativa implementada na EEEP Alan Pinho Tabosa.	O público recebido pela escola é oriundo da rede municipal de ensino, portanto é essencial que as metodologias de ensino das duas esferas se aproximem, para que o aluno não demonstre tanta resistência ao se deparar com processos tão diferenciados.	Equipe gestora da escola e os articuladores municipais: secretário de educação, gestores escolares e coordenadores escolares.	Não haverá custos
	Agosto/ 2015	Estudo dos cinco elementos básicos da Aprendizagem Cooperativa: interdependência positiva; responsabilização individual; interação promotora; habilidades sociais e processamento de grupo. Oficina prática sobre o tema: Divisão de grupos; divisão de papéis.			

Fonte: Elaboração Própria da autora

O sucesso na implementação de um plano de ação vai depender do envolvimento dos sujeitos no cumprimento das atividades propostas para a

efetivação do plano. Daí ser necessário o desprendimento de esforços para que as ações sejam incorporadas por todos aqueles que estão implicados na sua implementação.

Os momentos de avaliação das ações deverão ser constantes. A avaliação deve ser uma janela aberta, através da qual seja possível entrar e alterar as práticas pedagógicas. Essa deve existir no sentido da revisão do projeto que se tem pensado para o cotidiano escolar. Sem essa etapa, o processo fica incompleto. A cada momento avaliativo, novas intervenções devem ser inseridas para que as ações pensadas possam ser efetivadas com resultados satisfatórios.

Espera-se, com a realização dessas formações, que, quando os professores conhecerem bem as orientações mais gerais do processo metodológico da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula e socializarem experiências práticas, novas iniciativas sejam planejadas. Sendo assim, no que concerne à realização dessas formações, fica claro que elas devem ser utilizadas no sentido de aproximar aquilo que é estudado da realidade prática em sala de aula, o que pode ajudar a diminuir a queixa dos professores de que, a despeito do fato de o método da Aprendizagem Cooperativa na escola formal estar distante do método vivenciado no PRECE, não é impossível de ser implementado também nessa nova realidade. Para que isso aconteça, porém, faz-se necessário que os gestores da escola e os professores da Universidade Federal do Ceará deem suporte aos professores a fim de que esses trabalhem de forma colegiada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi o de apresentar uma análise do processo de implementação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa, a única escola no Ceará a utilizar o referido modelo como método de ensino. A ideia era entender como essa metodologia se desenvolve na prática cotidiana da sala de aula de uma escola formal, visto que o modelo utilizado pelo PRECE, que a inspirou, sempre esteve associada a iniciativas de aprendizagens autônomas e informais de grupos de jovens.

O primeiro capítulo discorreu sobre a origem do Programa de Educação em Células Cooperativas - PRECE, que surgiu como um programa e se transformou em um projeto de grande repercussão no Estado, ganhando espaço na Universidade Federal do Ceará-UFC e na Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC. Em seguida, é apresentado o contexto em que se deu o surgimento da EEEP Alan Pinho Tabosa, abordando sua estrutura física, assim como a implementação do método da Aprendizagem Cooperativa.

O desafio é fazer com que esse modelo passe a funcionar dentro da EEEP Alan Pinho Tabosa, como ele já funciona no PRECE.

No segundo capítulo, a pesquisa fez uma análise de dois modelos de ensino focados na Aprendizagem Cooperativa: o Programa de Educação em Células Cooperativas – PRECE e a metodologia norte-americana dos irmãos Johnson. Essa análise buscou identificar como esses métodos acima citados puderam influenciar na constituição do modelo adotado pela EEEP Alan Pinho Tabosa.

A partir dos estudos realizados sobre os modelos, podemos concluir que a metodologia norte-americana influenciou o PRECE, no atual trabalho em que o mesmo desenvolve através das Escolas Populares Cooperativas- EPC, na sistematização dos trabalhos utilizados em sala de aula, como também é uma referência significativa para a prática desenvolvida pelos professores na EEEP Alan Pinho Tabosa, permitindo um norte para o planejamento e o bom desenvolvimento da metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula.

O capítulo 2, por sua vez, procede também a um resgate histórico das políticas de ampliação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa

vivenciada pelo PRECE desde 1994, contextualizando os diversos momentos vivenciados por essa ação que sempre buscou a inclusão dos que não tiveram escola ou condições de dar continuidade aos seus estudos. Nesse sentido, procurou contextualizar a Aprendizagem Cooperativa como um modelo de educação que almeja à integralidade humana, por meio do desenvolvimento das inúmeras capacidades e habilidades necessárias a uma formação ampla e global.

Além do PRECE, é feita também a contextualização da Aprendizagem Cooperativa dos irmãos Johnson. Com base nos resultados, nas observações que foram realizadas, foi possível perceber que, embora a escola esteja planejada e cercada de apoios pedagógicos, como SEDUC e UFC, muitas dificuldades ainda se apresentam na implementação do modelo metodológico. Dentre essas dificuldades, a formação de todos os professores, mas principalmente a formação dos professores da base técnica tem ficado a desejar e carece de um olhar especial nesse sentido, para que não se corra o risco que a verdadeira integração entre as áreas do conhecimento e a base técnica se perca em meio ao ativismo da escola, vindo a comprometer a implementação desse projeto. Ficou evidente que, mediante a complexidade do método aplicado na escola, os professores e alunos deveriam buscar um suporte pedagógico na própria escola que tivesse como função realizar a interação entre eles, base comum e base técnica. Caso contrário, a escola estaria reproduzindo o modelo tradicional e reforçando a dualidade do ensino técnico, quando o propósito das escolas profissionais do Ceará é a integração dos currículos aliado a um método inovador nas escolas regulares de aprender cooperativamente.

Nessa perspectiva, o capítulo 3 apresenta o Plano de Ação Educacional PAE, com o qual se busca contribuir com ações que sejam concretas para a melhoria da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na escola e que possam minimizar os problemas encontrados ao longo do estudo.

A construção desse novo modelo de ensino e aprendizagem que vem se desenvolvendo na EEEP Alan Pinho Tabosa permite que se conclua que, apesar de receber influências pedagógicas dos dois modelos aqui estudados e mais fortemente do modelo norte-americano no que diz respeito à sistematização dos processos que ocorrem nos planejamentos e na prática em

sala de aula, o que sustenta mais firmemente a ideia é a motivação que vem do PRECE. A experiência do PRECE é viva, real, as pessoas existem e são modelos de superação para muitos jovens da comunidade em que a escola está inserida.

LISTA DE ENTREVISTADOS

ALMEIDA JUNIOR, José Fernando. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

ANDRADE, Geisiane Alves de. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

ANDRADE NETO, Manoel. **Entrevista realizada em 07 de maio de 2014.** Fortaleza-Ce, 2013.

COSTA, Fábila. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

CRUZ, Renato Corrêa. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

GOMES, Ainoan Farias. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

LUZ, Elton Lopes Luz. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

MACIEL, Janayna de Sousa. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

MORAES, José Jocélio Simplício de. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

RAMOS, Tony Wérison de Sousa. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste, 2013.

SOUZA, Daiana Paula Rodrigues de. **Entrevista realizada em 08 de outubro de 2013.** Pentecoste-Ce, 2013.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel, Reflexões críticas sobre o pensamento de D. Shon e os programas de formação de professores. **Revista da Faculdade de Educação**, USP, v, 22, n, 2., p, 11-42, 1996.

ANDRADE NETO, Manoel; MAZZETO, Selma Eliane. Mútua Cooperação entre estudantes como estratégia de inclusão através da educação. **PerCursos**, 2007.revistas.udesc.br. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1502/1268> Acesso em: 10 de fevereiro de 2014.

ANDRADE. R.B. **A política de Educação Profissional no Brasil e no Ceará**: o desafio da articulação do Ensino Médio com a Educação Profissional. UECE, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/esc/v26n92/v26n92a17.pdf>> Acesso em: 06 set. 2013.

APRENDIZAGEM COOPERATIVA. - Escolas do Brasil. Disponível em: <<http://www.escolasdobrasil.blog.br/?tag=aprendizagem=cooperativa>>. Acesso em 10 set. 2013.

APRENDIZAGEM COOPERATIVA-Comunidades de Aprendizado: Criando Conexões entre Estudantes, Professores e Disciplinas. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=52>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

BARBOSA, RMN; JÓFILI, Z. **Aprendizagem cooperativa e ensino de Química Parceria que dá certo.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n1/04.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer 39/2004. Aplicação do decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004 na Educação Profissional Técnica de nível Médio e no Ensino Médio.* Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 42 da Lei Federal nº 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1997.

_____. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os art. 39 a 41 da Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 2004.

_____. **Decreto nº 6.302, de 12 de dezembro de 2007.** Institui o Programa Brasil Profissionalizado. Brasília, 2007a.

_____. **Lei nº 11.741 de 16 de julho de 2008.** Altera dispositivos da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da Educação Profissional Técnica de nível médio. Brasília, 2008.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. **Proposta para Discussão:** Políticas públicas para a Educação Profissional e tecnológica. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, MEC, 2004.

_____. SETEC. Educação Profissional Técnica de nível médio integrado ao Ensino Médio. **Documento base.** Brasília, 2007b.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**, Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CEARÁ, Secretaria de Educação. Coordenadoria da Educação Profissional. **Referenciais para as EEEPS** –, 2013.

_____. **Ensino Médio e Educação Profissional.** SEDUC, 2008.

_____. Plano de Ação Educacional: orientações gerais para produção de trabalhos acadêmicos. IN: **Plano de Ação Educacional:** orientações gerais. BERNARDES, ClingerCleir Silva [et al.]. 1.ed. Juiz de Fora: FADEPE, 2009.

_____. **Referenciais Para a oferta do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional da Rede Estadual de Ensino do Ceará.** Fortaleza: SEDUC, 2010.

CIOLA, Ana Carla Lanzi. **Autonomia e estratégias de aprendizado.** Disponível em: <<http://www.abrapa.org.br/cd/pdfs/Ciola-AnaCarla.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

CNE. Câmara de Educação Básica. **Parecer 39/2004. Aplicação do decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004 na Educação Profissional Técnica de nível Médio e no Ensino Médio.** Brasília, 2004.

CONEXÕES DOS SABERES. **Caminhadas de Universitários de origem popular- Universidade Federal do Ceará.** Disponível em: <<http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/includes/publicacoes/9bb675197f0651cdb851622a294fda6f.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática.** Salvador, Fundação Odebrecht, 1996.
COSTA, Antônio Carlos Gomes. **O futuro da cultura Odebrecht – a perpetuação do espírito da TEO (Apostila).** Modus Faciendi. Jan./2006.

COUTINHO, Clara Pereira; CHAVES, José Henrique. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, 2002, nº15, p. 221-243.

ENCONTRO CEARENSE DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA. Disponível: <<http://www.seduc.ce.gov.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GALVÃO, Erica Cristiane Belon. **Aprendizagem Cooperativa e Comunidades de Práticas**: possibilidades para a Educação Sócio comunitária. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012.

IBGE. **Catálogo**: Pentecoste/CE. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/detalhes.php?id=3515>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ICE. Instituto de Co-responsabilidade pela Educação. **Escolas em Tempo Integral**: apresentação. Disponível em: <<http://www.icebrasil.org.br>>. Acesso em: 03 fev. 2011a.

ICE. Instituto de Co-responsabilidade pela Educação. **Escolas em Tempo Integral**: Histórico. Disponível em: <<http://www.icebrasil.org.br>>. Acesso em: 03 fev. 2011b.

JOHNSON, D.W.; JOHNSON, R.T.; KARL, A. Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades: qual é a evidência de que funciona? **Smith in Change**. Vol. 30. Issue4. Julho/Agosto 1998. Disponível em: <<http://www.andrews.edu/~freed/ppdfs/readings.pdf>> Acesso em: 18 jan. 2013.

LIMA, Ivaneide Pereira de. **Manual Operacional. Modelo de Gestão – Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional**: Uma Nova Escola para a Juventude Brasileira - Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Instituto de Co-responsabilidade Pela Educação – ICE. Arquivo Disponível em: <http://www.ccv.ufc.br/newpage/conc/seduc2010/Manual_ModeloGestao.pdf>. Acesso em: 06 set. 2013.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos. **A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula - Um Guia Prático para o Professor**. Porto: Lidel- Edições Técnicas Ltda, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D. **A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Inácio: E.P.U., 1986.

LUZ, Elton Lopes. PRECE- Programa de Educação em Células Cooperativas: um movimento de educação para a autonomia. **Monografia de conclusão de curso**. Fortaleza: UFC, 2006.

MENEZES, EbenezerTakunode; SANTOS, Thais Helena dos. "Aprendizagem cooperativa" (verbete). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educa Brasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario>> Acesso em: 7 set. 2013.

MIRANDA, Carmen Silvia Nunes de; BARBOSA, Marília Studart e MOISES, Talita Feitosa de. A aprendizagem em células cooperativas e a efetivação da aprendizagem significativa em sala de aula. **Rev. NUFEN [online]**. 2011, vol.3, n.1, pp. 17-40. ISSN 2175-2591. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

NETO, Manoel Andrade. **Entrevista Encantador de alunos**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

PATTON, M.Q. **Qualitative Evaluation Methods**. 7th. ed. Beverly Hills: Sage Publications, 1986.

PRECE. Programa de Educação em Células Cooperativas. **Histórico**. Disponível em: <www.prece.ufc.br>. Acesso em: 18 jan. 2013.

PROGRAD. Pró-Reitoria de Graduação. Universidade Federal do Ceará. **Coordenadorias**. Disponível em: <www.prograd.ufc.br>. Acesso em: 29 mar. 2013.

PROJETO ESTUDANTE COOPERATIVO. Disponível em: <www.estudentecooperativo.blogspot.com>. Acesso em: 30 mar 2013.

RODRIGUES, Francisco Antonio Alves. Instituto Coração de Estudante: educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste- Ceará. **Dissertação de Mestrado**. Universidade federal do ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. 2007.

SILVA, Rita de Cássia da. O desenvolvimento da autonomia em sala de aula: uma experiência com professores e alunos RPD – **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.4, n. 10, p. 16- 41, jan/abr. 2004 ISSN 1519-0919. Disponível em: <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/79>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

TRINDADE, Rui. Matéria sobre Educador aponta falta de Escola solidária. **Congresso Internacional sobre Formação de Professores**, em São Gonçalo do Amarante. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

ANEXOS:**Roteiro de entrevista**

Entrevistador (a): CORINA BASTOS BITU

Entrevistados (as): Gestores Escolares, Coordenadores de Ensino E Professores da EEEP Alan Pinho Tabosa.

Agradecimento:

Agradecer pela disponibilidade de tempo em estar recebendo e contribuindo com informações que são necessárias ao desenvolvimento da Dissertação de Mestrado da Aluna CORINA BASTOS BITU, sobre a metodologia da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.

Informar sobre a necessidade de gravação da entrevista, para organização das informações, sobre sua transcrição, análise dos resultados e utilização em citações..

Estruturação da entrevista:

I - PERFIL DO ENTREVISTADO: Nome, formação acadêmica, função desempenhada na escola, vínculo empregatício (efetivo ou temporário).

1 - Caro Gestor (a), Professor (a), inicialmente gostaria que você fizesse sua apresentação e falasse um pouco do trabalho que você realiza na escola.

II – RELAÇÃO do ENTREVISTADO com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.

ENTREVISTA:

1- Como você define a metodologia da Aprendizagem Cooperativa?

2- Qual a sua experiência com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa antes de trabalhar na EEEP Alan Pinho Tabosa?

- 3- Para você, qual a importância da metodologia da aprendizagem cooperativa para o processo ensino-aprendizagem?
- 4- Qual a importância que você atribui ao método da Aprendizagem Cooperativa para os alunos do Ensino Médio de uma escola de formação profissional?
- 5- Para você, quais as vantagens e as desvantagens da metodologia da Aprendizagem Cooperativa?
- 6- Você acredita que a metodologia da aprendizagem cooperativa favorece o nível de satisfação dos educadores da escola? Dos alunos? Dos pais?
- 7- Na sua visão, a metodologia da Aprendizagem Cooperativa tem influenciado positivamente nos resultados na aprendizagem dos alunos?
- 8- Você acredita que a escola de tempo integral é um espaço viável para o desenvolvimento da metodologia da Aprendizagem Cooperativa?
- 9- Você recebeu treinamento específico para trabalhar com a metodologia da Aprendizagem Cooperativa?
- 10- Houve resistência por parte dos professores para utilizar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula? Se houve, o que ocasionou tal rejeição?

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR MANOEL ANDRADE NETO

Data: 07 de maio de 2014

Caro professor,

Esta entrevista é de grande relevância para a obtenção de dados para o desenvolvimento da Dissertação PPGP sobre a Metodologia da Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa.

Nome do entrevistado: _____

Profissão: _____

1- Qual o papel que o senhor desempenha, atualmente, junto à Secretaria de Educação do Estado do Ceará, para disseminar a prática da metodologia da Aprendizagem Cooperativa nas escolas da rede estadual cearense?

2- A Aprendizagem Cooperativa do PRECE no Ceará, completa 20 anos de existência nesse ano de 2014. Durante a sua trajetória, ela tem conquistado espaço e credibilidade no cenário da educação cearense. Nesse contexto, a figura do senhor está sempre no centro dessa metodologia. Como o senhor define o seu papel nessa caminhada do PRECE?

3- Qual o papel que o senhor desempenha, atualmente, junto a Universidade Federal do Ceará para disseminar a metodologia da Aprendizagem Cooperativa junto aos estudantes universitários?

4- Como o senhor avalia a volta dos universitários para as comunidades natais para dar continuidade ao PRECE?

5 Os objetivos da Aprendizagem Cooperativa entre os universitários são os mesmos das escolas de nível básico?

6 Diante do estudo realizado para fundamentar o trabalho de dissertação sobre a Aprendizagem Cooperativa da EEEP Alan Pinho Tabosa, analisei as várias etapas pelas quais o PRECE passou. Qual a essência que serviu de base para todas as fases e transformações?

7- A metodologia da Aprendizagem Cooperativa foi iniciada na EEEP Alan Pinho Tabosa desde o ano de 2009. Já é possível perceber os resultados da Aprendizagem Cooperativa para a escola e para a comunidade?

8- Como o senhor avalia a implementação da metodologia da aprendizagem cooperativa dentro da EEEP ALAN PINHO TABOSA? A efetivação da aprendizagem Cooperativa em uma sala de aula regular se concretiza?

9- Como acontece o processo de formação dos professores da EEEP Alan Pinho Tabosa? Quem faz essa formação é a UFC?

10- Como é realizado o acompanhamento das referidas formações?

11- Como a metodologia da Aprendizagem Cooperativa deve ser implementada na sala de aula pelos professores?

12- Como essa metodologia da Aprendizagem Cooperativa está abordada no Projeto Político Pedagógico da EEEP Alan Pinho Tabosa?

13- Como surgiu a influência da metodologia da Aprendizagem Cooperativa norte americana na vivência do PRECE? Como os alunos devem ser avaliados em ambientes de aprendizagem cooperativa?

14- Quais foram as mudanças que ocorreram nessa metodologia em relação ao período inicial de sua implementação? Como o professor avalia esse desenvolvimento? O que possui de positivo nessas mudanças? E de negativo?